

# **Islamismo e a Cruz de Cristo**

**Silas Tostes**

## 1. INTRODUÇÃO

O nosso propósito em escrever é duplo. Primeiro, levantaremos os dados sobre os entendimentos islâmico e cristão quanto aos últimos fatos de Jesus na terra. Segundo, os avaliaremos com a finalidade de melhor preparar cristãos a comunicar a verdade cristã quanto a estes fatos a muçulmanos. Demonstraremos neste processo que a crucificação e morte de Jesus possuem as evidências do texto bíblico e evidências extra bíblicas. Enquanto que a crença islâmica de que Jesus não teria sido nem crucificado e nem morto não possui boa base de sustentação. Desta maneira, estaremos equipando melhor cristãos para compartilharem a verdade cristã sobre os últimos fatos de Jesus a muçulmanos.

### RELEVÂNCIA

Nosso assunto é muito relevante devido a vários fatores. Há um avanço numérico islâmico, há um ardor missionário islâmico em ação, há um ataque do Islamismo contra as doutrinas cristãs, há ocupação das terras bíblicas pelo Islamismo e há um avanço do movimento missionário evangélico entre os muçulmanos. Este também é relevante na evangelização de Testemunhas de Jeová, pois esta seita cristã também ataca a crucificação de Jesus. Através de uma breve explanação destes itens a seguir, ficará mais claro a relevância do assunto em questão.

Tem sido noticiado pela imprensa que o Islamismo possui muitos adeptos. Segundo Jaime Klintowitz, jornalista da Revista Veja, o Islamismo tem hoje 1,2 bilhões de adeptos.<sup>1</sup> Isto representa um quinto da população mundial. O mesmo artigo informa que o Islamismo governa cinqüenta países do mundo.<sup>2</sup>

Sabemos que o Islamismo também possui ardor missionário, esforçando-se por difundir-se em todo o mundo livre. Isto é facilmente visto por suas mesquitas construídas e inúmeros livros escritos e publicados ao redor do mundo. Há nas últimas páginas do livro *Islamismo Mandamentos Fundamentais* por Mohhamad Ahmad Abou Fares, publicado por MS Indústria Gráfica e Editora Monte Santo Ltda, vinte e cinco fotos de mesquitas construídas no Brasil. Tem sido observado por nós, que onde há uma mesquita, há também um esforço de proselitização, o qual se dá através de distribuição de livros religiosos islâmicos, doações do Alcorão, e às vezes, há também distribuição de cestas básicas para a comunidade carente local.

---

<sup>1</sup> Klintowitz, J. *Islã a Derrota do Fanatismo*. Revista Veja, São Paulo, Editora Abril, 1º de Março de 2000. p. 46.

<sup>2</sup> Ibid. p. 46.

O Islamismo tem se esmerado em atacar as doutrinas cristãs através de regulares publicações. Entre os vários livros cujo propósito é desacreditar as doutrinas cristãs, temos conosco alguns publicados em português no Brasil com este propósito. Entre eles destaco *A Bíblia, o Alcorão e a Ciência* por Dr. Maurice Bucaille. Há outros livros que se opõem as doutrinas cristãs como *O Islam e o Mundo* por Abul Hassam Annaduy e *Islam e Cristianismo* por Alfat Aziz Assamad e *Islamismo Mandamentos Fundamentais* por Mohamad Ahmad Abou Fares. São apenas alguns exemplos do que já há em português publicado pelo Islamismo para atacar e desacreditar o Cristianismo.

O Islamismo não tem somente se colocado como um desafio teológico, doutrinário e populacional a fé cristã, mas também geográfico. Podemos dizer que oitenta por cento das terras bíblicas e dos Pais da Igreja estão hoje tomadas por este sistema. Não dá para os cristãos lerem a Bíblia e ignorarem o desafio islâmico, pois as terras deste livro estão tomadas pelo Islamismo. Jesus ensinou no templo, hoje há uma mesquita construída sobre o mesmo, já por treze séculos, pelo segundo Califa Omar. Jesus nasceu em Belém da Judéia e foi criado em Nazaré. Estes lugares possuem população islâmica e estão também sob o domínio dos Palestinos. Jesus visitou Tiro e Sidom e abençoou a filha da mulher cananéia. Estes lugares são hoje o sul do Líbano, mas na prática estão sob o controle do Hezbollah. As terras dos Pais da Igreja, no Norte da África, do Marrocos ao Egito estão tomadas pelo Islamismo. Alexandria que outrora fora um grande centro teológico cristão, está sob o domínio islâmico. As terras das sete igrejas do Apocalipse estão tomadas pelo Islamismo, hoje a Turquia. Os lugares pertencentes a primeira viagem missionária do apóstolo Paulo estão sob domínio islâmico, inclusive Antioquia na Síria, de onde partiu Paulo e Barnabé para missões. Por estes exemplos, vemos que não é possível lermos a Bíblia e ignorarmos o desafio islâmico, se estivermos conscientes de onde se encontra os lugares bíblicos no mapa moderno atual.

Não se trata de querermos as terras bíblicas de volta, como se fosse justificável as cruzadas, mas estar conscientes que os lugares onde se deu a expansão e revelação cristã, estão agora sob domínio islâmico, havendo restrições para a pregação do Evangelho neste lugares, por isso, que o Islamismo também é um desafio geográfico, por impedir e proibir a pregação do Evangelho em suas terras, mesmo que outrora foram cristãs.

Nosso assunto é igualmente relevante no contexto da igreja brasileira. Esta tem se esmerado em fazer missões no mundo todo, inclusive em países islâmicos. Torna-se, portanto,

necessário entender qual é a posição islâmica quanto à crucificação e morte de Jesus. Desta maneira, o missionário cristão poderá ir ao mundo islâmico melhor preparado e equipado para apresentar os fatos sobre a crucificação e morte de Jesus, entendendo em que pé estão quanto a isto. A crucificação e morte de Jesus são fatos fundamentais da fé cristã e por isso, são muito mencionados em nossa evangelização. Qualquer oposição a estes, precisa ser bem entendida no contexto da veracidade bíblica e histórica dos mesmos, pois do contrário não estaríamos bem equipados para compartilhá-los<sup>3</sup>.

Percebemos, então, que tanto pelo desafio teológico, como populacional e geográfico, que o Islamismo representa ao Cristianismo, que se faz necessário entender o que muçulmanos dizem sobre a crucificação e morte de Jesus. Desta maneira, teremos condições de apresentar a verdade destes fatos numa perspectiva cristã, em nosso esforço de evangelização de muçulmanos, estando bem alicerçados para isto. Neste processo, também nos preparamos em parte para a evangelização de Testemunhas de Jeová.

#### PRESSUPOSTOS

O assunto da veracidade das Escrituras é importante, porém não faz parte do propósito deste trabalho. Partimos do pressuposto que a Bíblia é a Palavra de Deus e como tal é digna de toda aceitação, sendo neste status infalível em sua revelação de Deus e em suas doutrinas e informações. Esta será muito usada para comprovação da verdade cristã quanto a crucificação e morte de Jesus, porém, ressaltaremos que seu testemunho a estes fatos possui outras evidências de respeito que lhe dão muita credibilidade.

Como texto bíblico inspirado aceitamos os livros do Velho Testamento reconhecidos pelos judeus com este status. Já nos tempos de Jesus estavam divididos em três grupos: Lei, Profetas e os Escritos, sendo no total 39. Assim como os vinte e sete livros do Novo Testamento listados no Sínodo de Hippo A.D. 393. Na ocasião, estavam apenas reconhecendo que estes livros

---

<sup>3</sup> Apesar de termos em mente a capacitação de obreiros cristãos na evangelização de muçulmanos, ressaltamos que o presente trabalho, também ajuda na evangelização de Testemunhas de Jeová. Uma vez que esta seita cristã publica regularmente informações que tentam descreditar a crucificação de Jesus, tentando provar que Ele teria morrido em uma estaca. Segundo Esequias Soares da Silva, autor cristão, os Testemunhas de Jeová mudaram de cruz para estaca a partir de 1930, pois publicavam que Jesus havia morrido na cruz até esta data (Da Silva, E., S., *Como Responder às Testemunhas de Jeová, vol 1*. São Paulo, Ed. Candeia, 1995. P. 118-120). Nesta ocasião, da Silva mostrou que isto pode ser visto no livro *Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão*, p. 95.

O fato é que conforme nos preparamos para evangelizar muçulmanos, acabamos também nos capacitando em parte para a evangelização de Testemunhas de Jeová, devido as similaridades entre o Islamismo e esta seita cristã. Tanto um como outro grupo entende que Jesus não morreu crucificado e se opõem também as doutrinas cristãs quanto a veracidade das Escrituras, Trindade e Divindade de Jesus, assim como outras.

possuíam autoridade apostólica, como registrado nos escritos de Atanásio de Alexandria, Policarpo, Justino o Mártir, Irineu e Inácio. A decisão deste concílio foi promulgada quatro anos mais tarde pelo 3º Sínodo de Cartage.<sup>4</sup>

## METODOLOGIA

Utilizaremos textos escritos por muçulmanos e cristãos que representam de maneira acurada ambas as posições quanto ao que ocorreu com Jesus, em seus últimos momentos de vida. Faremos também consultas por E-mail a pessoas inteiradas neste assunto. Estes textos serão devidamente mencionados ao longo dos capítulos. Representam fontes de respeito que demonstram tanto a posição islâmica como a cristã.

Em especial ressaltamos duas fontes cristãs de pesquisa, entre as várias que serão utilizadas: 1) Confessamos uma grande dívida ao trabalho apologético de Josh McDowell, reconhecido e respeitado mundialmente como apologeta cristão, especialmente em seu debate com Ahmed Deedat, realizado em Durban, RSA, em 1981, assim como em seu livro *Evidence That Demands a Verdict*. Josh McDowell representa bem o entendimento cristão quanto a crucificação e morte de Jesus; 2) Será utilizado o livro de Gerhard Nehls, experiente apologeta cristão, *Christians Answer Muslims*, por ser muito significativo para ajudar-nos a perceber as dificuldades existentes no Evangelho de Barnabé.

Entre as várias fontes islâmicas pesquisadas, ressaltamos a importância de A. Yusuf Ali, *The Holy Qur'an*, Samir El Hayek, *O Significado dos Versos do Alcorão Sagrado*, M. Abdulaah, *What Did Jesus Really Say?* e a Ahmed Deedat, tanto pelos seus livros *Al-Qur'an The Miracle of Miracles*, como *Crucifixion or Cruci-Fiction*, como pela sua participação no debate sobre a crucificação de Cristo com Josh McDowell.

## ESBOÇO

Propomo-nos a atingir nosso alvo através do seguinte esboço geral. Abordaremos nos capítulos segundo ao quarto a posição islâmica, no quinto a cristã, no sexto faremos nossa avaliação e por fim concluiremos.

No segundo capítulo consideraremos o status do Alcorão como palavra divina revelada, segundo os muçulmanos. Isto se faz necessário pois não podemos falar de posição islâmica, se não entendermos a importância do Alcorão para eles.

---

<sup>4</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*. UK, Alpha, 1993. p. 37-38.

Após estabelecermos como o Alcorão é aceito pelos muçulmanos como palavra divina, veremos no terceiro capítulo, a importância do Sura 4:157. Este é fundamental na formação do entendimento islâmico quanto à crença de que Jesus não teria sido nem crucificado, nem morto, mas substituído. É neste verso que se encontra a chamada cláusula da substituição. Esta é entendida como contendo a informação de que Jesus foi substituído na cruz.

No quarto capítulo, abordaremos as várias teorias islâmicas de substituição. São tentativas de explicar como Jesus teria sido substituído por alguém à sua semelhança. Veremos que as teorias possuem muitas dificuldades. Nenhuma delas pode ser facilmente selecionada como uma boa opção ao que teria ocorrido com Jesus.

Entre as teorias, a mais popular e difundida é a teoria baseada no Evangelho de Barnabé, que tem sido imprimido e distribuído por centros islâmicos. Na ocasião, mostraremos que a teoria do Evangelho de Barnabé é a que mais apresenta dificuldades. Possui também problemas próprios por estar contida num livro que não possui autenticidade, segundo evidências internas e externas.

Mencionaremos também a teoria do desmaio. Não entraremos nos seus muitos detalhes, pois não é uma teoria de substituição. Não é nem islâmica e nem cristã. Contudo, sua menção se faz necessária por representar mais um esforço do Islamismo em descreditar o Cristianismo negando a morte de Jesus. Ficará claro que esta teoria não é digna de aceitação.

No quinto capítulo, abordaremos a posição cristã quanto à crucificação e morte de Jesus. Utilizaremos principalmente a resposta de Josh McDowell dada a Ahmed Deedat durante o debate que se realizou em Durban na África do Sul, em agosto de 1981.

O material apresentado por McDowell expôs, de maneira sistemática e lógica, o entendimento cristão quanto à crucificação e morte de Jesus. Demonstrou que a fé cristã possui evidências bíblicas e extra bíblicas do que ocorreu com Jesus. Sua explanação é uma relevante representação do entendimento cristão. Fortaleceremos seus argumentos com o material de outros apologetas cristãos.

Uma vez levantados os dados sobre as posições islâmica e cristã quanto à crucificação e morte de Jesus, avaliaremos o que foi descoberto.

Passemos então a definir a posição islâmica, nos capítulos 2 a 4, a cristã no capítulo 5, e a avaliação de ambas no capítulo 6. Por fim, teceremos nossa conclusão no sétimo capítulo.

## 2. O ALCORÃO: A FONTE DA CRENÇA ISLÂMICA DE UMA CRUCIFICAÇÃO APARENTE

Neste capítulo abordaremos a importância do Alcorão<sup>5</sup> para os muçulmanos como palavra de Deus<sup>6</sup>. Tendo estabelecido isto, criamos as condições para entender porque o Sura 4:157 é o fundamento da crença islâmica, onde sustenta que Jesus não morreu, mas foi substituído na cruz. Jesus teria sido só aparentemente crucificado.

Os muçulmanos crêem que o Alcorão foi revelado milagrosamente por Alá a Mohammad. Alegam que ele o recebeu em fragmentos, ao longo dos 23 anos de revelações por meio de Gabriel. Este teria transmitido a Mohammad o que estava nas Tábuas Eternas, deixando o Alcorão à humanidade como um legado.

No folheto número 2, publicado pelo Centro de Divulgação do Islã para a América Latina, temos a posição islâmica quanto à natureza do Alcorão como palavra divina. O Alcorão é descrito como o último livro revelado. Tem sido preservado por Alá, para ser o livro de orientação para toda a humanidade,

...o derradeiro livro revelado, o Alcorão, existe na sua forma original. O próprio Deus garantiu a sua preservação e, por isso, o Alcorão foi totalmente escrito durante a vida do profeta Mohammad (Deus o abençoe e lhe dê a paz), embora isso fosse feito em fragmentos separados de folhas de palmeiras, pergaminhos, ossos, etc. Além disso, havia muitos companheiros do profeta que aprenderam o Alcorão de cor, e o próprio profeta costumava recitá-lo perante o arcanjo Gabriel, uma vez por ano, e duas vezes quando já estava para morrer.... O Alcorão foi meticulosamente preservado porque seria o livro de orientação para toda a humanidade em todos os tempos que viriam e não de vir.<sup>7</sup>

A idéia do folheto nº 2, portanto, é afirmar que o Alcorão tem sido revelado e preservado sem corrupção. No processo de Mohammad recebê-lo, através do anjo Gabriel, nada se perdeu. Muçulmanos crêem que Alá o preservou através de fragmentos de folhas de palmeiras, pergaminhos e ossos, por meio da regular recitação da revelação por Mohammad

---

<sup>5</sup> Todas as passagens do Alcorão citadas serão da tradução feita para o português pelo prof. Samir El Hayek, intitulada, *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. Foi publicado por Marsam Editora Jornalística Ltda, SP, Brasil, em 1994.

<sup>6</sup>Segund Ali, A. Yusuf, *The Holy Qur'an*, p. 128, ao comentar o Sura 3:23 na nota 366, mostra que muçulmanos acreditam que os judeus e cristãos possuíam somente parte da revelação através de seus livros, Lei de Moisés e Evangelho de Jesus (que no entendimento islâmico era apenas um livro que Jesus recebeu de Alá, como Mohammad recebeu o Alcorão). Diz que o Alcorão é a completa revelação de Alá. A seguir na nota de no. 367, expressa a idéia de que judeus teriam corrompido as Escrituras. Esta idéia é muito comum entre muçulmanos, pois acreditam que tanto judeus como cristãos corromperam suas Escrituras. Eram somente parte da revelação, foram, por fim corrompidas também.

diante do anjo Gabriel e mediante os vários companheiros de Mohammad que possuíam a revelação decorada. A idéia islâmica, portanto, é a de que não há influência humana no livro, sendo este totalmente de origem divina.

O Sura 29:51 diz que o Alcorão foi revelado por Alá: "Não lhes basta, acaso, que tenhamos revelado o livro, que lhes é recitado? Em verdade, nisto há mercês e mensagem para os fiéis." Após citar esta passagem, Ahmed Deedat, famoso apologeta muçulmano do Centro Internacional de Propagação Islâmica de Durban, África do Sul, autor de vários livros, afirmou que há duas provas para a autoria divina do Alcorão. A primeira baseia-se no fato de que Mohammad era analfabeto, e assim não poderia ter produzido um livro. A segunda baseia-se na falta de discrepâncias no Alcorão. Apesar de que não entraremos no mérito de haver ou não discrepância neste livro, tomamos, a opinião de Ahmed Deedat para ilustrar o ponto de vista islâmico, quanto à autoria divina da revelação alcorânica.

Como prova da autoria divina e da natureza milagrosa do Alcorão Santo, dois argumentos nos são dados pelo próprio Todo Poderoso, 1) que *te tenhamos*, (no Sura 29:51), se refere ao fato que o Todo Poderoso revelou o livro, a um homem totalmente analfabeto, que não podia nem mesmo assinar seu próprio nome, então, o Todo Poderoso testifica que Mohammad não poderia ter composto o livro, "E nunca recitastes livro algum antes deste, nem o transcreveste com a tua mão direita; caso contrário, os difamadores teriam duvidado."(Sura29:48) O autor do Alcorão esta arrazoando conosco, que se Mohammad fosse culto, e se soubesse ler e escrever, então neste caso, teriam razão os acusadores em duvidar de sua reivindicação, de que o Alcorão era a palavra de Deus...; 2) o livro? Sim, o livro possui a evidência de que é de autoria divina. Estude-o de qualquer angulo. Escrutine-o. Por quê não aceita o desafio do autor se tem alguma dúvida? "Não meditam, acaso, no Alcorão? Se fosse de outra origem, que não de Deus, haveria nele muitas discrepâncias, (Sura 4:82)".<sup>8</sup>

Está claro pela declaração de Deedat, portanto, o quanto a posição islâmica sustenta que o Alcorão é palavra de Deus, revelada a um profeta analfabeto que não poderia ter inventado-a. Isto é uma prova de sua autoria divina.

Na introdução ao Alcorão no Mishkat, livro que contém inúmeras tradições islâmicas<sup>9</sup>, expressa-se também a posição islâmica quanto à origem divina do Alcorão. Desde

---

<sup>7</sup> *Folheto No. 2* Publicado pelo Centro de Divulgação do Islã Para a América Latina.

<sup>8</sup> Deedat, A. *Al-Qur'an The Miracle of Miracles*. Durban, Islamic Propagation Centre International, 1997. p. 9-10.

<sup>9</sup> É nas tradições islâmicas que se encontram as histórias aceitas pelo muçulmanos quanto à vida de Mohammad, de onde extraem, por citações diretas ou por exemplo, qual era o entendimento de Mohammad sobre um determinado assunto. Isto é muito relevante, pois o profeta islâmico é considerado como exemplo a ser seguido em todos os aspectos da vida, Sura 33:21. Seguí-lo garante ao muçulmano estar bem no julgamento, "Realmente, tendes no Mensageiro de Deus um excelente exemplo para aqueles que esperam contemplar a Deus, deparar-se com o Dia do



que Mohammad o recebeu ao longo de 23 anos, através do anjo Gabriel, que recitava a revelação divina retirada das Tábuas eternas que desceram, esta foi preservada com exatidão.

O Alcorão Santo é o guia dos muçulmanos.... É uma revelação do Todo Poderoso com as palavras exatas do que é agora encontrado. O Alcorão desceu (as Tábuas eternas desceram à atmosfera terrestre) e certamente é a revelação do Senhor dos Mundos em clara linguagem árabe. O Espírito fiel (anjo Gabriel) desceu com isto (o Alcorão) sobre seu coração para que possa ser um exortador - Sura 26:192-195. Os versos do Alcorão foram proferidos pelo Santo Profeta, cujo coração recebeu as revelações de Deus através do anjo Gabriel.... O Alcorão não foi revelado de uma vez, mas em fragmentos no curso da carreira apostólica do profeta, ao longo de vinte e três anos, treze anos em Meca e dez em Medina.<sup>10</sup>

Temos um outro testemunho quanto à origem divina do Alcorão e seu “status” como palavra e revelação de Deus, dado pelo Sheikh Mahairi, que por muitos anos foi líder da mesquita em Meca.

O último dos livros celestiais..., Alá falou realmente através do Alcorão.... Alá revelou o Alcorão ao céu planetário (atmosfera terrestre) na noite do Kadr (ou seja, fez descer as Tábuas eternas nesta noite durante o mês de Ramadã).... Tendo Alá honrado essa noite com o Alcorão.... Através do anjo da revelação, Gibril, Alá fez o Alcorão chegar (revelando-o) ao seu profeta Muhamad dentro do lapso de vinte e três anos.<sup>11</sup>

A noite de Al- Kadr, a noite do decreto, é uma específica noite no mês de Ramadã. Muçulmanos crêem que nela as Tábuas eternas foram descidas por Alá do céu mais elevado ao mais baixo, à atmosfera terrestre. A partir daí, Alá revelou o livro através do anjo Gabriel como agente da revelação, que ditou o que estava nas Tábuas Eternas ao profeta Mohammad, ao longo de vinte três anos. Os muçulmanos não tem certeza da data exata desta noite, podendo ser um dos dias ímpares de 23 a 27 do mês de Ramadã.<sup>12</sup>

O Sheikh Mahairi expressa as mesmas idéias encontradas no folheto nº 2, do Centro de Divulgação do Islã para a América Latina, e no Mishkat. Ou seja, o Alcorão é palavra divina

---

Juízo Final, e invocam a Deus com frequência”, (Sura 33:21). É nas tradições que constam os detalhes da vida islâmica, como por exemplo, orar cinco vezes ao dia com todos seus aspectos, seguindo o exemplo de Mohammad. Xiítas e Sunitas diferem quanto ao que sejam as tradições aceitas. Entre os Sunitas, Albukari (870 A.D.) é o coletador de tradições mais aceito. Sua coletânea de tradições pode ser encontrada em CD. As tradições são muito importantes para os muçulmanos, seriam como seus comentários aprovados, de onde extraem o sunnah (o exemplo) do profeta.

<sup>10</sup> Nehls, G. Eric W. *Islam As It Sees Itself As Others See it As It Is. Life Challenge*, Nairobi, 1994. p. 57.

<sup>11</sup> S, Mahairi. A. S. *O Caminho Para o Islamismo*. São Paulo, Centro de Divulgação do Islã Para A América Latina, 1977. p. 15-16.

<sup>12</sup> Ali, A. Y. *The Holy Qur'an*. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International. 1993. p. 1765.

revelada ao profeta Mohammad, através do anjo Gabriel, tendo sido seu conteúdo preservado sem corrupção.

Com mais clareza, temos no Sura 2:97, a informação de que Gabriel foi o agente de toda a revelação divina ao profeta Mohammad, "Dize-lhes: quem for inimigo de Gabriel, saiba que ele, com o beneplácito de Deus, impregnou-te (o Alcorão) no coração, para corroborar o que foi revelado antes; é orientação e alvíssaras de boas novas para os fiéis." Hayek<sup>13</sup>, comentando este verso, afirma que, "Uma parte dos judeus, no tempo de Mohammad, ridicularizava a crença muçulmana de que o anjo Gabriel trouxera as revelações ao profeta..."<sup>14</sup>

Pelo que se encontra no Sura 85:21-22, sabemos que o anjo Gabriel recitava o que se encontrava nas Tábuas eternas, pois é nestas que a mensagem do livro estava preservada, "Sim, este é um Alcorão glorioso, inscrito em uma Tábua Preservada." Hayek ao comentar estes versos, reforça a idéia de que a revelação alcorânica tem sido preservada sem corrupção, "Inscrito em uma Tábua preservada, isto é, a mensagem de Deus, não é efêmera, é eterna. A Tábua é 'preservada', ou resguardada contra a corrupção..., Porque a mensagem de Deus deverá durar para sempre. Tal mensagem constitui a base do livro..."<sup>15</sup> A. Yusuf Ali<sup>16</sup>, afirma que "Tábua" no verso 22 do Sura 85, não deve ser entendida de forma literal, como pedra ou metal, mas sim no sentido de "preservado ou guardado de corrupção."<sup>17</sup>

O Sura 17:105-106, confirma a idéia de que o Alcorão foi dado por Alá em verdade, e com nenhuma sorte de corrupção, "E o temos revelado em verdade e, em verdade, revelamo-lo e não te enviamos senão como alvíssareiro e admoestador. É um Alcorão que dividimos em partes, para que o recites paulatinamente aos humanos, e que revelamos por etapas." Ali, ao comentar esta passagem, afirma que ter sido enviado em verdade, significa não ter sido falsificado ou corrompido no processo de ser comunicado ao profeta Mohammad,

O Alcorão foi enviado para baixo (desceu para a atmosfera terrestre) por Deus em verdade. Não foi falsificado por nenhum mortal. Desceu em verdade; não foi e não tem sido falsificado ou corrompido no processo de ser comunicado à humanidade. A parte do profeta foi a de um mensageiro: ele não foi responsável, se o ímpio o rejeitou. Ele cumpriu sua missão ao promulgá-lo, explicá-lo e deixá-lo como um legado para o mundo.<sup>18</sup>

---

<sup>13</sup> Importante erudito muçulmano, tradutor, comentarista e autor de vários livros sobre Islamismo no Brasil.

<sup>14</sup> El Hayek S. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. São Paulo, Marsam Ed. Jornalística, 1994. p. 15.

<sup>15</sup> *Ibid.* p. 723

<sup>16</sup> Renomado tradutor do Alcorão para língua inglesa e importante comentarista do Alcorão.

<sup>17</sup> Ali, A. Y. *The Holy Qur'an*. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International, 1993. p. 1717.

<sup>18</sup> *Ibid.* p. 725.

Segundo o Sura 3:9, a preservação do Alcorão sem corrupção é uma tarefa de Alá. Esta passagem diz que Alá o revelou e é seu preservador, "Nós revelamos a mensagem e somos o seu preservador." Hayek ao comentar o Sura 3:9, confirma a idéia islâmica de que não há nenhuma corrupção no texto alcorânico,

A pureza do texto do Alcorão, através de quatorze séculos, constitui a prelibação do desvelo eterno com o qual a verdade de Deus é guardada por todas as eras. Toda a corrupção, a invencionice e a criação passarão, mas a verdade pura e santa de Deus, jamais será eclipsada, muito embora o mundo inteiro zombe dela, e diligencie no sentido de destruí-la.<sup>19</sup>

Concluimos, portanto, pelo que é afirmado por Deedat, Sheikh Mahairi, Samir El Hayek, A. Yusuf Ali e outros, que os muçulmanos crêem que o Alcorão foi revelado à humanidade por Alá em verdade. Ele fez descer as Tábuas Eternas à atmosfera terrestre. De lá, através do anjo Gabriel ao longo de 23 anos, o transmitiu a Mohammad. Este o deixou como um legado à humanidade, sem nenhuma interferência humana, e sem ter sido corrompido ou falsificado. Por isso, o que no Alcorão está contido possui no entendimento dos muçulmanos, autoridade e credibilidade como palavra revelada de Deus, sem corrupção. A fonte e autoria do Alcorão é Alá, que o revelou e o preservou.

Sendo este o caso, criamos através de nossa explanação a base para entender qual é a fonte islâmica para a idéia de que a crucificação de Jesus foi somente aparente. Esta fonte é o Alcorão em seu "status" de palavra divina para os muçulmanos. Mais especificamente nos referimos a uma passagem do Alcorão, o Sura 4:157.

A consideração do Sura 4:157, se faz necessária para aprendermos como surge no entendimento islâmico a idéia de que Jesus não foi crucificado mas, sim, substituído, tendo sido crucificado aparentemente, ou só em aparência. Vejamos isto a seguir.

---

<sup>19</sup> Ibid. p. 293.

### 3. O SURA 4:157

Ao abordarmos o Sura 4:157, o fazemos no contexto que este faz parte do Alcorão. Como tal, possui “status” de palavra de Alá revelada para os muçulmanos. Por isso, é infalível e sem corrupção para eles.

O Sura 4:157 é o estabelecedor da crença islâmica de que Jesus foi crucificado só na aparência, ao ser substituído na cruz. Este verso também gera o debate sobre a morte física de Jesus. Não está claro para os muçulmanos se Ele já passou por morte física ou não. Segundo os muçulmanos, Jesus não teria sido nem crucificado e nem morto na cruz. Contudo, a posição islâmica não deixa claro se Jesus já morreu ou não após ter sido preservado da crucificação. Contudo, em geral, os muçulmanos crêem que Jesus ainda não morreu, e que o fará quando voltar. Veremos isto mais especificamente no item 3.3 deste capítulo.

Em nossa consideração deste verso, veremos três pontos: 3. 1 a importância do Sura 4:157; 3. 2 a cláusula que deu origem à idéia de uma aparente crucificação e morte; 3. 3 a incerteza quanto à morte física de Jesus por parte do muçulmanos. Esta incerteza surge no contexto pelo qual os muçulmanos duvidam de que Jesus tenha sido crucificado e morto na cruz. Na verdade, esta seria inexistente.

#### 3. 1 A importância do Sura 4:157

Segundo o entendimento islâmico sobre o Alcorão, e seu status como palavra de Alá, os muçulmanos não tem nenhuma dificuldade em afirmar que a origem da crença islâmica na não crucificação de Jesus, sendo ele substituído na cruz, é o Sura 4:157. Esta passagem é a única, em todo o livro, que contém a informação de que Ele não teria sido crucificado, e sim substituído. O Sura 4:157 diz,

E por dizerem: matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o mensageiro de Deus, embora não sendo, na realidade, certo que o mataram, nem o crucificaram, senão que isso lhes foi simulado. E aqueles que discordam, quanto a isso, estão na dúvida, porque não possuem conhecimento algum, abstraindo-se tão somente em conjecturas; porém, o fato é que não o mataram.<sup>20</sup>

Deedat aborda a idéia da crucificação e morte de Jesus em seu livro, *Crucifixion or Cruci-fiction*. O faz, porém, academicamente, supondo que se Jesus foi crucificado, certamente não morreu. Apenas desmaiou, uma vez que como muçulmano baseia sua crença, quanto a crucificação de Jesus, no Sura 4:157.

---

<sup>20</sup> El Hayek S. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. São Paulo, Marsam Ed. Jornalística, 1994. p. 118.

Este assunto da crucificação de Cristo no qual todo o Cristianismo se baseia, se tornou um assunto sério de meus estudos. Realmente queria saber do que se trata e comecei a estudar a autoridade deles no assunto, o Novo Testamento. Honestamente não espero que alguém me pergunte sobre minha crença como muçulmano sobre a crucificação. Minha crença é alcorânica, como categoricamente declarada no capítulo 4, no verso 157.<sup>21</sup>

Deedat, participou em um debate com Josh McDowell, em agosto de 1981 em Durban na África do Sul, intitulado, *Foi Cristo Crucificado?* Após citar o Sura 4:157, afirmou que o muçulmano crê na declaração desta passagem como a própria palavra de Deus. Sendo assim, não faz perguntas e nem exige prova uma vez que a recebe como palavra de seu Senhor,

Senhor coordenador (chairman), senhoras e senhores, Poderia alguém ter sido mais explícito, mais dogmático, mais descompromissado, ao fazer uma declaração como esta? O único que pode fazer tal declaração é o Todo Ciente, Onisciente Senhor do Universo. O muçulmano crê nesta declaração autoritativa como a própria palavra de Deus. E como tal, não faz nenhuma pergunta, e não exige prova. Ele diz, estas são as palavras do meu senhor; creio e afirmo.<sup>22</sup>

As palavras de Deedat expressam a posição islâmica. Está escrito no Sura 4:157 que Jesus não foi crucificado, havendo apenas uma aparência disto. Portanto, ele crê e é o suficiente para ele.

Procurando estabelecer qual a importância do ensino e opinião de Deedat para a comunidade islâmica, entramos em contato com alguns sites islâmicos. Obtivemos a seguinte informação do Sheikh Muammar, da Mesquita de Cuiabá sobre Deedat. Esta também enfatiza a importância do Alcorão, Sura 4:157, como fonte para a crença de que Jesus não teria sido crucificado. "Mr. Deedat é reconhecido por todos os muçulmanos ao redor do mundo e posso dizer que as opiniões dele representam posições islâmicas. Jesus, paz seja sobre ele, não foi crucificado como Deus nos fala no Alcorão Santo".<sup>23</sup>

De fato, o Islamismo tem somente o Sura 4:157 para apoiar sua crença na não crucificação de Jesus, ou de uma aparente crucificação. Quanto a isto, John Gilchrist<sup>24</sup>, afirma que, "Há somente um verso em todo o Alcorão abordando o assunto da crucificação (Sura

---

<sup>21</sup> Deedat, A. *Crucifixion or Crucifiction*. Durban, Islamic Propagation Centre International, 1984. p. 88.

<sup>22</sup> McDowell, J. e Gilchrist, J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 143-185.

<sup>23</sup> Sheikh Muammar, Cuiaba 31/08/99 pelo email islamico@hotmail.com.

<sup>24</sup> Apologeta cristão, missionário da Baptist Union Southern Africa e profícuo autor de livros, defendendo o Cristianismo contra alegações islâmicas.

4:157), e este o nega como um fato histórico de maneira tão enfática, que alguém somente pode crer que esta é realmente a intenção do livro".<sup>25</sup>

O apologeta cristão Keith E. Small, comenta sobre a falta de evidência histórica para o que é afirmado pelo Sura 4:157 e sua aceitabilidade como revelação verdadeira por parte dos muçulmanos,

Muçulmanos aceitam este verso (Sura 4:157) como revelação. A atitude deles é com frequência a de que, desde de que Alá o tenha revelado, tem que ser desta maneira, então, os outros relatos históricos devem estar errados.... O Alcorão..., faz reivindicações que vão contra a documentação existente. O Alcorão faz aqui (no verso 157 do Sura 4) uma declaração ousada sobre a crucificação de Jesus, mas não oferece nenhuma alternativa com credibilidade histórica.<sup>26</sup>

Temos visto que Sura 4:157 é a fonte alcorânica e islâmica para a informação de que Jesus não foi nem morto e nem crucificado.

Há no Sura 4:157 uma cláusula que dá margem à crença de que Jesus teria sido substituído, sendo o substituto a pessoa que foi crucificada. Este foi feito à semelhança de Jesus. Por isso, judeus e cristãos pensaram que Jesus foi crucificado, quando não foi. Não está definido quem foi o substituto. Esta falta de definição é a causa da origem de tantas teorias de substituição (que serão abordadas no capítulo 4).

Passemos a considerar a cláusula da substituição.

### 3. 2 A cláusula da substituição

Não é tão simples, como pode parecer, crer que Jesus não foi crucificado e sim substituído, mesmo que partíssemos do ponto de vista que o Sura 4:157 é palavra divina revelada. Há uma cláusula neste verso que dá margem a muita discussão sobre quem realmente foi o substituto. O assunto da substituição e aparente crucificação de Jesus não é suficientemente claro no Sura 4:157 e nem em todo o Alcorão. A chamada cláusula da substituição do Sura 4:157 não fornece detalhes sobre os últimos momentos de Jesus na terra.

A cláusula que dá margem a tanta discussão é *wa laakin shubbila lahum*, significando, *assim foi feito lhes parecer*. Na versão do Challita<sup>27</sup>, esta cláusula foi traduzida como, *imaginaram apenas tê-lo feito*. Hayek a traduz como *senão que isso lhes foi simulado*. O apologeta cristão M. Anderson, apologeta cristão, analisa o verso 157 do Sura 4 usando duas

<sup>25</sup> Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. Benoni, Roodepoort Mission Press, 1988. p. 248.

<sup>26</sup> Small K. E. 30/05/96, *Evidence For The Death Of Jesus On The Cross*. Answering Islam Home Page.

<sup>27</sup> Challita, M. *O Alcorão*. Rio de Janeiro, Associação Cultural Gibran, p. 51.

traduções do Alcorão, a de N. J. Dawood de Penguin Classics e a de J. Arburry de World's Classics.<sup>28</sup> Na primeira a cláusula é traduzida como sendo *mas pensaram que o fizeram* (*but they thought they did*). Na segunda a cláusula foi traduzida como, *somente a semelhança disto foi lhes mostrada* (referindo-se a morte e crucificação de Jesus, mencionada anteriormente no verso).

A idéia que diferentes versões tentam transmitir é que alguém teria sido crucificado no lugar de Jesus. Pareceu aos judeus, cristãos e aos demais, que Cristo estava sendo crucificado quando não estava. Na verdade, alguém a semelhança dele estava morrendo em seu lugar. A cláusula *wa laakin shubbila lahum*, portanto, trabalha com a idéia de que pareceu que algo estava acontecendo, ou seja, a crucificação de Jesus, porém, não estava. Os judeus e outros nunca perceberam que isto havia ocorrido. Mas isto é revelado na cláusula, seis séculos depois da crucificação de Jesus!

Gilchrist, apologeta cristão, diz que a cláusula ensina que foi feito parecer que Jesus morria crucificado, quando na verdade, era uma outra pessoa. Por causa disto, o mundo islâmico tem crido que um outro teria morrido no lugar de Jesus. Há várias opções de quem teria sido o substituto. Tem sido sugerido que foi Judas, Simão de Cirene e outros. Gilchrist diz o seguinte sobre a cláusula,

O que quer que seja seu significado, vaga como tal declaração é..., Esta realmente ensina uma coisa, de que foi feito de alguma forma parecer para os judeus que tinham crucificado Jesus. O mundo muçulmano..., geralmente tem crido que quando Jesus estava para ser preso e crucificado, alguém foi feito parecer de repente exatamente como ele, e este foi crucificado no lugar dele. Se foi Judas, Simão de Cirene, ou um de seus discípulos, ou um dos soldados romanos, ninguém realmente sabe....<sup>29</sup>

J. Elder, apologeta cristão citado por Gilchrist, afirma que, baseado na cláusula da substituição do Sura 4:157, surgem todas as tradições islâmicas com referência ao possível substituto de Jesus (Veremos várias opções em nosso próximo capítulo). Contudo, Elder diz que não está claro de que a cláusula ensina que houve um substituto para Jesus. Esta é muito ambígua. Não há referência nem na cláusula, e nem no Alcorão, sobre o suposto substituto de Jesus.

As palavras *shubbila lahum*, as quais tem sido traduzidas por Rodwell, *eles tinham somente a semelhança dele* (*they had only his likeness*) são traduzidas por Palmer como *mas uma semelhança foi lhes feita* (but a similitude was made for them), são

---

<sup>28</sup>Anderson, M. *Jesus The Light and Fragrance of God*. 1996. p. 1. Answering Islam Home Page.

<sup>29</sup>Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. Benoni, Roodepoort Mission Press, 1988. p. 248-249.

muito ambíguas. Nesta frase vaga, estão baseadas todas as tradições islâmicas com referência à pessoa que parecia com Jesus, e foi crucificada no lugar dele. A expressão *shubbila lahum* é realmente muito rara. O significado literal é, *ele (or it) foi feito a semelhança (ou uma similitude) para eles (he, or it, was made a resemblance to them)*. Os muçulmanos geralmente dizem que o sujeito do verbo, - *Na'ib al-Fa'il* - é a pessoa crucificada no lugar de Jesus. Mas não há nenhuma menção dele aqui, ou em qualquer outro lugar do Alcorão.<sup>30</sup>

Chegamos à conclusão que, a despeito das várias versões do Alcorão, e de como o Sura 4:157 tem sido traduzido e entendido, a idéia aceita pelos muçulmanos é que Jesus não foi crucificado. Alguém foi crucificado no lugar dele. Esta pessoa foi feita parecer com Ele. Este é o resultado do que se entende da cláusula *wa laakin shubbila lahum* do Sura 4:157. Apesar de sua subjetividade e falta de clareza sobre quem realmente foi o substituto de Jesus.

Autores muçulmanos como Hayek e Ali, fazem comentários similares sobre o Sura 4:157. A idéia da substituição de Jesus na cruz, segundo Hayek, é expressa em seus comentários do Sura 4:157. Esta fica mais clara quando comenta o Sura 3: 46 e 55. No comentário destes versos, faz referência ao Sura 4:157 e menciona que este ensina ter Jesus sido substituído. Inicialmente veremos os comentários de Hayek e Ali sobre o Sura 4:157. Em seguida, as observações relevantes de Hayek sobre o Sura 3:46 e de Ali sobre o Sura 3:55.

Hayek afirma que a morte e crucificação de Jesus se faz necessária para a doutrina teológica do sacrifício e da expiação vicária. Contudo, afirma que esta é rejeitada pelo Islã:

As igrejas cristãs ortodoxas têm como ponto cardeal da sua doutrina que a vida de Jesus chegou ao seu termo na cruz, que ele morreu e foi sepultado, que no terceiro dia ressuscitou corporeamente, com seus ferimentos curados, caminhou e conversou, e comeu com seus discípulos, e que depois foi levado, fisicamente, para o céu. Esta explicação é necessária para a doutrina teológica do sacrifício e da expiação vicária dos pecados, mas é rejeitada pelo Islã.<sup>31</sup>

Hayek prossegue demonstrando que o Islã aproxima-se das seitas cristãs gnósticas, as quais ensinaram que a crucificação de Jesus foi somente aparente. "Contudo, algumas das primeiríssimas seitas cristãs não acreditavam que Cristo tivesse sido morto na cruz. Os basilídeos acreditavam que um outro indivíduo lhe serviu de substituto. O Evangelho de Barnabé sustenta a teoria da substituição na cruz."<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> Elder, J. *The Crucifixion in the Koran, The Muslim World*, vol. 13. p. 257. Citado por Gilchrist J. *The Christian Witness To The Muslim*, Roodepoort Mission Press, Benoni, RSA. 1988. p. 253.

<sup>31</sup> El Hayek S. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. São Paulo, Marsam Ed. Jornalística, 1994. p. 118.

<sup>32</sup> *Ibid.* p. 118



Após afirmar que o Islamismo não aceita a doutrina de expiação vicária, e que talvez seitas cristãs gnósticas pudessem estar certas, Hayek conclui que o ensinamento alcorânico revela que houve circunstâncias aparentes. Havia certas ilusões que fizeram as pessoas pensarem que Jesus foi crucificado quando na verdade ele não foi.

O ensinamento alcorânico diz que Cristo não foi crucificado, nem morto pelos judeus, não obstante existissem certas circunstâncias aparentes, que produziram a ilusão nas mentes de alguns dos seus inimigos; que as disposições, as dúvidas e conjecturas sobre tais assuntos são vãs; e que ele foi elevado até Deus.<sup>33</sup>

Ali comenta o Sura 4:157 dentro da mesma linha de raciocínio de Hayek. Afirma que seitas cristãs ensinavam que Jesus havia sido substituído na cruz.

Algumas das primeiras seitas cristãs não criam que Cristo foi morto na cruz. Os basilídeos criam que uma outra pessoa o substituiu na cruz. Os docetistas que Jesus nunca possuiu um corpo físico, mas um aparente e não real. O Evangelho de Marcião (A.D. 138) negava que Jesus havia nascido, e simplesmente disse que ele apareceu em forma humana. O Evangelho de Barnabé apoia a idéia de que Jesus foi substituído na cruz.<sup>34</sup>

Ali prossegue afirmando que o ensino alcorânico demonstra que Jesus não foi crucificado apesar de que aparentemente este foi o caso.

O ensino alcorânico é que Jesus não foi crucificado e nem morto pelos judeus, apesar de ter havido circunstâncias aparentes, as quais produziram a ilusão na mente de seus inimigos, os quais disputam e fazem conjecturas sobre o assunto, sendo estas em vão.<sup>35</sup>

Nos comentários de Hayek e Ali sobre o Sura 4:157, portanto, fica claro que a posição islâmica entende que Cristo não foi crucificado e nem morto, mas que houve alguma ilusão nas mentes das pessoas. Concordam que há semelhança entre o que é ensinado por seitas gnósticas, o Evangelho de Barnabé e pelo Sura 4:157, quanto a uma aparente crucificação de Jesus.<sup>36</sup>

Hayek, ao comentar o Sura 3:46, reforça a idéia de que a crucificação de Jesus foi somente aparente. "O apostolado de Jesus durou apenas cerca de três anos, dos 30 aos 33,

---

<sup>33</sup> Ibid. p. 118.

<sup>34</sup> Ali, A.. Y. *The Holy Qur'an*. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International. 1993. p. 230.

<sup>35</sup> Ibid. p. 230.

<sup>36</sup> Consideraremos o Evangelho de Barnabé no próximo capítulo, como uma das teorias islâmicas de substituição. Na ocasião, faremos também uma breve referência de como os Pais da Igreja lidaram com alegações gnósticas.

quando, ao ver de seus inimigos, ele foi crucificado...."<sup>37</sup> “Ao ver de seus inimigos”, refere-se aos judeus. Estes teriam pensado que Jesus estava sendo crucificado, quando não estava.

É no comentário do Sura 3:55 que Ali deixa mais claro seu entendimento do Sura 4:157, no qual diz que este se refere ao fato de que Jesus não foi crucificado e sim substituído. "Leia isto (Sura3:55) com o Sura 4:157, onde está dito que os judeus nunca crucificaram nem mataram Jesus, mas que um outro foi morto, a semelhança dele (parecido com ele). A culpa dos judeus permaneceu, mas Jesus foi por fim elevado a Deus."<sup>38</sup>

Chegamos à conclusão que por mais obscura que seja a cláusula da substituição, o entendimento islâmico é que Jesus não morreu, não foi crucificado, mas foi substituído por alguém a semelhança dele.

Demonstraremos em nosso próximo ponto, que no geral, muçulmanos crêem que Jesus ainda está vivo e morrerá após voltar, sendo isto apoiado pela tradições aceitas.

### 3. 3 Há incerteza quanto à morte física de Jesus

Está claro que os muçulmanos concordam que Jesus não foi crucificado e nem morto e sim substituído, sendo poupado assim da crucificação. Esta posição deixa em aberto se Jesus já passou ou não por morte física.

Hayek e Ali em seus comentários do Sura 4:158 disseram, "Outrossim, Deus fê-lo ascender até ele, porque é poderoso, prudentíssimo"<sup>39</sup>. Expressam que há disputas quanto à época na qual Jesus teria morrido. Hayek afirma que alguns pensam que Jesus já morreu e outros pensam que não. Neste caso, teria subido ao céu sem passar por morte física, pois teria sido elevado,

Há diferenças de opinião, quanto à exata interpretação deste versículo. As palavras são: os judeus não mataram Jesus, pois que Deus fê-lo ascender (rafa'a) até Ele. Uma corrente de opinião sustenta que Jesus não teve uma morte humana comum, outrossim ainda vive, fisicamente no céu; outra, sustenta que ele deveras morreu, mas não quando se supôs que tivesse sido crucificado....<sup>40</sup>

Ali, por sua vez, não difere em nada do que já foi comentado por Hayek, quanto ao Sura 4:158.<sup>41</sup> Portanto, ambos atestam o fato de que não está claro entre os muçulmanos quando

---

<sup>37</sup> El Hayek S. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. São Paulo, Marsam Ed. Jornalística, 1994. p. 62.

<sup>38</sup> Ali, A. Y. *The Holy Qur'an*. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International, 1993. p. 137.

<sup>39</sup> El Hayek S. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. São Paulo, Marsam Ed. Jornalística, 1994. p. 118.

<sup>40</sup> Ibid. p. 118.

<sup>41</sup> Ali, A. Y. *The Holy Qur'an*. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International. 1993. p. 230.

foi a época da morte física de Jesus. Pessoalmente crêem que Jesus não tenha morrido ainda. Deixam isto claro em seus comentários do Sura 4:157.

Há um verso no Alcorão, Sura 3:55, que fomenta a discussão de quando teria Jesus morrido. Foi traduzido por Hayek desta forma,

E quando Deus disse: ó Jesus, por certo que porei termo à tua estada na terra; ascender-te-ei até mim e salvar-te-ei dos incrédulos, fazendo prevalecer sobre eles os teus prosélitos, até ao dia da ressurreição. Então, a mim será o vosso retorno e julgarei as questões pelas quais divergis.

A incerteza quanto a ter Jesus morrido ou não, fica mais claro quando observamos os comentários de Ali e Hayek do Sura 19:33 "A paz está comigo, desde o dia em que nasci; estará comigo no dia em que eu morrer, bem como no dia em que eu for ressuscitado".<sup>42</sup> Após terem sido enfáticos quanto a Jesus ainda não ter passado por morte física, ao comentarem o Sura 4:157, deixam transparecer insegurança quando comentam o Sura 19:33. Expressam idéias similares ao afirmarem no comentário desta passagem que devem ponderar os que pensam que Jesus jamais passou por morte física. Sugerem que este verso diz que Jesus já morreu, mesmo que afirmem que ele ainda não tenha morrido, quando comentam o Sura 4:157. Dizem sobre o Sura 19:33, "Cristo não foi crucificado (versículo 157 da 4ª Surata). Contudo, aqueles que crêem que ele jamais morreu, devem ponderar sobre este versículo."<sup>43</sup>

O Sura 19:33, se visto em contexto, sustenta a idéia de que Jesus já morreu,<sup>44</sup> assim como não há dúvida de que João Batista morreu, foi enterrado e que ressuscitará no dia da ressurreição. Não deveria haver nenhuma dúvida de que Jesus também morreu e que voltará a viver no dia da ressurreição. Pois como nenhum muçulmano afirmaria que a morte de João Batista é um evento futuro, não há porque imaginar que a morte de Jesus o seja se considerarmos o Sura 19:33 no contexto do Sura 19:15. O apologeta cristão Gilchrist cita um autor islâmico sobre esta conclusão lógica, "Nenhum muçulmano mudará a morte de João para o futuro. Todos sabem que João morreu....desde de que ninguém mudará a morte de João para o futuro, então, ninguém pode mudar a morte de Jesus para o futuro (*Obaray, Miraculous Conception, Death, Resurrection and Ascension of Jesus Nabi-Isa as Taught in the Kuran*, p. 45)."<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup> El Hayek S. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. São Paulo, Marsam Ed. Jornalística, 1994. p. 350.

<sup>43</sup> *Ibid.* p. 350.

<sup>44</sup> "A paz esteve com ele desde o dia em que nasceu, no dia em que morreu e estará no dia em que for ressuscitado, (Sura19:15). Citação que se refere a morte de João Batista, nos termos da morte de Jesus, do mesmo Sura no verso 33.

<sup>45</sup> Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. Benoni, Roodepoort Mission Press, 1988. p. 259.

Fica claro, portanto, que há disputas entre os muçulmanos se Jesus já morreu ou não. Mesmo Ali e Hayek, que são enfáticos ao comentarem o Sura 4:157, transparecem insegurança diante do Sura 19:33. Contudo, no geral, muçulmanos crêem que Jesus ainda não morreu, e isto ocorrerá só quando Ele voltar. Percebemos isto pelos comentários do verso 157 do Sura 4 por comentaristas islâmicos renomados como Ali e Hayek, e também pelo que se encontra nas tradições aceitas sobre a volta de Jesus, que passamos a considerar. A tensão entre o Sura 4:157 e 19:33 transparece a possibilidade de haver contradição no Alcorão<sup>46</sup>.

Há na teologia islâmica expectativas futuras, que fazem parte da sua escatologia. É neste contexto que há previsões quanto ao que ocorrerá quando Jesus voltar. Estas expectativas se encontram definidas nas tradições, no Hadith. No Alcorão há somente um verso que é entendido e relacionado com a volta de Jesus, o Sura 43:61. Por isso, o entendimento islâmico sobre a volta de Jesus, depende muito mais das tradições do que do Alcorão.

Após a análise do Sura 43:61, mencionaremos somente três tradições aceitas, simplesmente para provar que mesmo nelas há uma tendência a crer que Jesus ainda não morreu, sendo sua morte um evento futuro. Desta forma, provaremos que ainda que haja disputas quanto à morte de Jesus, no geral muçulmanos crêem que sua morte é um evento futuro.

Veremos primeiro, portanto, as considerações de Ali sobre o verso 61 do Sura 43. Este verso associa a hora do julgamento, o fim e a volta de Jesus. Neste temos a única base alcorânica para a segunda vinda de Jesus. Em segundo lugar, então, veremos três exemplos de tradições aceitas sobre a vinda de Jesus.

O Sura 43:61, segundo a tradução de Hayek, diz, "E (Jesus) será um sinal (do advento) da hora (do julgamento). Não duvideis, pois, dela, e segui-me, porque esta é a senda reta." Ali entende que este verso se refere a vinda de Jesus, antes da ressurreição e do juízo (hora), quando virá para preparar a aceitação universal do Islã,

Isto é entendido como se referindo à segunda vinda de Jesus nos últimos dias, um pouco antes da ressurreição, quando ele destruirá as falsas doutrinas que são ensinadas no nome dele, e preparará o caminho para a aceitação universal do Islã, o evangelho da unidade e paz, o caminho reto do Alcorão.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> O assunto sobre contradições no Alcorão é vasto. Apenas como exemplo citamos algumas contradições. Nos Suras 2:253 e 3:33, consta a informação que há distinção entre os profetas, sendo que no Sura 2:136, diz que não há distinção entre eles. No Sura 7:8-9, diz que o julgamento será por obras, mas no Sura 5:18, diz que Alá terá misericórdia de quem quiser. Nos Suras 11:7 e 10:3, diz que terra e céus foram criados em seis dias, mas já no Sura 41:9-12 em oito. Estas e outras contradições são originárias da crença que Alá podia mudar e anular parte da revelação ( Sura 16:101 e 22:52).

<sup>47</sup> Ali, A. Y. *The Holy Qur'an*. Drban, RSA, Islamic Propagation Centre International, 1993. p. 1337.

A hora é entendida como sendo o julgamento, conforme é revelado no Sura 33:63 e 7:187. Alá é o único que tem o conhecimento exato de quando será a hora. A vinda de Jesus, porém será um sinal de que esta já estará bem próxima, segundo o Sura 43:61.

As tradições islâmicas aceitas nos dão mais detalhes sobre a volta de Jesus, e é nestas que se reforça a idéia que sua morte será um evento futuro.

Gilchrist diz: “há setenta tradições aceitas sobre a segunda vinda de Jesus, estas são conhecidas como *mutawatir*, significando universalmente aceitas”.<sup>48</sup> Cito apenas três como descritas por Gilchrist, Gerhard Nehls e Walter Eric. Estas fazem referência à futura morte de Jesus. Nehls e Walter são apologetas cristãos, que há muito trabalham com Life Challenge Africa, Nairobi.

Quando Cristo foi elevado (aos céus), ele tinha 32 anos e seis meses. O período de trabalho profético, durou 30 meses. Alá o elevou ao céu com seu corpo; ele ainda está vivo e voltará para este mundo e será rei de toda a terra, e então, ele morrerá como qualquer outro ser vivo (Ibn Sa'd, *kitab al- Tabaqat al-Kabir*, vol. 1, p. 47).<sup>49</sup>

Por sua vez, Nehls e Walter citam mais duas tradições que referem-se à futura morte de Jesus. A primeira diz o seguinte: "Abdullah-b-Amr relatou que o mensageiro de Alá disse: ‘Jesus, filho de Maria, virá ao mundo. Ele se casará, viverá por quarenta anos e morrerá. Ele será enterrado comigo no meu túmulo. Então, eu e Jesus, o filho de Maria, estaremos num túmulo, entre Abu Bakr e Omar’. (*Mishkat iv*, p. 82)."<sup>50</sup>

A segunda tradição citada por Nehls e Walter é mais longa e nos fornece mais detalhes sobre a volta de Jesus. Mostra como ele destruirá al-Dajjal, o anti cristo, vindo depois a morrer. Menciono-a como uma outra prova da crença mais generalizada entre muçulmanos de que Jesus ainda passará por morte física. Porém o farei resumidamente, enfatizando somente o que nos interessa. Não nos convém entrar nos detalhes de quem é o anticristo numa perspectiva islâmica, pois isto não está relacionado com nosso assunto,

Quando o Dajjal, representando a incorporação do mal, deixar seu ensino venenoso fluir, sendo isto acompanhado de geral opressão e falsos milagres, Jesus virá do céu..., Estabelecerá o shariah do santo profeta da Arábia. Ele destruirá as cruzes que representam a crucificação de Cristo.... Ele estabelecerá o reino de Deus na terra, quando não haverá ódio, ciúmes, inveja e rancor....quase todos os judeus e cristãos irão aceitar o islã...então, haverá chuvas que darão condições de haver muita

---

<sup>48</sup> Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. Benoni, Roodepoort Mission Press, 1988. p. 174.

<sup>49</sup> Ibid. p. 175.

<sup>50</sup> Nehls, G. e Eric, W. *Islam As It Sees Itself As Others See it As It Is*. Nairobi, Life Challenge, 1994. p. 122.

produção de vegetais. Então, haverá um vento que levará todos os crentes a morrerem, deixando os incrédulos para sofrer. Depois disto Jesus morrerá, e será enterrado ao lado do túmulo do profeta, lado a lado. (*Mishkat iv, p. 80 – Commentary*).<sup>51</sup>

Fica claro pelo exposto até este momento, que há disputas e inseguranças entre os muçulmanos quanto a ter Jesus já morrido ou não. Isto não ocorreria se não tivessem a cláusula da substituição no Sura 4:157 e se não houvesse a informação neste mesmo verso, que nega sua morte.

A disputa é gerada pela tensão entre o Sura 3:55, 19:33 e 4:157, quanto a Jesus ter morrido ou não. Contudo, no geral, muçulmanos acreditam que Jesus ainda está vivo no céu, voltará próximo do julgamento (hora), vindo a morrer e ser sepultado depois disto. Isto é atestado pelas tradições aceitas e renomados comentaristas islâmicos como Ali e Hayek.

Temos estabelecido, no capítulo anterior, que o Alcorão é a palavra divina revelada para os muçulmanos. Vimos neste capítulo como o Sura 4:157 é a base islâmica para a negação da crucificação de Jesus e para a crença de que ele foi substituído na cruz, tendo sido somente aparentemente crucificado. A existência da cláusula *wa laakin shubbila lahum* dá origem a esta crença islâmica da substituição, porém, o Alcorão não define em nenhuma parte quem foi o substituto de Jesus na cruz.

Mostramos também que uma vez que o Islamismo nega através do Sura 4:157 que Jesus foi crucificado e morto na cruz, que há disputas entre os muçulmanos quanto a Jesus já ter passado ou não por morte física. Contudo, no geral, devido ao Sura 4:157 e à influência das tradições aceitas, muçulmanos crêem que Jesus ainda não morreu, vindo a fazê-lo quando voltar.

Podemos agora passar para nosso próximo tópico, quando veremos quais são as várias teorias da substituição que vieram a existir devido à cláusula da substituição do Sura 4:157. Veremos que estas teorias estão envoltas em muitas dificuldades que as impedem de ser boas alternativas do que realmente aconteceu nos últimos momentos de Jesus na terra.

---

<sup>51</sup> Ibid. p. 122.

#### 4. EXPLICAÇÕES ISLÂMICAS QUANTO AO QUE TERIA OCORRIDO COM JESUS

Até o momento temos visto que o Alcorão é considerado pelos muçulmanos como palavra divina, revelada, sem corrupção. Neste contexto, o verso 157 do Sura 4 é a base alcorânica para a crença de que Jesus não foi crucificado e nem morto e sim substituído na cruz. No geral, muçulmanos crêem que a morte física de Jesus é um evento futuro.

Passaremos a considerar agora as teorias islâmicas de substituição. Estas vieram a existir devido à cláusula de substituição do Sura 4:157.

A princípio ficamos surpresos e impressionados com as várias possibilidades sobre quem poderia ter sido o substituto de Jesus na cruz, pois há muitas. O mesmo foi experimentado e declarado por Josh McDowell em seu debate com Deedat em Durban, RSA, em agosto de 1981, chamado *Foi Cristo Crucificado?* Nas suas primeiras palavras no debate, McDowell disse,

Ao preparar-me para este debate, não percebia que estaria lidando com tantas teorias diferentes sobre a crucificação de Jesus, do ponto de vista islâmico. Descobri, primeiro, que os muçulmanos por toda parte crêem na teoria da substituição, e que no Sura 4:157... há a idéia de que um substituto...,que foi colocado no lugar de Cristo na cruz, enquanto Jesus foi removido e elevado ao céu.... Então, descobri que há muitas opiniões diferentes entre os muçulmanos....<sup>52</sup>

No debate, McDowell simplesmente expôs o resultado de sua pesquisa quanto às evidências históricas da crucificação de Jesus. Desta forma destruía os argumentos de Deedat sem ter que tratá-los um a um. Isto foi bom, pois Deedat faz muitas alegações fora de seu tema central, mudando regularmente de assunto, sem realmente desenvolver bem seus argumentos. Veremos mais especificamente a resposta de McDowell no capítulo quinto deste trabalho. Ali abordaremos a posição cristã quanto à crucificação e morte de Jesus.

A teoria de Deedat, ou do desmaio, será vista como uma última consideração deste capítulo. Esta não é propriamente uma teoria de substituição. Talvez por isso, não devesse nem mesmo ser mencionada. Faremos isto, todavia, entendendo que esta parece ser um desenvolvimento posterior ao beco sem saída das teorias de substituição. Em outras palavras, uma vez que há dificuldades com as teorias de substituição, fica-se com a porta aberta para se desenvolver a teoria do desmaio. Através desta supõe-se que Jesus foi crucificado, porém, sobreviveu após ter desmaiado na cruz. Faz-se isto, mesmo que não seja islâmico crer na

---

<sup>52</sup> McDowell, J. e Gilchrist, J. *The Islam Debate*, Here's life Publishers, Inc. 1983. p. 143-185.

crucificação de Jesus. Não deixa, porém, de ser uma saída, para as dificuldades das teorias de substituição.

As teorias islâmicas de substituição não passam de narrações registradas nas tradições. Nestas encontram-se as histórias, ou estórias, que falam como foi Jesus substituído, não tendo sido realmente crucificado.

É irrelevante considerar se o substituto de Jesus foi Sargus, Titanus, Judas<sup>53</sup> ou um outro qualquer, pois não teríamos como definir a questão dentro de critérios históricos. Parece-nos que o caminho a seguir, a princípio, é o que foi sugerido e percorrido por Tabari, um dos comentadores mais antigos e renomados do Alcorão e das tradições islâmicas.<sup>54</sup> Tabari procurou definir qual entre, as teorias de substituição, era a verdadeira quanto a revelar quem realmente foi o substituto de Jesus na cruz.

Desenvolveremos este capítulo vendo, primeiro, como Tabari analisou as teorias de substituição. Depois, veremos quais foram os desenvolvimentos posteriores aos comentários e conclusões de Tabari. Nesta parte, daremos um bom espaço para a teoria que tem se popularizado por influência do Evangelho de Barnabé. Vamos considerar se este evangelho é digno ou não de aceitação. Por fim, mencionaremos a teoria divulgada por Deedat.

#### 4. 1 As teorias analisadas por Tabari

Começaremos por Tabari, pois é o mais antigo comentarista disponível que trata deste assunto com certa profundidade. Este veio a influenciar comentaristas posteriores.<sup>55</sup> Gilchrist conhecedor das várias teorias abordadas por Tabari diz , "O famoso comentarista Al Tabari registrou várias tradições que oferecem diferentes sugestões, mas sabiamente não fez nenhuma contribuição própria".<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> Segundo os muçulmanos, Sargus, Titanus e Judas foram prováveis substitutos de Jesus na cruz, morrendo em Seu lugar, aparentemente feito semelhante a Ele na hora da crucificação. O desafio que o Islamismo enfrenta é definir e provar quem realmente foi este substituto de Jesus.

<sup>54</sup> Fareh, R. por email, 05/02/2000. Segundo Fareh, seu nome completo é AbuJafafar Muhammad bin Jarir Al Tabari, nascido provavelmente em 839 A.D. ou fim de 224, começo de 225 A.H. (A. H. refere-se ao Ano Hégira 622 D.C., ano um do calendário islâmico, quando Mohammad e seus companheiros fugiram para Medina, vindo a partir daí estabelecer o Islamismo. A data, por isso, é importante para os muçulmanos) em Amul, província de Tabaristan. Por isso, que é chamado Al Tabari. Acredita-se que já sabia o Alcorão de cor com sete anos de idade. Veio a ser um erudito renomado e muito respeitado. Dedicou seus primeiros anos estudando o Alcorão e as tradições islâmicas e seus últimos anos de vida escrevendo. Seu grande comentário sobre o Alcorão, *Qurán-Jami'i al bayan fi tafsir al Qur'an*, conservou-se e chegou até nós. O mais importante trabalho de Tabari é sua história sobre o Mundo, *Ta'rikh al rusul wa Imuluk*, apesar de não ter sido conservado na sua totalidade.

<sup>55</sup> Ayuob, M. M. *Towards An Islamic Christology II*. The Muslim World. Vol. LXX. No. 2, 1980. p. 92.

<sup>56</sup> Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. Benoni, Roodepoort Mission Press, 1988. p. 249.



Tabari registrou dois tipos de relatos que tratam do assunto quanto ao aconteceu com Jesus. Um exemplo de cada tipo foi registrado por Anderson. Tradições do primeiro tipo se caracterizam por ter Jesus pedido que alguém tomasse o seu lugar na cruz. Já nas tradições do segundo tipo, Deus faz com que alguém tome o lugar de Jesus sem que Jesus o peça.

As tradições do primeiro tipo se dividem em dois grupos. No primeiro, somente uma pessoa é feita parecer com Jesus. No outro todos os discípulos são feitos parecerem com ele. Tabari registrou seis tradições do primeiro grupo, mas somente uma do segundo.

O ponto em comum, portanto, entre as tradições do primeiro tipo, grupo um, é o fato de Jesus pedir que alguém tome o seu lugar e somente uma pessoa é feita parecer com ele. Anderson cita somente uma destas tradições como exemplo. As demais possuem estas mesmas características mencionadas, ou seja, Jesus pede que um de seus discípulos tome o lugar dele na cruz, e a sua semelhança vem sobre aquele, enquanto Jesus é elevado ao céu.<sup>57</sup> Vemos isto por meio da seguinte tradição:

Os judeus cercaram Jesus, e dezenove discípulos dele estavam na casa. Jesus, então, disse para seus discípulos, "Quem tomará minha semelhança e será morto, e o paraíso será dele?" Um dos discípulos aceitou e Jesus foi elevado. Quando os discípulos saíram os judeus viram que eram em número de dezenove. Os discípulos disseram aos judeus que Jesus havia subido ao céu. Os judeus os contaram e descobriram que um estava faltando. Viram, contudo, aquele que havia aceitado ter a semelhança de Jesus entre eles. Assim ficaram na dúvida acerca dele. Então o mataram, pensando que era Jesus, e o crucificaram.<sup>58</sup>

Há somente uma tradição do primeiro tipo, grupo dois. Neste caso, Jesus pede que alguém tome o lugar dele, porém, todos os discípulos são transformados à sua semelhança. Por fim, um destes diz que é Jesus e por isso é crucificado no lugar dele. Tabari relatou esta tradição mediante um convertido judeu chamado Wahn,

Jesus e dezessete dos seus discípulos foram para uma casa. Lá, foram cercados (por judeus que procuravam a Jesus). Quando entraram, Deus lançou a semelhança de Jesus sobre todo o grupo (transformou o grupo a semelhança de Jesus). Os judeus exclamaram, "Você lançou uma maldição sobre nós! Ou entreguem a Jesus, ou iremos matar a todos." Jesus, então, disse aos discípulos, "Quem entre vós irá comprar hoje o paraíso em troca da sua vida?" Um dos discípulos disse: "Eu irei". Assim ele saiu dizendo: "Eu sou Jesus". Tendo sido mudado à semelhança de Jesus, eles então o pegaram e o mataram, crendo que ele fosse Jesus. Porque, "assim foi feito lhes parecer". E os cristãos também creram no mesmo. E Deus elevou Jesus até hoje.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> Anderson, M. *The Light and Fragrance of God*, Part 4. 1996. p. 2. Answering Islam Home Page.

<sup>58</sup> Ibid. p. 2. (Tabari, commenting on Q. 4:157).

<sup>59</sup> Ibid. p. 2. (Tabari ref. No. 10779).

Há somente uma tradição do segundo tipo no comentário de Tabari. Esta difere do primeiro pelo fato que Jesus não pediu para ninguém substituí-lo, mas Deus faz alguém se parecer com ele, sem especificar quem. Esta tradição também foi preservada mediante Wahb.

Depois disto eles (os discípulos) o deixaram e foram para suas casas (deixaram o lugar)....

Na manhã seguinte, um dos seus discípulos foi aos judeus e disse, "O que me darão seu eu os guiar até o Cristo?" Eles lhes deram trinta moedas de prata, as quais tomou e os guiou até ele.... Assim eles prenderam a Jesus, depois de terem certeza que era ele, e o amarraram com cordas. Eles o arrastaram, dizendo, "Você ressuscitou os mortos, expulsou satanás, e curou aqueles que estavam perturbados por demônios, pode se salvar destas cordas?" Eles também cuspiram nele e colocaram espinhos sobre a cabeça dele. Então, eles o levaram para a madeira na qual queriam crucificá-lo. Contudo, Deus, o elevou para si e eles crucificaram o homem que parecia para eles ser Jesus (após ter Jesus sido elevado, alguém foi feito parecer com Jesus, e este foi crucificado no lugar dele, porém esta pessoa não foi especificada nesta tradição).

Então Jesus permaneceu sete dias (após ter sido elevado, segundo esta tradição, Jesus ainda teria aparecido por mais sete dias). Então, a mãe dele e a mulher que Jesus havia curado de loucura, vieram chorando para o lugar onde o crucificado estava. Jesus veio até elas e disse, "Por quem vocês choram?" Elas responderam, "Por você". Ele disse, "Deus me elevou para ele e nenhum mal caiu sobre mim. Porque isto é uma coisa que somente lhes pareceu (alguém foi crucificado no lugar de Jesus, tendo sido feito parecer com ele. Por isso, a crucificação de Jesus foi só de aparência, uma vez que uma outra pessoa foi morta em seu lugar). Vá agora e diga aos discípulos para encontrar-me em tal e em tal lugar." Assim onze discípulos foram e se encontraram com ele, mas o que o havia vendido aos judeus estava faltando, (pois havia se matado).<sup>60</sup>

Percebemos pelas tradições do tipo um, grupos um e dois, que Jesus pediu que um de seus discípulos fosse feito à semelhança dele ou que vários fossem. Nos dois casos, tendo a semelhança de Jesus vindo sobre um ou todos os discípulos, há sempre um voluntário que se dispõe a morrer no lugar de Jesus. Este foi feito parecer com ele antes de sua crucificação, vindo a ser preso e crucificado por causa disto.

Estes dois grupos de tradição do tipo um, possuem um problema o qual precisa ser resolvido. Este se refere aos discípulos estarem conscientes de que Jesus foi substituído, pois ele teria pedido, diante de todos, para alguém do grupo de seguidores mais chegados que o substituísse. Imediatamente surge um problema de interpretação com o Sura 4:157. O entendimento islâmico é que Jesus foi substituído sem que judeus e cristãos tivessem percebido

---

<sup>60</sup> Ibid. p. 2. (Tabari, ref. No. 10780).

que não era Jesus o crucificado. Por isso, o fim do verso 157 do Sura 4 termina afirmando que houve conjecturas sobre a morte de Jesus, "...e aqueles que discordam, quanto a isto, estão na dúvida, porque não possuem conhecimento algum, abstraindo-se tão somente em conjecturas; porém, o fato é que não o mataram." Caso os discípulos soubessem que Jesus foi substituído, por ter-lhes pedido que fosse substituído por um deles, então não haveria as conjecturas mencionadas no Sura 4:157.

Tabari percebeu esta dificuldade e a inconsistência com sua interpretação do Sura 4:157, pois, estando os discípulos conscientes da substituição de Jesus, não resta a possibilidade das conjecturas que a passagem afirma ter havido.<sup>61</sup> A conjectura só seria possível caso não tivesse havido consciência, por parte dos discípulos, do fato de Jesus ter sido substituído. O mesmo teria que ter ocorrido também com os judeus. Tanto judeus como cristãos não poderiam ter tido consciência da substituição de Jesus na cruz.

Uma segunda dificuldade das tradições do tipo um, catalogadas por Tabari, é o fato de que, tendo vindo a semelhança de Jesus sobre uma pessoa ou sobre todo o grupo, e tendo alguém se passado por Jesus e morrido no lugar dele, fica implícito que esta pessoa se passou por mentiroso. Uma vez que teria aceitado ser visto e tratado como Jesus, quando bem sabia que era outra pessoa.

A única tradição do tipo dois descrita por Tabari, resolve a dificuldade da consciência dos discípulos sobre alguém ter sido feito parecer com Jesus. Neste caso, tanto os discípulos como os judeus não estão conscientes que Jesus fora substituído. Neste segundo tipo de tradição, Jesus não pediu que alguém o substituísse. Mas, Deus fez com que sua semelhança caísse sobre alguém, tendo já os discípulos saído da casa. Quando os judeus prendem a Jesus, então, Deus eleva aquele e alguém não mencionado é feito parecer com ele. Esta pessoa é presa e crucificada. A tradição termina mostrando que Jesus explicou para sua mãe e para aquela que ele havia curado de loucura que de fato ele não foi crucificado, apenas pareceu que tivesse acontecido isto.

Esta tradição do tipo dois, todavia, cria uma nova dificuldade. É o fato de Deus ter feito o papel de alguém injusto, fazendo com que um inocente fosse crucificado no lugar de Jesus. Esta idéia é estranha, pois Deus poderia ter elevado Jesus sem que ninguém tivesse que ser feito parecer com ele ou morrer crucificado em seu lugar. Este tipo dois de tradição, possui

---

<sup>61</sup> Ibid. p. 2 (comentado Sura 4:157).

também, a dificuldade de fazer de Deus autor de engano. Se muitas pessoas pensaram que Jesus foi crucificado, inclusive seus discípulos, quando na verdade não foi, então houve engano. Esta tradição, portanto, resolve a dificuldade da consciência dos discípulos, mas cria duas outras dificuldades: a da injustiça divina, fazendo com que um inocente sofresse desnecessariamente; e a do engano, definindo Deus como quem faz as pessoas pensar que Jesus havia morrido crucificado, quando não havia.

Vale ressaltar que mesmo nas tradições do tipo um, grupo um, Deus seria o autor de engano, pois apesar de que os discípulos estariam conscientes da substituição de Jesus, outras pessoas, como os judeus e os romanos, não.

Tabari preferia a tradição de que todos os discípulos foram feitos semelhança de Jesus, com a ressalva de que Jesus não pediu para nenhum deles o substituir.<sup>62</sup> Assim, resolvia a dificuldade de que os discípulos não poderiam estar conscientes da substituição, podendo ter havido as conjecturas mencionadas no Sura 4:157. Contudo, com esta proposta de Tabari, ficamos com o problema de Deus ter sido injusto ao fazer com que um inocente morresse no lugar de Jesus, sem se ter voluntariado. Há ainda a outra dificuldade de Deus ter sido autor de engano, fazendo com que muitos pensassem que Jesus foi crucificado, quando não foi.

A conclusão de Tabari foi, pois, que Jesus não pediu que houvesse um voluntário que morresse em seu lugar, mas que, de alguma forma, a sua semelhança veio sobre alguém que morreu crucificado, sem que cristãos ou judeus soubessem da substituição. Assim, houve as conjecturas mencionadas no Sura 4:157. Tabari nos deixa com as dificuldades da injustiça e engano divinos a serem resolvidas.

#### 4. 2 Desenvolvimentos posteriores a Tabari

Não é de admirar que, após Tabari, houvesse desenvolvimentos das teorias de substituição. Havia a necessidade de se resolver as dificuldades da injustiça e engano divinos. A idéia que surge, posterior a Tabari, sugere que a pessoa feita por Deus à semelhança de Jesus não era inocente, merecendo a morte. Sendo assim, Deus não pode ser reprovado por ter permitido a morte de um inocente, pois o substituto era digno de morte.

##### 4. 2. 1 A teoria de Ibn 'Abbas

Dentro desta linha de que um culpado foi feito à semelhança de Jesus, temos uma tradição narrada conforme Ibn 'Abbas, um dos primeiros companheiros de Mohammad. É

---

<sup>62</sup> Ibid., p. 2 (Tabari, comentando Sura 4:157).

estranho que Tabari desconhecesse esta tradição considerada muito antiga, e não a incluisse em suas considerações sobre as teorias de substituição. Mesmo que seja considerada antiga, esta é uma opção posterior às considerações de Tabari.<sup>63</sup> Segundo esta tradição, um homem mau chamado Titanus foi o substituto de Jesus. Há outras versões deste tipo de teoria. O mais importante é compreender que a idéia principal é resolver o problema da injustiça divina ao sugerir que o substituto de Jesus era alguém mau, que merecia morrer e não um inocente. Vejamos um exemplo deste tipo de tradição,

Quando Deus transformou aqueles que insultaram a Jesus e sua mãe em animais, (como resultado do que Jesus havia pedido a Deus), Judas, o líder dos judeus, ouviu sobre isto e ficou com medo de ser transformado em um animal também. Assim, ele reuniu os judeus e concordaram em matar Jesus. Gabriel fez com que Jesus subisse na parte mais alta da casa, onde havia uma luz no teto. Então, Gabriel o elevou (Jesus subiu ao céu). Judas enviou um de seus amigos, cujo nome era Titanus para a casa, para matar Jesus, mas ele não conseguia vê-lo e assim se atrasava. As pessoas do lado de fora pensavam que ele pudesse estar lutando com ele na parte mais alta da casa. Lá, Deus lançou a semelhança de Jesus sobre aquele homem (Titanus), e quando ele saiu para se encontrar com seus amigos fora da casa, eles o mataram e o crucificaram. Alguns dizem que Deus o fez parecer com Jesus somente na face e não o corpo. As pessoas diziam "A face é de Jesus, mas o corpo é de Titanus". Outros diziam, "Se este é Titanus, então, onde está Jesus, e se este é Jesus, onde está Titanus?"<sup>64</sup>

Com este tipo de teoria, resolvia-se o problema da injustiça divina, pois a pessoa que morreu não era boa e inocente. Contudo, é estranho que Tabari desconhecesse esta tradição tão antiga ou qualquer outra desta natureza, não tendo feito nenhum comentário sobre as mesmas. Mas, este tipo de tradição não resolve a outra dificuldade, a de Deus ser autor de engano, ao deixar que muitas pessoas pensassem equivocadamente que Jesus foi crucificado.

Segundo os tipos de teorias abordados até o momento, fica claro que não é fácil definir em que condições a semelhança de Jesus veio sobre alguém. O desenvolvimento posterior a Tabari resolve a dificuldade da injustiça divina, porém, cria a da ignorância de tradição antiga por Tabari e deixa o problema do engano divino não resolvido.

As dificuldades das teorias de substituição não param aqui. Razi identificou vários pontos, entre eles o problema de identidade, ou seja, o de uma pessoa não ser quem parece ser e a relação disto com documentos históricos. Passemos ao nosso próximo item quando Razi levanta outras dificuldades, incluindo a do engano, e propõe uma solução.

---

<sup>63</sup> Anderson, M. *The Light and Fragrance of God*. Part 4. 1996. p. 2. Answering Islam Home Page.

<sup>64</sup> Ibid. p. 5. Magma'u al- Bayan, Abu 'Ali al-Fadl Ibn al-Hasan al-Tubrusi, comentando o Sura 4:157.

#### 4. 2. 2 A solução de Razi

Um dos comentaristas que lutou com as dificuldades das teorias de substituição foi Fakhr Ad-Din al-Razi.<sup>65</sup> Veremos, primeiro, as dificuldades que ele alista das teorias de substituição e depois a sua solução para estas.

Razi alistou algumas dificuldades das teorias de substituição. Destacamos somente cinco: 1) O problema de identidade: Razi teve dificuldades com a idéia de que alguém pudesse ser feito parecer com outro, pois isto cria uma insegurança total com os fatos históricos. Raciocinava ele que se olharmos para Zaid e vemos Zaid, mas Zaid não é ele, é alguém que foi feito parecer com ele, então isto traz tal confusão de identidade, que nos fará duvidar da credibilidade de qualquer registro histórico, pois como saberemos que as pessoas são quem parecem ser (ou foram quem elas pareciam ser)?;<sup>66</sup> 2) A incoerência de Deus ter livrado Jesus pela elevação e ainda assim permitir que alguém morresse: Desde de que Deus era poderoso para salvar Jesus, elevando-o, qual foi a vantagem de fazer com que alguém fosse feito à semelhança dele, apenas para que se afirmasse que o inocente morreu, sem que isto representasse nenhum ganho real para o que seria morto (Jesus), uma vez que ele já havia sido elevado?;<sup>67</sup> 3) A manifestação de um engano de bom tamanho ao ter Deus deixado as pessoas pensarem que era Jesus que morria, quando não era. Se a semelhança de Jesus veio sobre um outro, enquanto Jesus havia sido elevado ao céu, fazendo com que as pessoas pensassem que ele foi crucificado, isto requer uma boa medida de engano, não digna de Deus;<sup>68</sup> 4) Duvidar dos relatos históricos dos cristãos, por fim, gerará problemas de aceitação de todos os profetas, inclusive de Mohammad: Os cristãos em suas missas, no oriente e ocidente, a despeito de seu grande amor por Jesus, e o exagero deles sobre ele, relataram que viram ele morrendo crucificado. Se duvidarmos disto, teremos que duvidar dos relatos históricos deles, que por sua vez, exigirá dúvidas quanto ao ministério profético de Mohammad e Jesus, ao ponto de duvidarmos até mesmo da existência deles e de todos os profetas.<sup>69</sup> 5) Quem estava na cruz, não sendo Jesus, poderia ter protestado e falado a todos que ele não era Jesus, mas isto não aconteceu: Está relatado que aquele que foi

---

<sup>65</sup> Fareh, R. por email, em 11/03/2000. Segundo Fareh, Razi nasceu em 543/1149, em Al Raiy, vindo a morrer em 606/1209. Razi veio a ser um grande e respeitado erudito do Islamismo, possuindo o título, Shaikh al Islam. Seus ensinamentos eram polêmicos, por isso, possuiu muitos inimigos. Costumava atrair inúmeros alunos para suas palestras. O trabalho principal de sua vida, foi a tentativa de reconciliar filosofia e tradições religiosas. Era possuidor de um racionalismo invejável para sua época.

<sup>66</sup> Anderson, M. *The Light and Fragrance of God*. Part 4. 1996. p. 5. Answering Islam Home Page.

<sup>67</sup> Ibid. p. 6.

<sup>68</sup> Ibid. p. 6.

crucificado, ficou na cruz várias horas, o suficiente para ter tido tempo de convencer as pessoas que ele não era Jesus. Contudo, isto não está registrado nos relatos historicamente transmitidos.<sup>70</sup>

Razi precisava, então, resolver as dificuldades por ele levantadas. Todas são produzidas pelo fato que muçulmanos crêem que Deus fez a semelhança de Jesus vir sobre alguém, vindo esta pessoa ser crucificado no lugar de Jesus. Sendo assim, Deus é o autor das cinco dificuldades expostas acima, inclusive a do engano, que até então não havia sido resolvida ou não havia tido nenhuma proposta de solução.

A solução de Razi propõe que os judeus espalharam a informação que alguém que eles haviam matado era Jesus quando já não podiam localizá-lo, pois ele já havia sido elevado. As pessoas não perceberam que a pessoa morta não era Jesus, pois este era de pouco contato social. Por isso, não era conhecido de muitos.

Quando Cristo foi elevado, os judeus tomaram um homem a quem eles crucificaram, reivindicando que ele era Jesus, porque Jesus era um homem de pouco contato social, e assim conhecido de somente alguns companheiros.<sup>71</sup>

Razi afirma que a transmissão cristã da crucificação origina-se com pessoas que estavam embaçadas neste relato falso dos judeus sobre o fato que o tinham crucificado, quando na verdade este já havia subido ao céu. Desta forma, Deus não teria feito a semelhança de Jesus ter vindo sobre ninguém, mas tudo não passou de um fato inventado pelos judeus. Sendo assim, Deus fica inocentado da culpa de ter gerado as cinco dificuldades levantadas por Razi, pois a culpa é dos judeus que inventaram o relato da substituição de Jesus, ao afirmarem que alguém que eles haviam matado era Jesus, quando Jesus já havia sido elevado ao céu. “A transmissão cristã da crucificação, origina-se com algumas pessoas, cujo apoio em um relato falso não é improvável”.<sup>72</sup>

A diferença entre a solução de Razi e as demais anteriores está na fonte originadora do engano. Ou foi Deus, como sugerido anteriormente, ou foram os judeus, como proposto por Razi. Razi sugeriu que foram os judeus, assim oferecendo sua solução para os problemas das teorias.

A teoria de Razi, contudo, é semelhante a outras que entram em contradição com a informação do Sura 4:157, onde judeus e cristãos desconheciam que havia ocorrido a

---

<sup>69</sup> Ibid. p. 6.

<sup>70</sup> Ibid. p. 6.

<sup>71</sup> Ibid. p. 6. Razi, at-Tafzir al-Kabir, comentando sobre o Sura 4:157.

substituição de Jesus, ficando expostos a conjecturas. O Sura 4:157, segundo o entendimento islâmico, afirma que Jesus não foi crucificado, tendo somente sido feito parecer a judeus e cristãos que estava sendo (tiveram ilusões), quando não estava. Por isso, houve conjecturas.

A solução de Razi resolve o problema das dificuldades levantadas por ele, mas volta a dificuldade observada por Tabari. Cristãos e judeus não poderiam fazer conjecturas, segundo o Sura 4:157, caso tivessem conhecimento que Jesus foi substituído, ou tivessem conhecimento da invalidade da informação sobre a substituição de Jesus, como sugere Razi.

Um outro desenvolvimento posterior a Tabari das teorias de substituição, é a teoria proposta pelo Evangelho de Barnabé.

#### 4. 2. 3 O Evangelho de Barnabé

O desenvolvimento mais recente das teorias de substituição, a qual tem sido popularizado pelas publicações islâmicas, é a teoria proposta no Evangelho de Barnabé. Esta é uma reedição de uma teoria antiga. Deus fez a semelhança de Jesus cair sobre alguém, mas isto não foi injusto, pois a pessoa que foi transformada a semelhança dele não era alguém inocente, mas de mau caráter. Foi Judas Iscariotes. Por isso merecia morrer. Esta teoria tem a dificuldade de contradizer uma tradição bem mais antiga, a qual já vimos na página 25. Esta tradição afirma que Judas cometeu suicídio. Esta também volta a definir Deus como autor de engano.

Em nossa convivência com muçulmanos, percebemos que a teoria do Evangelho de Barnabé é a mais popular e aceita entre eles. É a mais citada como opção para o que realmente ocorreu nos últimos momentos da vida de Jesus. Contudo esta, além de ter os problemas de definir Deus como autor de engano e contrariar uma tradição antiga que disse ter Judas cometido suicídio, possui alguns outros. Um deles é estar baseada num livro que não é autêntico, segundo evidências internas e externas. Facilmente se prova que o Evangelho de Barnabé não é digno de crédito.

O Barnabé das Escrituras foi citado 28 vezes no livro de Atos. Foi companheiro de Paulo e homem de confiança da Igreja em Jerusalém, (At. 11, 13 a 15). O chamado Evangelho de Barnabé contradiz as doutrinas cristãs, que certamente eram aceitas pelo Barnabé de Atos, por ser um dos líderes da igreja primitiva.

---

<sup>72</sup> Ibid. p. 6.



Nos referiremos ao Evangelho de Barnabé de agora em diante como EB. As passagens serão citadas usando a indicação EB (Evangelho de Barnabé), mais o número do capítulo. Este livro não é subdividido em versículos como os Evangelhos canônicos.

Todas as citações do EB serão extraídas do *The Gospel Of Barnabas*, publicado pelo Islamic European Cultural Centre, Rome, Italy, II edition 1986. Na contra capa desta publicação, encontramos a informação de que esta versão foi editada e traduzida por Lonsdale e Laura Ragg, do manuscrito em italiano, que se encontra na Biblioteca Imperial em Viena. A primeira publicação foi em 1907 pela At the Claredon Press, Oxford.

A versão inglesa de 1907 continha uma introdução, escrita pelos tradutores, que mostrava por evidências externas e internas que o EB era um documento forjado. Não representa um documento, e nem cópia de um documento, escrito pelo Barnabé de Atos: "Em 1907 o Evangelho de Barnabé foi traduzido por Lonsdale e Laura Ragg. Na introdução, publicaram inúmeras evidências externas e internas de que este evangelho é falso."<sup>73</sup>

Infelizmente as publicações islâmicas do EB, como a que usamos para as nossas citações, reconhecem que estão utilizando a tradução de Lonsdale e Ragg, porém, como nota o apologeta cristão, Gehard Nehls, continuamente omitem as observações dos mesmos, quanto à não autenticidade do EB:

..., Porém nas versões publicadas pelos muçulmanos, omitem a introdução escrita por estes tradutores (Lonsdale e Ragg).<sup>74</sup>

Small e Barcus, apologetas cristãos, também atestam o fato de que os muçulmanos omitem as observações dos tradutores do EB, que revelam se tratar de um documento não digno de crédito, pode não ter sido escrito pelo Barnabé das Escrituras.

Foi em 1907, de um texto italiano do EB, que foi feita a tradução para o inglês por Lonsdale e Laura Ragg. Na introdução deste, mostraram que o EB é um documento medieval, não autêntico. Desde que as versões em árabe e em urdu foram publicadas, o foram sem as observações de Lonsdale e Laura Ragg. Lt. Col. M. A. Rahim (Pakistan) imprimiu o EB em 1973, mas omitiu as observações dos tradutores da versão em inglês.<sup>75</sup>

Nossa intenção é mostrar, primeiro, onde no EB está sugerido que Jesus foi substituído por Judas Iscariotes. Segundo, é fazer um breve resumo de como surgiu o Evangelho

---

<sup>73</sup> Nehls, G. *Christians Answer Muslims*. RSA, Evangelical Mission Press, 1988. p. 119.

<sup>74</sup> Ibid. p. 119.

de Barnabé, abordando suas evidências externas. Terceiro, vamos examinar as evidências internas do mesmo. Chegaremos à conclusão de que este livro não é digno de crédito e portanto também a teoria de substituição sugerida por ele.

a) Judas foi feito a semelhança de Jesus

Veremos através de textos extraídos do EB, como Judas esteve envolvido na traição e prisão de seu Mestre.

... E (Jesus) virando-se para Judas, disse-lhe: "Amigo porque demora? Minha hora está próxima, vá e faça o que tiveres...." Quando haviam terminado de comer o cordeiro, o diabo veio sobre as costas de Judas, que saiu da casa. Antes Jesus disse-lhe: "Faça rapidamente o que tiveres que fazê-lo (EB 213).

Judas... foi até o sumo sacerdote e disse: "Dar-te-ei o que prometi, esta noite te entregarei Jesus, a quem procuras; pois está sozinho com os onze companheiros." O sumo sacerdote respondeu: "Quanto queres?." Judas disse: "Trinta moedas de ouro...." (EB214)

A semelhança de Jesus, contudo, veio sobre Judas por uma atuação de Alá. Apesar dos protestos de Judas, este foi crucificado no lugar de Jesus, no processo de tentar prender a Jesus.

Quando os soldados com Judas aproximavam-se do lugar onde Jesus estava, Jesus percebeu que muitos se aproximavam, e com medo, retirou-se para casa. E os onze estavam dormindo. Então Deus, vendo o perigo pelo qual passava seu servo, ordenou que Gabriel, Rafael e Uriel, seus ministros, tirassem Jesus deste mundo.

Os santos anjos vieram e tiraram Jesus deste mundo pela janela voltada para o sul. Eles o colocaram no terceiro céu em companhia dos anjos, que bendizem Deus eternamente (EB 215).

Judas entrou impetuosamente diante de todos no quarto, de onde Jesus tinha se retirado. E todos os discípulos estavam dormindo. Quando o Deus maravilhoso atuou..., De tal forma, que Judas foi mudado na forma de falar e na face, à semelhança de Jesus. E ele, tendo nos despertado perguntava, onde o Mestre estava, e maravilhados respondíamos: "Tu, senhor, és nosso mestre; teria nos esquecido?

E ele sorrindo, disse: "São tolos, não sabem que sou Judas Iscariotes?"

E enquanto falavam isto, os soldados entraram e prenderam a Judas, porque ele era exatamente como Jesus...(EB 216).

A estória de Judas sendo feito a semelhança de Jesus continua com muitos detalhes onde no julgamento expressa que estavam fazendo um grande erro em prendê-lo (EB 217). Por fim, ele é crucificado. Os que isto faziam, pensavam que ele era Jesus, pois havia sido feito à semelhança de seu Mestre,

---

<sup>75</sup> Barcus, J. e Small, K., *The Gospel of Barnabas: Bad News For Muslims And Christians*. Extraído da internet em

Assim o levaram ao monte Calvário, onde costumavam executar malfeitores, e lá o crucificaram nu, por ser isto uma grande ignomínia.

Judas verdadeiramente não fez mais nada, mas gritou: "Deus, porque me esqueceste, vendo que o malfeitor escapou e eu morri injustamente."

Verdadeiramente vos digo que a voz, a face e a pessoa de Judas, eram tão similares a Jesus, que seus discípulos e seguidores, creram absolutamente que ele era Jesus. Por isso, alguns se desviaram da doutrina dele, crendo que Jesus tivesse sido um falso profeta, e que por artes mágicas havia feito milagres..., porque Jesus havia dito que ele não morreria até que o fim estivesse próximo, e que em ocasião oportuna, seria elevado deste mundo...(EB217).

A teoria do EB reedita, portanto, uma antiga versão das teorias de substituição, a qual definia que Alá transformou um malfeitor à semelhança de Jesus. Desta forma, o problema da injustiça divina fica resolvido, assim como preserva Jesus das dificuldade de pedir aos discípulos que alguém o substituísse. Isso evita também criar problemas com o final do Sura 4:157, que afirma ter havido conjecturas quanto ao que aconteceu com ele. Contudo, esta teoria cria alguns problemas:

1. Sendo Titanus, ou sendo Judas, ou qualquer outro malfeitor que morreu substituindo a Jesus, estas possibilidades deixam seus discípulos e os judeus pensando que algo aconteceu, a crucificação de Jesus, quando isto não foi assim. Por que Deus demorou tantos séculos para esclarecer que de fato Jesus não havia sido crucificado? Por que isto veio a ocorrer só quando Mohammad recebeu a revelação do Sura 4:157. Em outras palavras, é uma reedição do problema do engano divino.
2. Possui a dificuldade abordada por Razi. Se Zaid não é Zaid, apesar de que a pessoa que vemos se parece com Zaid, então, como confiar em documentos históricos? Nunca saberemos quem era realmente quem no passado ou no presente. Esta posição, por fim, vem a minar o Alcorão e as tradições islâmicas. Como poderiam os muçulmanos ter certeza de que as pessoas eram exatamente quem pareciam ser? Sendo o testemunho destas preservado nas tradições, podendo ter sido elas ou alguém parecido.
3. Possui dificuldades próprias de um livro que não passa pelo critério de um documento autenticamente escrito pelo Barnabé das Escrituras. Suas evidências externas e internas, apontam para o fato de que o EB é um documento da Idade

Média, escrito por alguém que não tinha idéia da geografia e história da Palestina. Este não seria o caso do Barnabé das Escrituras.

b) As evidências externas do EB

O manuscrito original do EB apareceu pela primeira vez em 1709, pertencendo a Craemer, conselheiro do rei da Prússia. Foi dele retirado e colocado na biblioteca de Viena em 1738. As evidências externas deste manuscrito indicam que o livro é de uma data bem posterior à existência de Barnabé, citado no livro de Atos. Eruditos o examinaram e perceberam que a capa tinha estilo oriental e continha notas de rodapé em árabe. Ao examinarem o papel e tinta usados, mostrava ter sido um trabalho escrito no século 15 ou 16<sup>76</sup>, sendo atribuído, portanto, falsamente a Barnabé quase 1500 anos após sua morte.

O erudito inglês, George Sale, no prefácio da mais antiga versão em inglês do Alcorão, feita por ele, refere-se a uma cópia do EB em espanhol, a qual parece ter estado com ele pelo menos por algum tempo. O manuscrito em italiano, do qual todas as traduções em inglês do EB são feitas, contém muitos erros de ortografia. Por causa disto, alguns pensam que a versão espanhola fosse a original deste evangelho.<sup>77</sup> Porém, outros pensam que a versão em italiano é a original. Há menção a estas duas versões no prefácio de Sale,

George Sale traduziu o Alcorão do árabe para o inglês em 1734. No prefácio, menciona uma outra cópia do Evangelho de Barnabé em espanhol. Este documento está perdido e tudo que sabemos sobre ele, é o que Sale escreveu. Nesta versão em espanhol, (segundo Sale), havia a informação de que era uma tradução da versão em italiano, feita por um espanhol chamado Mostafa de Aranda. Prossegue dizendo que a versão em italiano foi roubada pelo monge Marino da biblioteca do Papa Sexto V, enquanto ele cochilava. Depois de lê-lo, Marino tornou-se um muçulmano, reivindicando que o Evangelho de Barnabé era o autêntico, talvez, até o original.<sup>78</sup>

Havia, portanto, na cópia em espanhol do EB, como esta mencionado nesta nota introdutória por Sale, a informação de como o monge Marino roubou, da biblioteca do Papa Sexto V, o EB.

Havia também nesta a informação de como começou o interesse do monge pelo EB. Este surgiu quando Marino encontrou uma carta de Irineu criticando o apóstolo Paulo, baseando suas críticas no EB. Por isso Marino desejava muito ter uma cópia deste livro. Contudo, em

---

<sup>76</sup> Jadeed, I. *The Gospel of Barnabas "A False Testimony"*. Rikon, Switzerland, The Good Way, p. 6.

<sup>77</sup> Barcus, J. e Small, K. *The Gospel of Barnabas: Bad News For Muslims And Christians*. Extraído da internet em 10/09/1999. Answering Islam Home Page.

<sup>78</sup> Nehls, N G. *Christians Answer Muslims*. RSA, Evangelical Mission Press, p. 119.

nenhum dos escritos de Irineu encontramos sequer uma crítica ao apóstolo Paulo, e não há nenhuma referência ao EB nestes.<sup>79</sup>

Alguns eruditos sugerem que o monge Marino foi o autor do EB após ter se convertido ao Islamismo, passando a ser chamado Mustafa al-'Aranda. Outros pensam que talvez tenha havido uma primeira versão original em árabe. No EB há seções inteiras onde fica claro que a maior parte do texto é uma cópia quase que exata de passagens do Alcorão,

Alguns estão inclinados a crer que a versão em italiano não é a original e sim uma outra em árabe, pois qualquer um lendo o EB, pode perceber que certos textos são cópias, quase que exatas de passagens do Alcorão. Entre os primeiros que tinha tal posição, encontra-se o Dr. White, 1784.<sup>80</sup>

Não há, portanto, definição quanto a qual versão é a original do EB, podendo ter sido um manuscrito em espanhol, italiano ou árabe.

Os muçulmanos, por sua vez, sugerem que o EB é cópia de uma versão autêntica e verdadeira bem antiga mencionada no decreto do Papa Gelasius I (492-495).<sup>81</sup> Contudo, a data deste decreto é indefinida, não havendo concordância plena quanto a sua época exata. De qualquer forma, o EB até então existente foi rejeitado juntamente com outros livros por este decreto: "Neste decreto (Gelasiano), o EB foi rejeitado, assim como outros 10 evangelhos escritos em grego, pois foram considerados heréticos. Se tal documento tivesse sido escrito por Barnabé, teria tido o apoio da igreja."<sup>82</sup>

Muçulmanos, como Abdullah, reconhecem que o EB foi rejeitado pelo bispo Gelasius de Cesárea: "O Papa Damasus (304-384) expediu um decreto que o EB não deveria ser lido. Este decreto foi apoiado por Gelasius, bispo de Cesárea."<sup>83</sup>

Abudallah afirma que o EB, foi depois citado por outros decretos, como no decreto do Papa Sextus I, A.D. 464 e no decreto da Igreja Ocidental, sugerindo que este é antigo e conhecido da igreja.<sup>84</sup> Contudo, Nehls explica que não há menção ao EB nestes decretos. Sendo assim, o argumento de Abudallah não procede.

O Papa Sexto I, foi papa de 402-417 (antes da data sugerida pelos muçulmanos de A.D. 465 para o decreto deste papa). Não há nenhuma menção do EB neste decreto

---

<sup>79</sup> Jadeed, I. *The Gospel of Barnabas "A False Testimony"*. Rikon, Switzerland, The Good Way, p. 7.

<sup>80</sup> Ibid. p. 8.

<sup>81</sup> Nehls, N G. *Christians Answer Muslims*. RSA, Evangelical Mission Press, p. 120.

<sup>82</sup> Barcus, J. e Small K. *The Gospel of Barnabas: Bad News For Muslims And Christians*. Extraído da internet em 10/09/1999. Answering Islam Home Page.

<sup>83</sup> Abdulaah, M. *What Did Jesus Really Say?* MI, USA, International Media Group, 1996. p. 382.

<sup>84</sup> Ibid. p. 382.

(no decreto do Papa Sexto I). O decreto da Igreja Ocidental, é o mesmo que o de Roma, e tudo que sabemos dele, é o que se encontra no decreto de Gelasiano (o qual rejeitou o EB conhecido na época).<sup>85</sup>

Os muçulmanos também tentam provar a existência do EB como sendo anterior à medieval, utilizando a lenda de que uma cópia do livro foi encontrada nos braços de Barnabé quando seu túmulo foi descoberto em Chipre A.D. 478. A lenda diz que Barnabé apareceu numa visão para o bispo de Salamina (Chipre) e disse,

"Em 478, o quarto ano do imperador Zeno, os restos de Barnabé foram encontrados e no seu peito havia uma cópia do EB, escrito por sua própria mão (Acia Sanctorum Borland Junii Tom II, páginas 422 e 450. Antwero 1698).<sup>86</sup>

Contudo, está citação lendária não comprova a possibilidade da existência de um EB antigo aceito pela igreja. A mesma, quando mencionada completamente, contém a informação de que o Evangelho, que seria encontrado nas mãos sobre o corpo enterrado e preservado de Barnabé, foi-lhe passado por Mateus, "O qual recebi do santo apóstolo e evangelista Mateus."<sup>87</sup> Ainda que o EB tivesse sido escrito por Barnabé era, todavia, cópia do Evangelho de Mateus. Esta lenda, portanto, não nos dá base de comprovação para a existência de um EB antigo e aceito pela Igreja. Esta se refere ao Evangelho de Mateus, o qual é cristão e discorda de doutrinas islâmicas.

Não há, portanto, base para se crer que o EB seja mais antigo do que é sugerido pelos eruditos. Estes entendem que o EB é um livro da Idade Média, como indicam as evidências externas de tinta, material e línguas utilizadas nos manuscritos. Não há comprovação para a existência de um EB antigo que fosse aceito pela igreja e tivesse credibilidade. Todas as evidências apontam para um EB que não foi aceito.

Vale lembrar que durante a época de Barnabé de Atos ainda não existiam as línguas espanhola e italiana, ramificações do latim que não haviam se desenvolvido ainda.

#### c) As evidências internas do EB

Dividiremos as evidências internas de três formas. Primeiro, evidências de que a época escrita é a Idade Média; segundo, erros históricos; terceiro, erros geográficos. Assim ficará claro que o EB, traduzido de um manuscrito italiano por Lonsdale e Ragg, não pode ser aceito como autêntico. Desta forma, tudo que nele se encontra não é digno de aceitação, inclusive a

---

<sup>85</sup> Nehls, N G. *Christians Answer Muslims*. RSA, Evangelical Mission Press, 1988. p. 120.

<sup>86</sup> Abdulaah, M. *What Did Jesus Really Say?* MI, USA, International Media Group, 1996. p. 382.

parte que afirma ter Jesus sido substituído na cruz por Judas Iscariotes. Assim, invalidamos a teoria do EB, de que a crucificação de Jesus foi somente aparente.

Seremos econômicos em nossos exemplos o suficiente para provarmos nosso ponto. Há inúmeras dificuldades no EB e seria exaustivo mencionar todas. Não mencionaremos dificuldades e absurdos teológicos do EB, à semelhança da passagem na qual Jesus ora pedindo que satanás seja perdoado (EB 51, 57). Os exemplos a serem mencionados estabelecem o fato que o EB não é digno de aceitação. Todos são extraídos do livro de Nehls.<sup>87</sup>

Primeiro, veremos as comprovações que o EB foi escrito na Idade Média:

- Barris de vinhos são mencionados (EB 152). No tempo de Barnabé, porém, havia odres. Barris são próprios da idade média.
- Adão e Eva foram ordenados a fazer penitência (EB 41). Era prática própria da Idade Média, e não do tempo de Barnabé.<sup>89</sup>

Segundo, erros históricos do EB:

- Quando Jesus nasceu, Pilatos já era governador e Anás e Caifás eram sacerdotes (EB 3). Pilatos, porém, se tornou governador em 26 A.D., Anás sacerdote em 6 A.D. e Caifás em 8 A.D..
- No tempo de Elias havia 12 montanhas habitadas por dezessete mil fariseus (EB 145). Porém os fariseus vieram a existir entre 135-104 AC. Portanto, isso foi 7 séculos depois do tempo de Elias.<sup>90</sup>

Terceiro, erros geográficos,

- Jesus viajou para Nazaré de barco (EB 20). Porém, Nazaré fica numa colina a 700 mts. de altitude. Era Cafarnaum que ficava a beira mar.

---

<sup>87</sup> Nehls, N G. *Christians Answer Muslims*. RSA, Evangelical Mission Press, 1988. p. 121.

<sup>88</sup> *Ibid.* 120-125.

<sup>89</sup> Há outros erros desta natureza, tais como, a referência a procedimentos jurídicos próprios da Idade Média. Quando um prisioneiro era interrogado por um juiz, alguém na corte (notary) anotava (EB 121). Dois rivais no amor duelam, porém isto era prática da Idade Média (EB 99). Jesus cita que o ano do Jubileu ocorria a cada 100 anos (EB 82, 83), contrariando Lv. 25:11, que afirma ser a cada 50. A única vez que na história o ano do jubileu deveria ser celebrado a cada 100 anos, foi durante a direção eclesíástica do Papa Bonifácio VIII (aproximadamente 1300 AD). O Papa Clemente (1343 AD) revogou a ordem de Bonifácio.

<sup>90</sup> Há outros erros deste tipo que ilustram este item também, tais como, Daniel tem somente 2 anos quando é levado por Nabucodonosor (EB 80). Isto, porém, não é possível, pois o livro de Daniel mostra que ele interpretou o sonho do rei no segundo ano do seu reinado. Então Daniel teria que ter tido esta revelação com 3 ou 4 anos. Tendo sido feito governador de toda a província da Babilônia, após a interpretação. Na versão em italiano, Jesus menciona que o denário tem 60 minuti (EB 54). Minuti era moeda de ouro usada na Espanha durante o reinado de Khalif Abdul em 685 A.D. bem depois da época do Barnabé de Atos.

- Em outra passagem, mais uma vez, Jesus embarca de Nazaré (EB 151) e vai para Jerusalém (EB 152). Estas duas cidades não ficam a beira mar.
- Jesus sobe para Cafarnaum (EB 21). Porém para Cafarnaum se desce por ser beira mar.<sup>91</sup>

Somamos a estas dificuldades o fato de que todas as citações no EB, do Velho Testamento e Novo Testamento, são extraídas da Vulgata Latina, tradução da Bíblia para o latim de aproximadamente 380 A.D.: "Devemos observar que todas as citações do Velho Testamento e Novo Testamento no EB são extraídas da Vulgata latina (aproximadamente 380 A.D.)."<sup>92</sup> Certamente o Barnabé de Atos não poderia ter conhecido esta tradução.

Abudallah diz que a Vulgata utilizou-se do EB, como se este fosse um evangelho da época de Barnabé de Atos, sugerindo, portanto, que qualquer semelhança entre a Vulgata e o EB não comprova inautenticidade do livro.<sup>93</sup> Porém, isto seria pouco provável. Já vimos que não há nos registros da igreja um EB que tivesse sido reconhecido como autêntico. Por isso, não tem como a Vulgata ter se valido de textos existentes de um EB aceito. O fato de que o EB usa a Vulgata como fonte para os textos do Velho Testamento e Novo Testamento é mais uma prova de que este não foi escrito por Barnabé de Atos.

Fica claro, portanto, que o autor do EB desconhecia a geografia da Palestina e a história da época de Jesus, estando muito consciente de eventos e hábitos próprios da Idade Média. Por isso, não se pode aceitar o EB como digno de crédito. Por conseqüência, o mesmo não pode ser utilizado como fonte autêntica para a informação de que Judas foi o substituto de Jesus na cruz, invalidando esta teoria como uma possível explicação para uma crucificação aparente de Jesus.

As evidências externas e internas do EB demonstram, portanto, que o EB não é autêntico. Estas dificuldades somam-se às já mencionadas das teorias de substituição anteriores. Com a teoria do EB, resolve-se o problema da consciência dos discípulos sobre o fato de que Jesus foi substituído. Resolve-se o problema da culpabilidade de Alá ao enviar um inocente na cruz, pois neste caso é um malfeitor que morre. Cria-se, porém, o problema de mudança de

---

<sup>91</sup> Há outros exemplo que também ilustram este item, tais como, o incidente de Mc. 5:1 do Gadareno, é mencionado como se tivesse ocorrido em Cafarnaum (EB 21). Porém, foi na terra dos gerasenos, ou gadarenos, que viviam na margem oriental do mar da Galiléia. O profeta Jonas navega para Tarso (Turquia) em vez de Tarsis (provavelmente na Espanha), (EB 63). O animal marinho despeja Jonas em Nínive (EB 63). Porém esta cidade não ficava as margens do mediterrâneo, mas do rio tigre.

<sup>92</sup> Ibid. p. 123.



identidade e outras dificuldades mencionadas por Razi, assim como faz Deus autor do engano por ter permitido que muitas pessoas pensassem que Jesus havia sido crucificado, quando não havia sido. Podemos dizer que a teoria do EB, que é a mais aceita pelos muçulmanos, é a de mais difícil aceitação, por suas inúmeras dificuldades.

#### 4.3 A teoria de Ahmed Deedat

Abordaremos neste item um outro desenvolvimento das teorias islâmicas de substituição. Este desenvolvimento é conhecido como a teoria do desmaio, sendo muito divulgada pelo livro de Ahmed Deedat, intitulado *Crucifixion or Cruci-fiction*.<sup>94</sup>

Não é nossa intenção abordar em detalhes a teoria do desmaio. Mas queremos mostrar que esta não é nem islâmica e nem cristã. Por isso, não é digna de maiores considerações e nem serve como um escape às dificuldades das teorias de substituição.

A teoria do desmaio surge num contexto no qual o Islamismo tem lutado com respostas insatisfatórias, ligadas às teorias de possíveis substitutos de Jesus para que pudesse ter havido uma possível crucificação aparente. Temos visto que estas teorias se complicam com as possibilidades de como e quem foi o substituto de Jesus. Sendo assim, não é de se estranhar que com o tempo, viesse a ser desenvolvida uma teoria que presumisse a crucificação como um fato, mas que negasse a morte de Jesus por este meio. Desta forma, safa-se das dificuldades das teorias. É mais fácil crer que Jesus foi crucificado do que negar este fato, como nos mostra as teorias de substituição, por debaterem-se com inúmeras dificuldades. Ao Deedat negar a morte de Jesus pela teoria do desmaio, procura-se minar a veracidade do testemunho cristão sobre Jesus, sem que haja evidências convincentes para isto.

A teoria do desmaio é uma teoria de suposição. Através desta supõe-se que Jesus foi crucificado. Desmaiou, porém, na cruz sendo dado por morto. Ele se recuperou com a ajuda dos discípulos. Por fim, subiu ao céu sem passar por morte física. Esta teoria não oferece nenhuma evidência como comprovação histórica. Tem também a dificuldade de não ser nem islâmica e nem cristã.

O debate de Josh McDowell com Ahmed Deedat já mencionado, se fez necessário por causa da grande divulgação da teoria do desmaio. Era necessário que uma resposta cristã fosse dada (Veremos a resposta cristã no quinto capítulo deste trabalho).

---

<sup>93</sup> Abdulaah, M. *What Did Jesus Really Say?* MI, USA, International Media Group, 1996. p. 382.

<sup>94</sup> Deedat, A. *Crucifixion or Cruci-Fiction*. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International, 1984. Contra capa. Sua primeira edição foi de cem mil cópias.

Gilchrist também seu deu ao trabalho de responder a Deedat. O fez muito bem em seu livro, *The Crucifixion of Christ: A Fact, Not Fiction*. Gilchrist resume a teoria do desmaio da seguinte forma: "Todo o tema desta publicação (*Crucifixion or Cruci-fiction*) é que Jesus era um homem fraco de temperamento e caráter, que planejou um fracassado golpe em Jerusalém e que mesmo assim sobreviveu à crucificação."<sup>95</sup> Gilchrist prossegue afirmando que esta teoria é na verdade descreditada tanto por cristãos como por muçulmanos,

Esta teoria não tem nenhuma fundamentação bíblico e contradiz o Alcorão, o qual ensina que Jesus nunca foi posto na cruz (Sura 4:157). É promovida somente pela seita Ahmadiyya do Paquistão, a qual já foi declarada como uma seita minoritária, não islâmica. Somente Deedat sabe porque ele continua a propagar uma causa de um grupo descreditado, e porque advoga uma teoria que é anátema, tanto para cristãos como para muçulmanos.<sup>96</sup>

A teoria do desmaio é portanto, mais um desenvolvimento do que teria acontecido com Jesus em seus últimos momentos na terra. Não é islâmica, pois trabalha com a idéia que Jesus teria sido crucificado, o que não é aceito de uma forma alguma por muçulmanos por contrariar o Sura 4:157. Esta também afirma que Jesus sobreviveu à crucificação, o que não é aceito por cristãos.

É de se estranhar que o Islamic Propagation Centre, em Durban, RSA, tenha se dado ao trabalho de publicar a teoria propagada por Deedat, sendo esta tão contrária à revelação alcorânica e às próprias convicções de Deedat. Já vimos a importância do Alcorão para os muçulmanos em determinar o que ocorreu com Jesus, segundo o que é crido por Deedat como um devoto muçulmano.

Gilchrist publica na contra capa de seu livro *The Crucifixion Of Christ: A Fact, Not A Fiction* a opinião de Mohammad Bana, de Durban, sobre esta teoria. Este é um testemunho de um muçulmano de quanto não se pode aceitar o que é propagado por Deedat, devido à inconsistência da teoria do desmaio com a revelação alcorânica,

Mr. Deedat..., parece ter fixação com uma teoria sobre a crucificação do profeta Jesus. Em suas palestras, raramente expressa a posição islâmica e cristã e assim confunde sua audiência. Creio que gosta de fazer os Qadiyanis de seu país muito felizes, por abordar sempre a posição deles em sua palestra, que Jesus após ter sido colocado na cruz, desmaiou. Mr. Deedat é o único que pode nos dizer se está

---

<sup>95</sup> Gilchrist, J. *The Crucifixion of Christ: A Fact, Not Fiction*. Pretoria, RSA, Eternal Life Outreach, 1990. p. 3.

<sup>96</sup> Ibid. p. 3.

pregando a doutrina cristã, a muçulmana, ou a Qadiani. (*Mohammed Bana, Allegations Confirmed, p. 3*).<sup>97</sup>

Chegamos à conclusão, portanto, que após várias considerações insatisfatórias de como Jesus poderia ter sido substituído, através das teorias de substituição, começa-se a divulgar e a enfatizar especialmente através do livro de Deedat, a teoria do desmaio. Esta tenta minar a posição bíblica de que Jesus morreu crucificado. Não nega a crucificação como fato, uma vez que as teorias de substituição não dão base razoável para isto, mas nega que Jesus tivesse passado por morte física na cruz. Contudo, esta teoria do desmaio é anti islâmica por contrariar o Sura 4:157, não permitindo que nem mesmo muçulmanos a apoiem.

Concluimos, portanto, que as teorias de substituição enfrentam vários problemas, tais como:

1. Jesus permite que seus discípulos se tornem conscientes de que haveria uma substituição, criando problemas com o Sura 4:157 onde há a informação de que houve conjecturas sobre o que teria ocorrido com ele;
2. Alá transforma alguém à semelhança de Jesus. Porém, neste caso, torna-se injusto, ao levar a morte um inocente;
3. Alá é autor de engano ao fazer muitas pessoas pensarem que Jesus estava sendo crucificado quando não estava;
4. Alá faz a semelhança de Jesus cair sobre um malfeitor. Neste caso, cria-se o problema de identidade, assim como outros expostos por Razi, como visto na páginas 29-30 deste trabalho;
5. A solução de Razi transfere a culpa do engano que estava sobre Deus para os judeus. Mas, entra em dificuldade com o Sura 4:157 onde está afirmado que houve conjecturas por não estarem cristãos e judeus conscientes de que Jesus havia sido substituído;
6. O Evangelho de Barnabé tem pouco a acrescentar, pois é mais uma teoria de um malfeitor morrendo no lugar de Jesus. Possui todas as dificuldades expostas por Razi. Também possui as dificuldades de um livro não autêntico, segundo suas evidências internas e externas;

---

<sup>97</sup> Ibid. Contra capa.

7. Com a falta de explicações razoáveis quanto à substituição de Jesus, a teoria do desmaio começa a ser divulgada por centros islâmicos, como o de Durban na África do Sul. Mas não é nem islâmica e nem cristã. Não deixa, porém, de ser uma saída ao beco em que se encontra as teorias de substituição. Neste caso, presume-se que Jesus foi crucificado, mesmo que isto não seja islâmico.

Concluimos que as teorias de substituição não consistem em boas explicações sobre o que ocorreu com Jesus em seus últimos momentos de vida, pois apresentam muitas dificuldades. Estas teorias se baseiam no Sura 4:157, porém este não possui evidência histórica que permita firmar posição, mas somente fracas teorias.

Em contraposição à posição islâmica quanto à crucificação e morte de Jesus, temos que considerar a posição cristã. O faremos a seguir.

## 5. REALIDADE CRISTÃ QUANTO À MORTE E CRUCIFICAÇÃO DE JESUS

É nossa intenção demonstrar neste capítulo como a idéia de uma crucificação aparente tem sido rebatida pelos Pais da Igreja e por apologetas cristãos modernos. Esta concepção se manifestou inicialmente no contexto de seitas cristãs gnósticas. Vamos considerar o testemunho de Policarpo, Inácio e Irineu. Ao vermos o ensino destes três pais da Igreja sobre uma aparente crucificação e morte de Jesus, colocamos nosso tópico em seu contexto histórico anterior às alegações islâmicas.

Em seguida, veremos como apologetas cristãos modernos tem tratado do problema. Nos basearemos principalmente no debate de McDowell com Deedat, valendo-nos também de material escrito do próprio McDowell e de outros autores sobre o assunto. Veremos que respondem às alegações islâmicas demonstrando a veracidade dos fatos relacionados com a crucificação e morte de Jesus.

### 5.1 A manifestação da idéia de uma crucificação aparente

A idéia de que Jesus não foi crucificado, tendo um outro morrido em seu lugar não é nova. Irineu, apologeta cristão do II século, teve que lidar com este tipo de alegação feita por Basílides, gnóstico de seu tempo, que cria ter Jesus sido substituído na cruz por Simão Cirineu, o que foi obrigado a ajudar Jesus a carregar a cruz, (Mt. 27:32; Lc. 23:26; Mc. 15:21). A alegação de Basílides é única entre os demais gnósticos. Estes criam em crucificação aparente, não no sentido de uma substituição, mas no sentido de que Jesus nunca teria se encarnado. Por isso, nunca foi realmente crucificado.<sup>98</sup>

É suficiente, para liquidar com qualquer alegação gnóstica contra a crucificação de Jesus, perceber como Policarpo e Inácio, ambos discípulos de João, testificaram sobre estes fatos. Eles reafirmaram que Jesus havia realmente sido crucificado e morto, seguindo os passos do evangelista João. Em seguida também veremos como Irineu lidou com esta questão demonstrando a importância da tradição apostólica e das Escrituras.

Primeiro, se faz necessário definir o que é docetismo. Docetismo era uma forma de negar a encarnação e crucificação de Jesus. Grillmeier, autor cristão, assim o define,

---

<sup>98</sup> Tisdall citado por Gilchrist diz, "Irineu nos afirma com referência ao ensino gnóstico do herético Basílides, que surgiu por volta de AD 120, que ao falar sobre Jesus, disse que Ele não havia sofrido e que um certo Simão de Cirene tinha sido obrigado a carregar a cruz, sendo este homem crucificado por ignorância e erro ao ter sido transformado à semelhança de Jesus; assim pensaram que ele era Jesus". Gilchrist J. *The Christian Witness To The Muslim*. Benoni, RSA, Roodepoort Mission Press, 1988. p. 252.

Docetismo é a posição que sustenta que o corpo de Jesus não era real, mas parecia ser, Gk *dokein*, e assim seu sofrimento (crucificação) foi apenas aparente.... Esta posição era a consequência lógica da pressuposição de que a matéria era má. Se a matéria era má, então Cristo, que era puro, não poderia ter se encarnado: assim sendo, seu corpo era como o de um fantasma.<sup>99</sup>

Sabemos que o apóstolo João viveu o suficiente para ver as primeiras sementes docéticas brotando. Isto deu-lhe tempo de censurá-las, "E todo espírito que não confessa que Jesus veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo." (I Jo. 4:3).<sup>100</sup>

Inácio e Policarpo reafirmaram que houve encarnação, paixão, crucificação e morte de Jesus.

Policarpo (A.D. 65-155), em sua epístola aos Filipenses, condenou a idéia de que Jesus não tinha se encarnado e sido crucificado. Ele enfatizou a importância do testemunho dos apóstolos.

Porque quem quer que não confesse que Jesus Cristo veio em carne, é anticristo, e quem não confessar o testemunho da cruz é o diabo..., Portanto, esquecendo a vaidade de muitos, e suas falsas doutrinas, retornemos para a palavra que nos tem sido deixada desde o princípio....<sup>101</sup>

Nesta mesma epístola Policarpo reafirma que houve crucificação:

Vamos, então, continuar a perseverar em nossa esperança, e no zelo da nossa retidão, a qual é Jesus Cristo, que levou nossos pecados sobre seu corpo no madeiro, que não tinha pecado e nem havia engano no seu falar, mas suportou tudo por nós.<sup>102</sup>

Ore também..., pelos inimigos da cruz, para que vosso fruto seja manifesto a todos.<sup>103</sup>

Fica claro que, para Policarpo, não havia dúvida de que Jesus havia se encarnado e realmente sido crucificado. Ele não aceitou de forma alguma a idéia de uma aparente crucificação. Isto é relevante, pois havia sido discípulo de João, o qual fora testemunha de tudo que ocorreu com Jesus, (I Jo. 1: 1-4).

Inácio (A.D. 30-107) segue nos passos de João. Ele rebateu a sugestão de que Jesus só aparentemente foi encarnado e crucificado.

---

<sup>99</sup> A, Grillmeier. *Docetism. New Dictionary of Theology*. England, Inter - Varsity Press, 1988. p. 201.

<sup>100</sup> Almeida, J. F. *A Bíblia Sagrada*, Edição Revista e Corrigida. Brasília, Brasil, SBB, 1969. p. 308.

<sup>101</sup> Polycarp, *The Epistle Of Polycarp To The Philippians*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999), ch. vii, p. 3.

<sup>102</sup> Ibid. Ch. viii p. 3.

<sup>103</sup> Ibid. Ch. xii, p. 4-5.

Há 15 epístolas atribuídas a Inácio, das quais somente sete são aceitas. Há entre estas versões curtas e longas, sendo geralmente aceito que as versões curtas são preferíveis às longas. Nos limitaremos a utilizar somente textos das epístolas aceitas e das versões menores, para provar que a idéia de uma aparente encarnação e crucificação era comum nos dias de Inácio, sendo considerada heresia por ele.<sup>104</sup>

Há muitas referências ao sofrimento e sacrifício reais de Jesus nos escritos de Inácio, das quais citaremos apenas algumas,

Deixe meu espírito ser contado como nada por causa da cruz, a qual é uma pedra de tropeço para os que não crêem, mas para nós salvação e vida eterna..., porque nosso Deus, Jesus Cristo foi, de acordo com a nomeação de Deus, concebido no útero de Maria (se encarnou), da semente de Davi, pelo Espírito Santo, nasceu e foi batizado, para que por sua paixão pudesse purificar a água (provavelmente se referindo ao batismo de João).<sup>105</sup>

Tapem seus ouvidos, portanto, quando alguém falar de Jesus Cristo com mudanças. Ele era descendente de Davi, e também de Maria; que verdadeiramente nasceu, comeu e bebeu (realmente se encarnou). Foi verdadeiramente perseguido durante o governo de Pôncio Pilatos. Foi verdadeiramente crucificado e verdadeiramente morreu....<sup>106</sup>

Mas como alguns que estão sem Deus, que são descrentes, dizem que Ele somente sofreu aparentemente, eles mesmos somente parecem existir. Então, por quê estou preso? Por quê espero ser exposto às feras? Morrerei em vão?<sup>107</sup>

Desejo guardá-los de antemão, para que não caiam no fisga da vã doutrina, mas que possam obter a certeza com relação ao nascimento, paixão e ressurreição, que ocorreram durante o governo de Pilatos,... de Jesus Cristo, que é nossa esperança, da qual nenhum de vós devem se desviar.<sup>108</sup>

---

<sup>104</sup> *Intoductory Note To The Epistle Of Ignatius To The Ephesians*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999), p. 2.

<sup>105</sup> Ignatius, *The Epistle Of Ignatius To The Ephesians*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999), ch xviii, p. 10.

<sup>106</sup> Ignatius, *The Epistle Of Ignatius To The Trallians*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999), ch ix, p. 5.

<sup>107</sup> *Ibid.* ch x, p. 6.

<sup>108</sup> Ignatius, *The Epistle Of Ignatius To The Magnesians*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999), ch xi, p. 6.

Fica claro, que para Inácio, Jesus havia realmente sido morto e crucificado. Sua epístola aos Esmirnianos é a que mais aborda a existência do ensino que negava a encarnação e, portanto, a crucificação real de Jesus. Inácio é veemente contra tal posição,

Agora, Ele sofreu todas estas coisas por causa de nós, para que possamos ser salvos. Ele sofreu verdadeiramente, assim como também verdadeiramente ressuscitou, não, como alguns certos descrentes mantêm, que Ele somente pareceu sofrer, como eles mesmos somente parecem ser cristãos.<sup>109</sup>

Mas blasfema de meu Senhor (Jesus), não confessando que Ele tinha verdadeiramente um corpo? Mas o que não reconhece isto, tem na verdade negado-o totalmente..., que se arrependam e voltem para a verdadeira fé na paixão e ressurreição de Cristo.<sup>110</sup>

Eles se abstêm da eucaristia e da oração, porque não confessam que a eucaristia é a carne de Cristo, nosso Senhor e Salvador, o qual sofreu pelos nossos pecados..., mas dê atenção aos profetas e, acima de tudo, ao Evangelho, no qual a paixão de Cristo nos tem sido revelada....<sup>111</sup>

Sendo totalmente persuadidos com respeito ao nosso Senhor, que Ele era da semente de Davi segundo a carne..., Foi nascido verdadeiramente de uma virgem, e batizado por João, para que toda a justiça possa se cumprir por Ele. Foi verdadeiramente, sob o governo de Pôncio Pilatos e de Herodes, o tetrarca, pregado na cruz por nós em sua carne.<sup>112</sup>

Através destas várias passagens nos escritos de Inácio, fica comprovado que ele discordava e rebatia qualquer alegação de que a crucificação de Jesus fosse somente aparência. É constante sua menção ao nascimento, encarnação, paixão e crucificação de Cristo. Seu testemunho sobre estes fatos como um Pai da Igreja do II século é importante. Não estavam tão distantes os fatos sobre a vida e morte de Jesus na época de Inácio.

Irineu (120-202 A.D.) demonstrou, em sua obra, que tanto a tradição como as Escrituras eram suficientes para definir a verdade entre o ensino cristão e o gnóstico. A tradição era importante, pois tinham naquela ocasião condições de indicar quem haviam sido os sucessores dos apóstolos nas diversas igrejas existentes. Contudo, ele se limitaria a citar os que os sucederam naquela que era universalmente conhecida como a igreja que foi fundada em Roma por Pedro e Paulo,

---

<sup>109</sup> Ignatius, *The Epistle Of Ignatius To The Smyrnaeans*, de *The Ante-Nicene Fathers*, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999), ch ii, p. 2.

<sup>110</sup> Ibid. ch. v. p. 3-4.

<sup>111</sup> Ibid. ch. vii. p. 4.

<sup>112</sup> Ibid. ch i. p. 2.



É possível a todos e em cada igreja que deseja conhecer a verdade, contemplar claramente a tradição dos apóstolos, manifestada por todo o mundo. Estamos na posição de reconhecer e saber todos os que pelos apóstolos foram instituídos bispos nas igrejas, e demonstrar a sucessão destes homens, até o presente momento.... Desde de que seria tedioso mostrar a sucessão de todas as igrejas para indicar a tradição que vem dos apóstolos, o faremos somente da igreja que é a maior, mais antiga e universalmente conhecida, que foi fundada em Roma por Pedro e Paulo.... Os abençoados apóstolos, tendo fundado a Igreja, entregaram nas mãos de Linus o ofício do episcopado..., que foi sucedido por Anacletus., Clemente..., Evaristus..., Alexander..., Sixtus..., Telephorus..., Hyginus..., Pius..., Anicetus..., Sorer..., Eleutherius....<sup>113</sup>

Fora o valor da tradição, Irineu vê a importância das Escrituras. Citaremos agora as passagens analisadas pelo autor, cujo alvo era demonstrar que o único Deus enviou seu Filho. Isso foi em cumprimento das promessas de Deus aos pais pelos profetas. Este é o Cristo, a Palavra que se fez carne, e que morreu crucificado para a salvação. Assim Irineu destruiu, segundo o que também estava revelado nas Escrituras e não só segundo a tradição, que não era verdade que Jesus não havia se encarnado ou sido realmente crucificado.<sup>114</sup>

Ao demonstrar que Jesus de fato havia se encarnado, sido crucificado e morto, Irineu rebateu vários gnósticos como Valentinus, Marcião e Basíides, como descritos em seu *Livro I Contra as Heresias*.<sup>115</sup>

Podemos concluir que Policarpo, Inácio e Irineu tinham conhecimento da idéia gnóstica quanto à uma aparente crucificação de Jesus. Mas testificam claramente em seus escritos que havia ocorrido tanto a encarnação como a crucificação e morte de Jesus.

## 5. 2 Resposta cristã às alegações islâmicas

Muitos anos mais tarde, no VII século, surge Mohammad com suas alegações no Sura 4:157, de que Jesus não foi nem crucificado e nem morto na cruz. Estas são explicadas por várias

---

<sup>113</sup> Ireneus, *Against Heresies*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999), Book III, ch iii, sec. 1, 2, 3, p.4-5.

<sup>114</sup> Irineu explicou ao longo de seu trabalho *Contra as Heresias, Livro III*, várias passagens para provar o ponto que Jesus foi morto e crucificado, segundo o que havia sido profetizado, tais como, Lc. 1:30-33, 2:8-21, 2: 29-32; At. 2:17, 23-31, 32-36, 3:6-8, 12-26, 4:8-12, 23-29, 9: 20, 10:2-43; Is. 7:14, I Co 8:11; Ef. 2:13, Gl. 3:13; Rm 8:11. Nos escritos de Irineu as passagens foram citadas sem as referências numéricas que só foram colocadas mais tarde. Tomo a liberdade de citá-las numericamente para facilitar a localização das mesmas no texto bíblico.

<sup>115</sup> Ireneus, *Against Heresies*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999), Book 1, preface , sec. 2, p. 3. Marcião foi especificamente definido no cap. xxvii e Basíides no cap. xxiv.

teorias de substituição que procuram definir como teria ocorrido em termos práticos, a aparente crucificação e morte de Jesus.

A tarefa dos apologetas cristãos modernos é responder às estas alegações islâmicas. Nos basearemos, como já afirmado, principalmente no debate de McDowell com Deedat sobre a crucificação de Jesus, acrescentando material escrito pelo próprio McDowell, e por outros autores. Veremos que respondem às alegações islâmicas.

O debate de McDowell com Deedat sobre a crucificação de Jesus ocorreu em agosto de 1981, em Durban na África do Sul. Já vimos como McDowell expressou surpresa por haver tantas teorias de substituição. No processo de se preparar, percebeu que havia diversas teorias de substituição resultantes do Sura 4:157.<sup>116</sup> McDowell procurou responder a todas. Isto ele fez estabelecendo a veracidade dos fatos sobre a morte de Jesus. Desta forma, esvazia a importância tanto do Sura 4:157 como das subsequentes explicações das teorias de substituição.

A Bíblia deixa claro que Jesus foi crucificado e morto, como o fazem também fontes extra bíblicas. McDowell debateu com Deedat a partir do ponto de vista de que a Bíblia é um livro historicamente confiável e que suas declarações de fatos históricos podem ser aceitos como verdadeiros. Sua posição quanto à verdade da Bíblia como Palavra de Deus e documento histórico é apresentada nos capítulos 1 a 4 de seu livro *Evidence That Demands a Verdict*.<sup>117</sup> Mas não vamos abordar o assunto profundamente aqui, mas só tratá-lo brevemente como um dos fatos apresentados por McDowell no debate.

McDowell disse que, enquanto estava na universidade, se propôs a escrever um livro contra o Cristianismo, refutando-o intelectualmente. Não esperava, de forma alguma, tornar-se cristão. Todavia, depois de dois anos, e após gastar bastante tempo e dinheiro, veio a descobrir fatos documentados não só na Bíblia mas também na história.<sup>118</sup> Entre estes fatos ressalta nove em particular.<sup>119</sup> Como resultado do que descobriu, tornou-se um cristão.

Primeiro, transcreveremos estes fatos, como mencionados no debate por McDowell<sup>120</sup>, enriquecendo-os com seu próprio material escrito e com o de outros apologetas cristãos. Os nove fatos são os seguintes: 1) Jesus não estava com medo de morrer; 2) Jesus não se escondeu para evitar sua morte; 3) Os judeus não foram culpados da crucificação de Jesus; 4) Os

---

<sup>116</sup> Capítulo anterior deste trabalho, *Explicações Islâmicas Quanto Ao Que Teria Ocorrido Com Jesus*. p. 22.

<sup>117</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*. UK, Alpha, 1993. p. 15-78.

<sup>118</sup> McDowell, J. e Gilchris J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc. 1983. p. 11.

<sup>119</sup> Ibid. p. 11-19.

cristãos são chamados à uma fé inteligente e intelectual; 5) A Bíblia evidencia exatidão histórica; 6) Jesus foi crucificado; 7) Jesus morreu; 8) O procedimento judaico de sepultamento e 9) O túmulo de Jesus foi totalmente protegido.

Segundo, abordaremos o que chamamos de décimo fato, ou seja, o cumprimento das profecias sobre a crucificação e morte do Messias. Este não foi mencionado por McDowell no debate, provavelmente por causa do fator tempo. Mas foi apresentado no seu livro, *Evidence That Demands a Verdict*. Outros apologetas também mencionam este fato em seus escritos.

Vejamos, então, os dez fatos importantes sobre a crucificação e morte de Jesus. Estes invalidam qualquer teoria islâmica de substituição ou qualquer alegação que Ele teria desmaiado na cruz vindo a sobreviver mais tarde.

Todos os versos bíblicos citados, foram extraídos da Bíblia Sagrada, tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada.<sup>121</sup>

#### 5. 2. 1 Jesus não estava com medo de morrer

McDowell citou várias passagens bíblicas para mostrar que Jesus havia previsto sua própria morte (como Mt. 17:22-23; 20:18, 19). Em seguida, demonstrou que Jesus estava disposto a morrer. Em Mt. 26: 39 Jesus disse, "Meu Pai: se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim como tu queres." Em outras palavras, em nenhum momento a morte de Jesus foi surpresa para Ele, como se não soubesse que esta ocorreria e qual seria seu propósito. Estava disposto a submeter-se à morte assim como sempre se dispunha a fazer a vontade do Pai: *não seja como eu quero, mas como tu queres* (Mc. 14:36). Em João 10:17-18 também vemos como Jesus estava consciente e disposto a morrer, "Por isso o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la...."

Small, apologeta cristão, cita uma lista de passagens, pelas quais prova como Jesus regularmente predisse sua morte. No total referem-se a, no mínimo 21 ocasiões onde Jesus a predisse fornecendo detalhes de como esta seria: morreria em Jerusalém, durante o tempo da páscoa, sofreria na mão dos principais líderes religiosos e seria crucificado.<sup>122</sup>

---

<sup>120</sup> Ibid. p. 9-24.

<sup>121</sup> Bíblia Sagrada, Sociedade Religiosa Edição Vida Nova. São Paulo. 1976.

<sup>122</sup> Small, E. K. *Evidence For The Death Of Jesus On The Cross*. 30/05/1996, p. 2. Extraído da internet em 10/09/2000. Answering Islam Homepage. A lista sugerida por Small é a seguinte: Mt. 12:39-40, 16:4; 16:21; Mc. 8:31; Lc. 9:22; 17:12; 17:22-23; Mc. 9:31; Lc. 9:44; 20:18-19; Mc. 10:33-34; Lc. 18:31-34; 21:33-39; Mc. 12:1-12;

### 5. 2. 2 Jesus não se escondeu para evitar sua morte

McDowell citou, "E Judas, o traidor, também conhecia o lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos" (Jo. 18:2), para mostrar que Jesus não se escondeu. Foi para o lugar onde sabiam que normalmente freqüentava. Assim, poderiam encontrá-lo e o prender. Desta forma se cumpriria o que Ele já havia dito aos discípulos quanto à sua morte durante de seu ministério e em especial na última semana de sua vida (Jo. 13-18).

McDowell demonstrou que Jesus estava consciente de tudo que lhe estava para ocorrer e estava pronto para isto: "Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais" (Jo.18:4). Assim deixou claro que não tinha medo de morrer e estava disposto a fazê-lo. Isto é bem significativo, pois tinha recurso para se livrar da morte. Disse em Mt. 26:53 que poderia rogar ao Pai por doze legiões de anjos para livrá-lo da morte se quisesse. Porém, havia dito a Deus Pai, *não minha vontade mas a sua*, (Mt. 26:39).

### 5. 2. 3 Os judeus não foram culpados da crucificação de Jesus

McDowell disse que, infelizmente, alguns cristãos e muçulmanos, incluindo Deedat<sup>123</sup>, haviam entendido errado a causa da crucificação e morte de Jesus. Contrário ao pensamento comum, onde se entende que os judeus foram culpados de sua morte<sup>124</sup>, está claro que se há algum culpado, este em princípio seria Jesus. Ele disse, "Tenho autoridade para a entregar (sua vida) e também para reavê-la." (Jo. 10:18). Em outro lugar disse, "Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte. E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas ao terceiro dia ressurgirá" (Mt. 16:21).<sup>125</sup> Então, Jesus seria o próprio responsável por sua morte, pois estava consciente de que esta ocorreria e não fez nada para evitá-la. Nem mesmo rogou pela proteção dos anjos, (Mt. 26:53).

McDowell, por fim, ressaltou que todos nós somos culpados da morte de Jesus, pois em Rm. 3:23 está escrito, "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus". Foram nossos

---

Lc. 20:9-19; 23:37; 26:2; 26:12; 26:28; Mc. 14:24; 26:31-32; Mc. 10:45; Lc. 12:50; 13:34, 35; 17:25; Jo. 3:14; 6:51; 10:15-18; 12:30-32; 16:16.

<sup>123</sup> McDowell, J. e Gilchris J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc. 1983, p. 12.

<sup>124</sup> McDowell procurava mostrar a voluntariedade de Jesus em morrer pelo pecado do homem. Não quer dizer que alguns judeus não tenham sido culpados e considerados culpados de sua morte como nos mostra At. 2:23; 5:30 e 7:52. Se por um lado alguns judeus foram culpados de sua morte, outros creram em Jesus. Inicialmente a Igreja era formada somente por judeus, por isso, qualquer preconceito ou atrocidade feita aos judeus em nome do Cristianismo é altamente reprovável.

<sup>125</sup> Dentro desta linha de raciocínio, Jo. 10:17-18, é muito significativo.

pecados que levaram Jesus para cruz. Sem pecadores não haveria necessidade de um salvador santo oferecido como oferta (Hb. 9:11-28).

Ibrahim, apologeta cristão, comentou o assunto da culpabilidade pecaminosa do homem e da necessidade de haver um salvador. Fez isto utilizando-se de textos bíblicos que nos trazem esta revelação.<sup>126</sup> Estes respondem à pergunta do porque Jesus morreu.

Ibrahim, nos lembra que em Lv. 11:45 está revelado que Deus é santo. Por isso é separado de tudo que é impuro ou que é pecado. O pecado recebe tal tratamento, separação de Deus, também por causa da justiça divina. Um Deus justo não pode deixar que o pecado passe impune (Dt. 32:4; Rm. 3:23-24). Contudo, em sua misericórdia, Deus prefere perdoá-lo (Jo.3:16), mas não poderia fazer isto sem punir o pecado, pois é justo. Esta punição veio sobre um substituto, Jesus, por ser perfeito era apto para tarefa de ser um sacrifício aprazível a Deus, no lugar do pecador que precisava de perdão.<sup>127</sup>

Não podendo o homem fazer nada para se salvar, por causa de seu pecado (Rm3:23), aprouve a Deus enviar um substituo que morresse em seu lugar. Como só Deus é justo, somente Ele poderia ser um substituto à altura da justiça divina, pois não tinha pecado e não merecia a morte. Deus revela-se a si mesmo, então, através de Jesus. Em Jesus Deus satisfaz todas as exigências de sua justiça, vindo a morrer como um maldito (Dt. 21:23), apesar de que não tinha pecado. Tomou sobre si o pecado e culpa do homem. Jesus morreu como maldito no lugar do homem para que este fosse livre da maldição do pecado (Gl.3:13).<sup>128</sup> Em outras palavras, segundo McDowell: "O propósito da morte de Jesus era resolver o problema do pecado do homem, como vemos em I Co. 5:21."<sup>129</sup>

O grande culpado da morte de Jesus, então, é o homem pecador, pois este necessitava de um salvador.

#### 5. 2. 4 Os cristãos são chamados à uma fé inteligente e intelectual

McDowell disse ter ficado surpreso quando leu no livro de Deedat intitulado, *What Was The Sign of Jonah*, a informação de que milhões de cristãos aceitam Jesus como o Cristo cegamente. Isto o deixou surpreso, pois Deedat já havia dito, como primeiro preletor do debate,

---

<sup>126</sup> Ibrahim, A. *Death And Ressurrection Of Jesus Explained To Muslims*. Extraído da internet em 10/09/2000. Answering Islam Homepage, p. 8.

<sup>127</sup> Ibid. p. 8.

<sup>128</sup> Ibid. p. 9

<sup>129</sup> McDowell, J. e Gilchrits J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc. 1983, p. 11.

que aceitava o que está no Alcorão sem exigir explicações.<sup>130</sup> Aceitar cegamente era, portanto, uma posição de Deedat e não dos cristãos.

McDowell disse ter ficado realmente surpreso, pois é notório que mesmo no Alcorão é mencionado 11 vezes que Jesus é o Messias, *al-Masih*. Esta palavra foi traduzida por Yusuf Ali como Cristo, a palavra para Messias em grego. Se o Alcorão testifica que Jesus é o Messias, então não deveria haver dúvida por parte de Deedat, uma vez que havia declarado aceitar tudo que se encontra neste livro, sem exigir explicações.

McDowell prossegue na sua argumentação demonstrando que importantes personagens, eruditos e especialistas em leis, estavam convencidos da veracidade dos fatos sobre Jesus. Por isso, a fé cristã não é cega, mas sim baseada em fatos avaliados por pessoas capazes. Prova seu ponto citando opiniões de autoridades, tais como Dr. Simon Greenleaf, Lord Caldecote, Thomas Arnold e Dr. Werner von Braun. As opiniões destes eruditos foram expressas por McDowell durante o debate com Ahmed Deedat, já mencionado na página 12.

Dr. Simon Greenleaf, reitor da universidade de Harvard. Tornou-se cristão quando de sua tentativa de refutar Jesus Cristo como a Palavra Eterna de Deus e sua ressurreição. Finalmente, depois de tentar bastante, chegou à conclusão de que a ressurreição é um dos fatos mais bem estabelecidos na história, segundo as leis de evidência preconizadas nas cortes de justiça.

Thomas Arnold foi o diretor de uma das principais universidades por 14 anos. Era historiador e autor de três volumes de história sobre Roma. Ele disse: "Não conheço na história do homem nenhum fato que seja melhor provado e totalmente evidenciado do que a ressurreição de Jesus Cristo."

Dr. Werner von Braun, o cientista alemão que imigrou para os EUA, e um dos criadores do programa espacial americano, disse que tornou-se um cientista a partir do momento que se encontrou com Jesus como seu Senhor e Salvador.<sup>131</sup>

O testemunho destas autoridades demonstra que se tornaram cristãos influenciados pelos fatos do Cristianismo e não cegamente. Suas brilhantes mentes não os deixariam se envolver com algo que não pudesse ser evidenciado e que não fosse histórico.

---

<sup>130</sup> Capítulo anterior deste trabalho, *O Sura 4:157*, p.13.

<sup>131</sup> Na ocasião McDowell fez estas citações retiradas dos seguintes livros: Greenleaf. S. *Testimony of the Evangelists, Examined by the Ruler of Evidences Administered in Courts of Justice*. Grand Rapids: Baker Book House, 1965. Thomas Arnold, foi citado por Smith, Wilbur M. em *Therefore Stand: Christian Apologetics*. Grand Rapids, Baker Book House, 1965. A citação sobre Werner von Braun foi retirada do texto sobre o debate McDowell J. and Gilchrits J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc 1983. p. 12.

### 5. 2. 5 A Bíblia evidencia exatidão histórica

*A exatidão do Novo Testamento* McDowell procurou demonstrar neste ponto, em especial, a exatidão histórica do Novo Testamento, pois é excepcional sua confiabilidade e capacidade de sobrevivência ao longo dos séculos.

McDowell disse que não há manuscrito que seja rival, se comparado com os manuscritos do Novo Testamento, tanto em qualidade, como em comprovação histórica. Isto é verdade, pois o livro número dois em manuscritos, A *Ilíada* de Homero, tem somente 643.<sup>132</sup> Enquanto há mais de 24 mil manuscritos do Novo Testamento. Não são versões da Bíblia, mas cópias do próprio texto.

McDowell demonstrou que sua opinião estava alicerçada na posição de uma grande autoridade da área, o Sr. Frederick Kenyon, ex diretor do Museu Britânico. Este é um grande especialista em manuscritos, talvez o maior. Kenyon disse que “qualquer dúvida quanto às Escrituras terem chegado até nós, conforme foram escritas, está agora removida. Tanto a autenticidade como a integridade geral dos livros do Novo Testamento, podem agora ser consideradas finalmente estabelecidas”.<sup>133</sup> Kenyon chegou a esta conclusão, devido as inúmeras evidências dos manuscritos bíblicos que fazem parte do acervo do Museu Britânico.

McDowell mencionou que, segundo Dr. John W. Montgomery, advogado e deão da Simon Greenleaf School of Law e preletor na International School of Theology and Law em Strasbourg na França, é possível provar a veracidade e autenticidade do Novo Testamento. Greenleaf disse que, "se aplicássemos a regra de documentos antigos ao Novo Testamento, em especial aos quatro Evangelhos, estabeleceríamos sem problemas a sua competência em qualquer corte."<sup>134</sup>

McDowell citou o Sr. Millar Burrows, do corpo docente da Yale University, uma das mais prestigiosas universidades americanas, para mostrar que aumentava a confiança e aceitação

---

<sup>132</sup> McDowell na ocasião citava Geisler e Nix. Geisler, Norman L. e William E. Nix. *A General Introduction to the Bible*. Chicago: Moody Press, 1969. Citado por McDowell em *Evidence That Demands a Verdict*. p. 43.

<sup>133</sup> Kenyon, F. G. *The Story of the Bible*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company. 1967. Citado por McDowell, *Evidence That Demands a Verdict*, UK, Alpha, 1993. p. 46.

<sup>134</sup> Greenleaf, S. *Testimony of the Evangelists, Examined by the Ruler of Evidences Administered in Courts of Justice*. Grand Rapids: Baker Book House, 1965. Citado por McDowell, *Evidence That Demands a Verdict*, UK, Alpha, 1993. p. 259.

do Novo Testamento. Burows disse, "Há cada vez mais uma maior confiança na precisão da transmissão dos textos do Novo Testamento".<sup>135</sup>

*Os Evangelhos passaram pelo crivo da era apostólica.* McDowell prosseguiu seu argumento mostrando que muitos não possuem uma perspectiva histórica de literatura, e por isso, fazem polêmicas em pontos irrelevantes, como por exemplo, o fato de que nos Evangelhos não está citado o nome dos autores.<sup>136</sup> Disse que uma pessoa bem informada saberia na ocasião em que os manuscritos foram escritos, quem era o autor. Os autores Mateus, Marcos, Lucas e João passaram pelo crivo da era apostólica. Os Evangelhos passaram pelos testes de autenticidade desta era, sendo aceitos e utilizados como autênticos, confiáveis e exatos. McDowell explanou mais detalhadamente este ponto no capítulo 3 de seu livro, *Evidence That Demands a Verdict*.<sup>137</sup> Neste caso abordou a questão dos critérios para a canonização de um livro do Novo Testamento.<sup>138</sup> Por estes critérios fica claro que, apesar de não haver nome dos autores dos Evangelhos nos livros, como era o costume, eles sabiam que os havia escritos.

*Os Evangelhos foram escritos ou aprovados por pessoas que foram testemunhas dos fatos sobre Jesus.* McDowell respondeu às alegações de pessoas que dão uma breve lida no Novo Testamento, e afirmam que os Evangelhos foram escritos por pessoas que não eram testemunhas dos fatos. Teriam escrito os Evangelhos baseados em informações de terceiros, as quais poderiam não serem verdadeiras.<sup>139</sup> Disse que este tipo de pessoa geralmente apela para "Então, deixando-o todos, fugiram" (Mc. 14:50), para estabelecer seu ponto de vista. Afirmam que poderiam, em dois minutos, liquidar numa corte o caso da credibilidade do Novo Testamento, pois este não teria base para se estabelecer, considerando que os discípulos de Jesus o abandonaram. Por isto, não poderiam ser testemunhas do que realmente aconteceu com Ele quando da sua crucificação e morte.<sup>140</sup>

---

<sup>135</sup> Burrows, Millar. *What Mean These Stones?* New York: Meridian Books, 1956. Citado por McDowell J. *Evidence That Demands a Verdict*, Alpha, UK, 1993. p. 46.

<sup>136</sup> McDowell, J. e Gilchris J. *The Islam Debate*. Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 13.

<sup>137</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*, UK, Alpha, 1993. p. 29-39.

<sup>138</sup> Ibid. p. 29. McDowell J. cita Geisler e Nix para mostrar que provavelmente eram cinco os critérios para canonização de um livro. Este teria que ser autoritativo (há evidências de que veio da mão de Deus), profético (escrito por um homem de Deus), autêntico (aceito pelos pais da Igreja), dinâmico (com poder de transformar vidas) e aceito pela comunidade cristã em geral como autêntico (Geisler, N. L. e William E. Nix. *A General Introduction To The Bible*. Chigaco: Moody Press, 1968.

<sup>139</sup> McDowell, J. e Gilchris J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 2-3.

<sup>140</sup> Ibid. p. 2.



McDowell mostrou que este tipo de raciocínio, que afirma que os discípulos não eram testemunhas da crucificação e morte de Jesus, ignora o bom senso dos fatos do caso. Ressaltou que três versos nos mostram que apesar de que os discípulos o abandonaram, voltaram e o seguiram à distância, senão todos, pelo menos alguns.

McDowell provou seu ponto citando algumas passagens, "Pedro o seguira de longe até ao interior do pátio do sumo sacerdote e estava assentado entre os serventuários, aquecendo-se ao fogo (Mc. 14:54). Em outro Evangelho lemos: "Simão Pedro e outro discípulo seguiram a Jesus. Sendo este discípulo conhecido do sumo sacerdote, entrou para o pátio deste com Jesus" (Jo. 18:15). Pedro chegou até mesmo a testemunhar os fatos como alguém que lá estava e tinha acesso ao pátio do sumo sacerdote juntamente com um outro discípulo. Por fim, este outro discípulo permaneceu como testemunha até a crucificação e morte de Jesus, "Vendo Jesus sua mãe e, junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí o teu filho." (Jo. 19:26). Em outras palavras, pelo menos dois discípulos foram testemunhas do julgamento de Jesus. Além disso, um discípulo do Senhor, que era apóstolo, foi testemunha da crucificação e morte de Jesus. Então, não é verdade que não foram testemunhas dos julgamentos, crucificação e morte de Jesus.<sup>141</sup> Este argumento não invalida o Novo Testamento.

*A mensagem do Evangelho foi anunciada para uma platéia hostil, que não discordou de seu fatos.* McDowell ressaltou que a mensagem cristã foi anunciada pelos apóstolos e discípulos para uma audiência hostil. Não podiam de forma alguma se desviar da verdade, pois os ouvintes eram antagonistas e iriam protestar imediatamente.<sup>142</sup>

Neste contexto, é interessante que os discípulos de Jesus estavam dispostos a morrer pelo que criam. Quem normalmente morreria por uma mentira? O Rev. Jerry Rueb, pastor batista em Delta, BC, Canada, disse: "Com exceção de um, os demais apóstolos morreram como mártires, através de mortes bem cruéis..., e milhares de outros sofreram perseguições e morte.

---

<sup>141</sup> Ao abordarmos o sétimo fato, segundo explanado por McDowell no debate, veremos como outros discípulos de Jesus foram testemunhas de sua crucificação e morte. Estes foram companheiros dos apóstolos. Nesta ocasião ficará mais claro a possibilidade de vários apóstolos assim como outros discípulos de Jesus, terem sido testemunhas da sua crucificação.

<sup>142</sup> Há várias passagens no livro de Atos que demonstram que pregavam para uma platéia hostil. Isto é visto no livro nos capítulos 2 ao 7, onde a oposição culmina no martírio de Estevão. Mais tarde uma série de perseguições se manifestaram na vida do apóstolo Paulo a partir de sua conversão, até sua chegada em Roma. Vemos isto entre nos capítulos 9 e 13 a 28.

Apesar de que alguns poderiam morrer por uma mentira, será que todos o fariam?."143 Tal dedicação mostra que tinham profunda convicção do que criam, pregavam e testemunhavam.

McDowell disse que é interessante notar que os judeus nunca discordaram que Jesus tenha sido crucificado e morto, apesar de que normalmente serem acusados da morte dele. Nunca procuraram inventar uma estória que procurasse negar isto, mesmo que esta representasse alguma vantagem como tentativa de inocentá-los. Os judeus aceitam que Jesus foi morto e crucificado, discordando somente de que Ele seja o Messias prometido. Eles não negam a veracidade dos fatos narrados no Novo Testamento.<sup>144</sup>

Percebemos pelo material apresentado por McDowell, que o argumento que tenta minar a credibilidade do Novo Testamento, afirmando que ele foi escrito por pessoas que não foram testemunhas dos fatos ou não tinham convicção dos mesmos, não é verdadeiro. Percebemos também que as autoridades no assunto estão convencidas da autenticidade da Bíblia, em especial do Novo Testamento. Está claro que nem mesmo os judeus discordam de que Jesus tenha sido crucificado e morto, mesmo que isto não os inocente da falsa acusação de serem culpados da morte de Jesus.

#### 5. 2. 6 Jesus foi crucificado

McDowell demonstrou que está claro não só pelo relato bíblico, mas também por fontes extras bíblicas, que Jesus realmente foi crucificado. No próximo item listaremos as fontes extras bíblicas sobre a crucificação e morte de Jesus. Neste item nos limitaremos ao testemunho bíblico.

*O Novo Testamento testifica que Jesus foi crucificado.* Jesus disse que iria ser açoitado e crucificado, e isto veio a se cumprir em Jo. 19:17-18: "Tomaram eles, pois, a Jesus; e ele próprio carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Gólgota em hebraico, onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio deles."

Jesus foi primeiro açoitado e depois crucificado, sem quebrarem suas pernas.

*Jesus foi açoitado.* Jesus foi açoitado pelo romanos. Como era isto? A pessoa era amarrada e, então, açoitada da cintura para cima. No ponta do chicote havia pedaços de ossos ou chumbo rústico. Os romanos chicoteavam mais de 40 vezes, como provocação aos judeus que não davam 39 chibatadas para não haver o perigo de ultrapassarem o limite de 40 vezes imposto

---

<sup>143</sup> Rueb, G. E. [www.crusade.org/defense/resurrection.html](http://www.crusade.org/defense/resurrection.html). p. 9. Mensagem extraída em 10/09/1999.

<sup>144</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*, UK, Alpha, 1993. p. 203.

por Moisés (Dt. 25:3).<sup>145</sup> McDowell citou o Dr. Barbet da França, que fez um estudo meticoloso sobre a crucificação. Barbet disse,

“O chicote era utilizado com muita força e muitas vezes, sobre os ombros, costas e pernas da pessoa. Desta forma, cortava-se a pele e aos poucos toda costa ficava irreconhecível, com muito sangramento, expondo as costelas. As vezes, os açoites eram suficientes para levar a pessoa à morte”.<sup>146</sup>

*Jesus foi crucificado, mas suas pernas não foram quebradas..* McDowell prosseguiu dizendo que depois dos açoites, levaram Jesus para a execução onde foi pregado na cruz. Os pregos penetraram através dos punhos e pés.

Passado um tempo naquela tarde de sexta feira, quebraram as pernas dos ladrões, porém não as de Jesus. Então, McDowell perguntou, "Por quê quebravam as pernas de alguém que estava crucificado?". Ele explicou que a pessoa crucificada, com os pregos enfiados através de pés e punhos, passava a ter problemas com a respiração. Isto ocorria devido à dor dos braços e pernas e a posição ruim do corpo na cruz. Neste tipo de situação a pessoa respirava com dificuldades, tendo que esforçar as pernas para ajudar na respiração. Por isso, quebrar a perna de um crucificado significava dificultar ainda mais a respiração, levando a pessoa a morrer mais rapidamente.<sup>147</sup>

McDowell observou que se houvessem quebrado as pernas de Jesus então Ele não poderia ser o Messias, pois estava profetizado no Salmo 22 que este seria crucificado, mas suas pernas não seriam quebradas: "...traspassaram as mãos e os pés. Posso contar todos os meus ossos...."(Sl. 22:16-17).

A importante observação que fazemos quanto as pernas de Jesus não terem sido quebradas, é esta: Foram experientes algozes romanos que executaram Jesus e observaram que ele já havia morrido. Eram homens cujo ofício era matar e averiguar se a vítima já havia morrido. Uma vez que esta era dada como morta, então, as pernas não eram quebradas. Na opinião destes experientes executadores, Jesus já estava morto. Consistindo isto em uma grande evidência da morte de Jesus por crucificação, que foi não só efetuada, como averiguada se houvera atingido seu propósito, pelos romanos.

---

<sup>145</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*, UK, Alpha, 1993. p. 196. Nesta parte do livro McDowell cita várias fontes, entre elas Eusébio de Cesaréia, (*Epistle of the Church in Smirna*) citado por Mattingly, (Mattingly, J. P. *Crucifixion: Its Origin and Application to Christ*. Unpublished Th. M. Thesis: Dallas Theological Seminary, May 1961. Eusébio escreveu sobre os efeitos dos açoites na vítima.

<sup>146</sup> McDowell, J. e Gilchrits J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 15.

<sup>147</sup> *Ibid.* p. 15.

### 5. 2. 7 Jesus morreu

Jesus disse: "Dou minha vida" (Jo. 10:17). Em Jo. 19:30 se registra: "Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito." Jesus morreu. Veremos a seguir como sua morte e crucificação foi testemunhada pelos discípulos, por autoridades romanas, pelos judeus e por diversos historiadores. Falaremos também brevemente das provas médicas.

*A morte de Jesus foi testemunhada pelos discípulos.* Small, apologeta cristão, demonstra através das Escrituras que a crucificação e morte de Jesus, foi testemunhada por vários discípulos dele.<sup>148</sup> Não há como excluir os demais apóstolos de Jesus como testemunhas de sua crucificação e morte. Lucas 23:49 nos dá base para isto, "Entretanto todos os conhecidos de Jesus, e as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia, permaneceram a contemplar de longe estas cousas." Em *todos os conhecidos* estariam certamente os apóstolos, senão todos, alguns.

Os demais discípulos deram provas mais tarde de que sabiam que a morte e crucificação de Jesus havia sido testemunhada por muitos, por exemplo, Pedro, Tomé e os demais.<sup>149</sup>

*A morte de Jesus é testemunhada pela medicina.* Segundo Jo. 19:30, Jesus já estava morto na cruz. Todavia, resolveram dar um último golpe, perfurando seu lado com uma lança. Testemunhas oculares disseram que água e sangue saíram através desta penetração com a lança (Jo. 19:34-35).

McDowell respondeu à alegação de Deedat de que este aparente jorrar de água e sangue eram sinais de que Jesus ainda estava vivo. Deedat cita um artigo *Thinkers Digest*, de 1949, escrito por um anestesiólogo para provar seu ponto.<sup>150</sup> McDowell retrucou com base em pesquisas com várias pessoas da área. Por questão de tempo, apresentou somente dois pontos. Primeiro, do ponto de vista acadêmico, muitos médicos e bibliotecas que costumavam ter este jornal, *Thinkers Digest*, já não o fazem mais por considerá-lo ultrapassado e atrasado em relação aos avanços médicos.<sup>151</sup> Segundo, do ponto de vista médico, se uma ferida do tipo infringida a

---

<sup>148</sup> Small, E. K. *Evidence For The Death Of Jesus On The Cross*, 30/05/1996, p. 1. Extraído da internet em 10/09/1999. Answering Islam Homepage. As passagens utilizadas por Small para provarem seu ponto são as seguintes: (Mt. 27:33-50; Mc. 15:22-37; Lc. 23:33-49; Jo. 19:16-30). Isto inclui sua mãe Maria, (Jo. 19:25-27), várias mulheres que eram discípulas, (Mt. 27:55), muitos outros seguidores, (Lc. 23:49), o apóstolo João, (Jo. 19:26-27), Nicodemos e José de Arimatéia, que pegaram o corpo de Jesus e o colocaram no túmulo, (Lc. 23:50-53 e Jo. 19:38-42).

<sup>149</sup> Ibid. p. 1. Os versículos citados por Small são: Pedro, (Jo. 20:1-7; At. 2:23, 36; I Pe. 2:24); Tomé, (Jo. 20:24-29) e os demais (At. 1:13-14, 21-26; 2:14). E mais outros dois discípulos que não sabemos os nomes, (Lc. 24:20).

<sup>150</sup> Deedat, A. *Crucifixion or Cruci-Fiction*, Islamic Propagation Centre International, 1984. p. 39.

<sup>151</sup> McDowell, J. e Gilchrist, J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 16.

Jesus pela lança fosse feita numa pessoa que estivesse viva, não jorraria para fora através do orifício feito no corpo, mas jorraria para a cavidade do peito, gerando hemorragia interna. Seria quase impossível jorrar sangue através do orifício como se este fosse um canal. Haveria sangramento como é normal em ferimentos, mas não jorrar.<sup>152</sup>

Proseguiu dizendo que o estrago interno feito a uma pessoa que está crucificada, mais a perfuração feita por uma lança, levaria esta pessoa à morte quase que imediatamente. Jamais o ser ferido por uma lança, somados a prévios e cruéis açoites, mais crucificação, pode ser visto como procedimento que ajuda a pessoa a sobreviver.<sup>153</sup>

McDowell citou a importância do resultado da pesquisa realizada pelo hospital do Estado de Massachusetts, EUA. Esta foi realizada ao longo de vários anos com pessoas que haviam morrido de rompimento cardíaco (ruptured heart). Normalmente o coração tem 20 cc's de fluído pericardial. A pesquisa, porém revelou que quando as pessoas morriam por rompimento cardíaco havia 500 cc's. Este líquido tem a aparência de água e sangue coagulado. Provavelmente foi esta a substância que foi vista na ocasião em que o lado de Jesus foi perfurado, sendo assim uma prova de que Ele já estava morto na cruz.<sup>154</sup>

Uma avaliação médica do relato histórico dos Evangelhos concluiu que Jesus morreu como resultado dos açoites e da crucificação. Small, apologeta cristão, cita *the Journal of the American Medical Association*: "...não está claro se Jesus morreu de rompimento cardíaco ou insuficiência cardíaca. Contudo, o peso do testemunho histórico e das evidências médicas indicam que Jesus estava morto antes que a lança penetrasse seu lado. O entendimento tradicional é de que a lança teria penetrado no seu lado direito através das costelas, atingindo o pulmão direito, provavelmente através do pericardium e o coração, asseguravam-se assim que Jesus morresse."<sup>155</sup> Seria possível a uma pessoa ter seu lado perfurado com uma lança, perfurando pulmão, talvez, também o coração e ainda sobreviver?

*A morte de Jesus foi testemunhada por autoridades romanas.* McDowell mostrou como Pilatos ficou surpreso de que Jesus já estivesse morto e de que tão rapidamente pedissem seu corpo. Imediatamente ordenou que um centurião fosse e averiguasse se realmente Ele já estava

---

<sup>152</sup> Ibid. p. 16.

<sup>153</sup> Ibid. p. 16.

<sup>154</sup> Ibid. p. 16.

<sup>155</sup> Small, K. E. *Evidence For The Death Of Jesus On The Cross*, 30/05/1996. Extraído da internet em 10/09/1999. Answering Islam Homepage. Small cita neste texto *The Journal of the American Medical Association* (JAMA),

morto. McDowell prosseguiu na sua argumentação demonstrando que a lei romana definia que o centurião tinha que averiguar junto com quatro executores se a pessoa estava realmente morta. Desta forma, se um executor tivesse se descuidado, haveria mais três para certificarem o falecimento do executado.<sup>156</sup>

Segundo este procedimento romano, o centurião teria que ser louco e estar cortejando a morte caso mentisse ou fosse descuidado, pois a sentença em deixar um prisioneiro, ou um condenado escapar era a morte. Vemos isto em At. 12:19, quando Herodes mandou executar toda a guarda por terem permitido que um homem, Pedro, escapasse da prisão: "Herodes, tendo-o procurado e não achando-o, submetendo as sentinelas a inquérito, ordenou que fossem justicadas (no original, executadas)". Dentro do procedimento normal, o centurião deve ter averiguado bem se Jesus havia morrido.

Outra evidência de que havia uma sentença de morte sobre o soldado ou responsável romano que deixasse o prisioneiro fugir é vista também em Atos 16. Nesta ocasião, o carcereiro iria se matar por ter pensado que todos os prisioneiros haviam fugido. Então, Paulo exclamou, "Não te faças nenhum mal, pois todos estamos aqui!" (At. 16:28). Sabendo da sentença de morte, caso os prisioneiros fugissem, estava disposto a se matar em vez de cair nas mãos dos executores do Império Romano.

Segundo Small, o fato é que tanto o centurião, como os soldados, se certificaram que Jesus havia morrido (Jo. 19:33-34 e Mc. 15:44-45).<sup>157</sup> Isto fizeram a pedido de Pilatos, que daria sua autorização para o corpo ser retirado da cruz, somente após ter certeza que Jesus já havia morrido.

*A morte de Jesus foi testificada pelos judeus.* McDowell demonstrou que mesmo os judeus sabiam que Jesus havia morrido. Ele citou Mt. 27:63, onde temos a informação de que os principais sacerdotes e fariseus foram ao líder romano e disseram-lhe, "Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei." *Enquanto vivia*", indica que até os judeus sabiam que Jesus estava morto.

---

March 21, 1986, vol. 255, no. 11, "On The Physical Death of Jesus Christ", by William D. Edwards, MD; Wesley J. Gabel, MDiv; Floyd E. Hosmer, MS, AMI, p. 1463.

<sup>156</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*, UK, Alpha, 1993. p. 198. McDowell cita Michael Green para provar a informação de que havia a necessidade de haver a averiguação de quatro executores para se definir que a pessoa crucificada estava morta (Green Michael. *Man Alive*. Downers Grove. Inter-Varsity Press, 1968).

<sup>157</sup> Small, E. K. *Evidence For The Death Of Jesus On The Cross*, 30/05/1996. Extraído da internet em 10/09/1999. p. 1.

McDowell mencionou outro fato relevante. O pedido dos judeus para que uma guarda fosse colocada no túmulo de Jesus, "Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até o terceiro dia, para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem, e depois digam ao povo: ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que o primeiro" (Mt. 27:64, 62-66; Mc. 15:31-32 e Jo. 19:31). Queriam naquele momento não só se certificar que Jesus havia morrido, mas que também não ressuscitaria como havia profetizado. Não duvidavam de maneira nenhuma da morte de Jesus e se esforçavam para impedir a ressurreição, como se isto fosse possível.

*A morte de Jesus é testemunhada por diversos historiadores.* Não temos somente o testemunho bíblico, mas há várias outras fontes extra bíblicas confirmando a crucificação e morte de Jesus. Algumas destas já vimos no primeiro item deste ponto, como nos escritos de Policarpo, Inácio e Irineu. Há também outras fontes não mencionadas por McDowell no debate com Deedat mas em seu livro *Evidence That Demands a Verdict*. Citaremos as que nos parecem mais importantes, quais sejam, Cornelius Tacitus, Luciano de Samosata, Talmud Judaico, Flávio Josefo, Thallus, Phlegon e a carta chamada Mara Bar-Serapion. Em seguida, veremos também o recém liberado fragmento dos manuscritos do Mar Morto.

*Cornelius Tacitus*, historiador romano e governador da Ásia, genro de Julius Agrícola, governador da Bretanha, escrevendo sobre o reinado de Nero (em 112 A.D.), fez a seguinte referência sobre Jesus, "Para suprimir (Nero) os rumores (de que ele havia incendiado Roma), falsamente acusou e puniu com torturas as pessoas chamadas cristãs.... Cristo, o fundador, foi morto por Pôncio Pilatos, procurador da Judéia durante o reinado de Tibério..."(*Annals XV, 44*).<sup>158</sup>

*Luciano de Samosata*, autor satírico do II século, que zombava dos cristãos, fez referência a Jesus como "O homem que foi crucificado na Palestina, porque havia introduzido este novo culto...."(*The Passing Peregrinus*).<sup>159</sup>

*No Talmud Judaico*, onde contém séculos de tradições e foi catalogado entre os anos 200 e 500 A.D., lemos que Jesus foi condenado por feitiçaria e seria apedrejado. Por 40 dias esperaram que algo fosse achado em sua defesa. Como não havia, o penduraram (crucificaram) na véspera da Páscoa.<sup>160</sup>

---

<sup>158</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*, UK, Alpha, 1993. p. 82.

<sup>159</sup> *Ibid.* p. 82.

<sup>160</sup> Small, E. K. *Evidence For The Death Of Jesus On The Cross*, 30/05/1996. Extraído da internet em 10/09/1999. p. 4.

Muito significativo é o *testemunho de Flávio Josefo*, nascido em A.D. 37. Era um historiador judeu, que se tornou-se um fariseu com 19 anos, e em A.D. 66, tornou-se o comandante das forças judaicas na Galiléia. Depois de ser capturado, disse,

Foi por volta desta época, que Jesus, um homem sábio, se é certo chamá-lo de homem, por que era realizador de maravilhas.... Atraiu para si tanto judeus, como gentios. Ele era o Cristo, e quando Pilatos, segundo a sugestão dos principais homens entre nós, havia condenado-o à cruz, aqueles que o amavam não o abandonaram, pois apareceu para eles vivo de novo, no terceiro dia, como os profetas tinham predito isto, e milhares de outras coisas sobre ele...."(Antiquities XVIII, 33, Early second century).<sup>161</sup>

*Thallus* foi um dos primeiros escritores gentios que mencionou Cristo. Escreveu em 52 A.D.. Contudo, seus escritos desapareceram. Temos somente fragmentos citados por outros autores, tais como Julius Africanus, um escritor cristão de aproximadamente 221 A.D.. Julius, citando Thallus, mostra que o fenômeno da escuridão durante a crucificação tinha que ser explicado de uma maneira naturalista por aqueles que não criam no poder de Deus para fazer este sinal. Todavia, não deixa de ser um testemunho de que a crucificação ocorreu. "Thallus, no terceiro livro de suas histórias, explica que a escuridão foi como de um eclipse do sol, não razoável como parece ser, não razoável? Claro, porque um eclipse solar não pode ocorrer durante a lua cheia, e foi durante a lua cheia da páscoa que Cristo morreu."<sup>162</sup>

*Phlegon*, foi um historiador do I século. Suas crônicas estão perdidas, mas um fragmento foi preservado nos escritos de Julius Africanus. Ele cita Phlegon que confirmava a informação de que houve um eclipse solar durante o reinado de Tibério César. "Durante o tempo de Tibério César houve um eclipse solar durante a lua cheia", (7/IIB, sect. 256 f 16, p. 1165). Mais tarde, Phlegon é citado por Orígenes em *Contra Celsum*, Livro 2, sec. 14, 33, 59. "E comentando sobre o eclipse, Phlegon lembra em sua Olimpíadas (título de sua história), que o eclipse ocorreu durante a crucificação do Senhor Jesus Cristo..., e isto também está narrado nos registros históricos de Tibério César."(4/IIB, sect. 257 f. 16, c, p. 1165).<sup>163</sup>

*A carta de Mara Bar-Serapion*. McDowell disse que F. F. Bruce afirmou que há no Museu Britânico a carta de um homem sírio chamado Mara para seu filho Serapion. Esta foi escrita algum tempo depois de 73 A.D.. Mara tentava incentivar seu filho a continuar a buscar sabedoria, mostrando que os que perseguiram homens sábios como Sócrates, Pitágoras e o Cristo,

---

<sup>161</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*, UK, Alpha, 1993. p. 82.

<sup>162</sup> Ibid. p. 84.



foram depois perseguidos e punidos com calamidades. A carta é mais um testemunho histórico sobre a morte de Jesus,

Que vantagem os atenienses tiveram em matar Sócrates? Fome e praga vieram sobre eles como julgamento por seus crimes. Que vantagem tiveram os homens de Samos ao queimarem Pitágoras? Rapidamente a terra deles foi coberta por areia. Que vantagem tiveram os judeus ao matarem seu sábio rei? Depois disto, o reino deles foi abolido. Deus sabiamente vingou estes três homens sábios; os atenienses morreram de fome, os samianos foram destruídos pelo mar e os judeus foram expulsos de sua terra para a diáspora..., o rei sábio não morreu em vão, ele vive no ensino que deixou.<sup>164</sup>

Muito impressionante como comprovação histórica de que houve um Messias crucificado é o manuscrito de cinco linhas do Mar Morto, liberado somente em 1991. Este foi traduzido pelo Dr. Robert Eisenman, professor de Religiões do Oriente Médio da Universidade Estadual da Califórnia. Segundo Grant R. Jeffrey, autor cristão, há várias afirmações neste manuscrito que fazem referências ao Messias, tais como: a) houve um Messias que foi crucificado pelos pecados, referindo-se a Is. 53, que identifica o Messias com alguém que sofreria por pecados; b) fala dele como o tronco de Jessé, a raiz de Davi, referindo-se a Jr. 23:5; c) que foi traspassado, referindo-se ao Sl. 22:16; d) apresenta-o como líder da comunidade que foi morto, e) como o cetro, referindo-se a Gn. 49:10.<sup>165</sup> Não está preservada, no que sobrou neste pequeno manuscrito, a informação de que Jesus é o Messias. Apesar de que outras pessoas reivindicaram ser o Messias, somente um até hoje é reconhecido como tendo sido crucificado e que era descendente de Davi, Jesus de Nazaré. Este manuscrito do Mar Morto pode ser uma outra fonte histórica não bíblica sobre a crucificação e morte de Jesus.<sup>166</sup>

Vimos, portanto, que a crucificação e morte de Jesus foi testemunhada pelos seus discípulos, pelos romanos e judeus. O rigor romano em averiguar que o executado realmente estivesse morto, mais a avaliação médica atual, atestam que Jesus realmente morreu. Fontes extras bíblicas também confirmam que Jesus foi crucificado e morto.

#### 5. 2. 8 O procedimento judaico de sepultamento

McDowell demonstrou que as vezes pessoas pensam que os judeus não podiam sepultar Jesus no sábado. Na verdade, não havia restrição quanto a isto. O sepultamento para os

---

<sup>163</sup> Ibid. p. 84.

<sup>164</sup> Ibid. p. 85.

<sup>165</sup> Jeffrey, G. R. *A Assinatura de Deus*. São Paulo, Editora Bompastor, 1998. p. 104 e 105.

<sup>166</sup> Ibid. 105.

judeus era tão importante que podiam até mesmo enterrar alguém neste dia, fazendo todos os preparativos no corpo como era o costume. O que os judeus não podiam fazer era deixar o corpo no madeiro durante a noite no sábado ou em qualquer dia da semana, (Dt. 21:22-23).<sup>167</sup>

O sepultamento judaico teria dado a Jesus o golpe final e fatal caso Ele tivesse sobrevivido à crucificação, como Deedat e outros presumem.<sup>168</sup> McDowell mencionou que mesmo Deedat sabia que o preparativo judaico para o sepultamento utilizava 50 quilos de especiarias (ver também Jo. 19:39).<sup>169</sup> Estas especiarias, aplicadas ao corpo, eram associadas a uma substância cuja consistência era semelhante a cimento em sua propriedade de secar e grudar. Duas tiras de pano de 30 centímetros de largura eram enroladas ao corpo. Uma tira ao redor do corpo e a outra ao redor da cabeça prendendo as especiarias. As tiras grudavam ao corpo quando secavam devido à substância semelhante ao cimento, sendo impossível respirar nestas condições.<sup>170</sup> Teria alguém sobrevivido a este tipo de sufogamento, pelo modo de sepultamento judaico?

Percebemos pelo que foi apresentado por McDowell que teria sido impossível a uma pessoa sobreviver, após tudo o que ocorrera com Jesus:

1. Foi açoitado ao ponto de ter a costa aberta e ferida.
2. Foi em seguida perfurado nos braços e pernas.
3. Foi afixado na cruz.
4. Nesta posição teve seu lado perfurado com uma lança.
5. Em seguida, foi sepultado com 50 quilos de especiarias, presos e grudados ao corpo, inclusive na face. Não havendo de forma alguma a possibilidade de respirar caso ainda estivesse vivo na sepultura.

McDowell chega à conclusão, portanto, de que não há como negar após os açoites, crucificação e sepultamento judaico que Jesus estivesse realmente morto como testifica a Bíblia e a história.<sup>171</sup>

---

<sup>167</sup> Em Dt. 21:23 está escrito que o corpo não poderia ficar pendurado no madeiro durante a noite de qualquer dia da semana, pois era maldito todo corpo executado no madeiro. Se isto ocorre-se, a terra não seria amaldiçoada.

<sup>168</sup> Deedat A. *Crucifixion or Cruci-Fiction*, Durban, Islamic Propagation Centre International, 1984. p. 39-87.

<sup>169</sup> McDowell, J. e Gilchrits, J., *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 6.

<sup>170</sup> Ibid. p. 17.

<sup>171</sup> McDowell, J. e Gilchrits, J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 14-19.

### 5. 2. 9 O túmulo de Jesus

A proteção do túmulo deu-se por intermédio de uma pesada pedra, pela guarda e pelo selo romano.

A idéia que McDowell expôs neste ponto é que teria sido impossível o corpo de Jesus ter sido roubado após as medidas de segurança tomadas por Pilatos a pedido dos judeus. Se por um lado este fato está mais relacionado com a comprovação histórica da ressurreição de Jesus, este também é importante para nossa consideração, pois elimina qualquer sugestão de que se Jesus não tinha realmente morrido e foi depois ajudado a sair do túmulo e a se recuperar, como sugerido por Deedat.<sup>172</sup> Se Jesus realmente ressuscitou, então, é porque verdadeiramente morreu ao ser crucificado.

*O túmulo foi fechado com uma grande e pesada pedra.* McDowell mencionou que o evangelista Marcos diz que a pedra era muito larga (Mc. 16:4)<sup>173</sup>. Acrescentou que uma referência histórica originária de informações do I século afirma que a pedra não podia ser removida nem por 20 homens.<sup>174</sup> McDowell pensa que isto era um exagero. A pessoa, porém, enfatiza o ponto que a pedra era grande e pesada. Segundo McDowell, dois engenheiros não cristãos foram a Israel após ouvi-lo e calcularam que uma pedra para tapar um túmulo que tivesse 1 metro e 65 centímetros de largura (5 feet), medida regular das entradas dos túmulos judaicos na época, pesaria mais ou menos de uma a duas toneladas. Sendo assim, não teria sido fácil removê-la rapidamente sem ser notado pela guarda romana, assim como seria necessário várias pessoas para esta tarefa.<sup>175</sup>

---

<sup>172</sup> Ibid. p. 39-87.

<sup>173</sup> Foi necessário a McDowell abordar a questão do tamanho da pedra do túmulo de Jesus, pois Deedat havia previamente mencionado, que a pedra não era difícil de ser removida, pois foi rolada por José de Arimatéia, (McDowell, J. e Gilchrits J. *The Islam Debate*. Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 6-7). Baseou seu argumento em Mt. 27:60 e Mc. 15: 46, “E o depositou no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e, rolando uma *grande* pedra para a entrada do sepulcro, se retirou.” Deedat esqueceu de mencionar que em Jo. 19: 42, há a informação de que Nicodemos e José de Arimatéia, haviam depositado o corpo de Jesus no túmulo. A conclusão de Deedat foi que pedra não poderia ter sido muito pesada, pois José, (mesmo que ajudado por Nicodemos), foi capaz de rolá-la. A argumentação de McDowell nos parece razoável a luz da informação de que a pedra era grande. O fato de removê-la, não quer dizer que José não foi ajudado por outras pessoas. Percebemos que em Mateus e Marcos, não se menciona Nicodemos, mas em João sim, sendo que tanto em um texto como em outro, poderia não estar sendo mencionado ajudantes ou empregados de José de Arimatéia. Está escrito no texto que a pedra era grande, e grande pedras são pesadas. Percebemos na passagem sobre a ressurreição de Lazarus, que foi necessário mais de uma pessoa para remover a pedra, “tiraram, então, a pedra”, (Jo. 11: 41).

<sup>174</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*, UK, Alpha, 1993. p. 208. McDowell cita Codex Bezae in the Cambridge Library para provar a fonte de sua afirmação.

<sup>175</sup> McDowell, J. e Gilchrist, J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 17.

*O túmulo foi protegido por uma guarda romana.* Não somente a pedra era pesada, mas também foi designada uma guarda romana para proteger o túmulo. McDowell diz que a palavra grega usada é custódia. Esta é de origem latina.<sup>176</sup>

*O túmulo foi selado com a insígnia romana (Mt. 27:66).* McDowell diz que isto representava o poder e autoridade romana sobre o local, que estava sob sua proteção.<sup>177</sup> Em outras palavras, estava sob a responsabilidade do império romano.

No túmulo havia, portanto, um corpo sepultado segundo o procedimento judaico, uma grande pedra fechando a entrada, o selo com a insígnia romana e uma custódia de 16 soldados. Contudo, algo aconteceu. O túmulo ficou vazio exatamente como Jesus havia predito que, após três dias e três noites, ficaria. A comprovação da ressurreição de Jesus aponta para o fato que esteve morto após sua crucificação e paixão.

*Após três dias e três noites o túmulo ficou vazio, como Jesus disse que ocorreria.* A discussão do que realmente significa a expressão três dias e três noites se fez necessário, pois Deedat tentou invalidar o relato da ressurreição de Jesus com uma interpretação equivocada. Sua sugestão é a de que Jesus não ressuscitou literalmente em três dias e noites, ou seja, em 72 horas. Com isto, sugere que não teria se cumprido a palavra de Jesus, ficando implícito corrupção no texto do Novo Testamento.<sup>178</sup>

McDowell e outros apologetas cristãos, como Gilchrist, mostram que é necessário ter entendimento cultural da expressão que associa a um mesmo período de dias, o de noites, por exemplo, um dia e uma noite, ou três dias e três noites. Fica claro pelo que é exposto por eles que isto é uma expressão usada pelos judeus não significando literalmente um período exato de dias e noites. Deve ser entendida segundo o uso da época.<sup>179</sup>

---

<sup>176</sup> Ibid. p. 211. McDowell cita Mgr. E. Le Camus que disse que há discussão quanto à guarda ter sido de soldados romanos ou de soldados do templo. Contudo, a palavra koustodia é latina, indicando que os soldados eram romanos. Diz que a menção de um capitão na passagem de Mt. 28:14, nos inclina ainda mais para esta posição. Irem até Pilatos para pedirem por guardas também sugere que os soldados seriam romanos, (Le Camus, E. *The Life of Christ*. Vol. III. New York: The Cathedral Library Association, 1908).

<sup>177</sup> Ibid. p. 209. McDowell cita A. T. Robertson, que explicou que o selo era uma corda colocada horizontalmente através da pedra a semelhança de Dn. 6:17. A corda era selada com cera própria para isto, sendo que o ato de selar era feito na presença dos soldados romanos que ficavam responsáveis de guardar o local, que agora estava sob a autoridade do império romano, (Robertson, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. New York: R. R. Smith, Inc. 1931). McDowell afirmou que uma custódia era composta por 16 homens, bem treinados, que possuíam quatro tipos de armas. Normalmente seria muito difícil enfrentá-los, (Mt. 27:62-66).

<sup>178</sup> Deedat, A. *Crucifixion or Cruci-Fiction*. Durban, Islamic Propagation Centre International, 1984. p. 64-74.

<sup>179</sup> Gilchrist, J. *What Indeed Was The Sign of Jonah*. Benoni, Jesus to The Muslims. Qur'an and The Bible Series no. 2, 1990. p. 7.

McDowell ressalta que o Talmud e o Talmud Babilônico Jerusalém afirmam que para os judeus qualquer parte de um dia é contado como um dia. Então, de sexta até domingo conta-se três dias, apesar de que tanto a sexta como o domingo foram contados não como dias de 24 horas exatamente. Gilchrist mostra que esta expressão dia e noite, aparece em Ex. 24:18 (quarenta dias e quarenta noites), e em Jo. 1:17, (três dias e três noites), e em Jó 2:13 (sete dias e sete noites). O mesmo número de dias era utilizado com o mesmo número de noites. Este período de dias e noites não era necessariamente literal.<sup>180</sup>

Jesus disse três dias e três noites em uma passagem sobre a ressurreição, (Mt. 12:40), mas em outra deixa claro que sua ressurreição seria no terceiro dia, (Mt. 20:18-19), ou seja, três dias e três noites para Jesus é o mesmo que no terceiro dia. Por sua vez os judeus também expressam a mesma forma de entendimento quando dizem em Mt. 27:63: "O enganador disse que depois de três dias ressuscitaria." Contudo, pediram aos romanos para colocarem guarda no túmulo até o terceiro dia e não até depois do terceiro dia Mt. 27:64: "Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até o terceiro dia...." Neste caso vemos que até mesmo os judeus sabiam exatamente o que Jesus queria dizer com a expressão três dias e três noites, ou seja, esta significava até o terceiro dia.<sup>181</sup>

Gilchrist ressalta que a expressão, "E do modo porque Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o filho do Homem seja levantado" (Jo. 3:14), não deve ser entendida literalmente. A serpente estava sem vida e era de bronze. A semelhança neste caso era apenas no ato de ser levantado ao ser crucificado. Desta forma Mt. 12:40: "Porque assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra", não deve ser entendida literalmente em todos os sentidos, pois a semelhança neste caso é o período de tempo: três dias e três noites.<sup>182</sup> Esta era uma outra forma de dizer no terceiro dia como já vimos.

Os fatos quanto à ressurreição de Jesus provam que não havia como Jesus sair do sepulcro sem que tivesse havido o cumprimento de sua própria palavra de que iria ressuscitar no terceiro dia. Isto é bem importante, pois já sabemos que Ele foi crucificado e morto. Agora sabemos que teria sido impossível Jesus sair do sepulcro sem ser notado pela guarda e sem que se

---

<sup>180</sup> Ibid. p. 8.

<sup>181</sup> McDowell, J. e Gilchrist, J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 18.

<sup>182</sup> Gilchrist, J. *What Indeed Was The Sign of Jonah*. Benoni, Jesus to The Muslims. Qur'an and The Bible Series no. 2, 1990, p. 4-5.

fizesse um grande esforço para remover uma pedra grande, e sem romper a insígnia romana. As evidências são de que Jesus ressuscitou em comprimento a sua palavra, segundo o que estava profetizado (Sl. 16), após ter sido morto, segundo o que está registrado na Bíblia e na história.

#### 5. 2. 10 O cumprimento das profecias sobre a crucificação e morte do Messias

Este fato em si não foi abordado por McDowell durante o debate, provavelmente devido o fator tempo para cada participante. Percebemos, porém, que o mesmo é muito importante no desenvolver de sua apologia cristã. Tanto McDowell<sup>183</sup> como outros autores cristãos, o abordam em suas exposições sobre a crucificação e morte de Jesus.<sup>184</sup>

É interessante estudar o assunto das profecias do Velho Testamento cumpridas em Jesus de uma maneira mais completa, pois estas evidenciam que Ele era o Messias. São muitos os detalhes, fatos, vida, pessoa e obra do Messias revelados nas profecias. Contudo, nos deteremos somente nas profecias do Velho Testamento sobre o sofrimento do Messias. O cumprimento destas, especificamente em Jesus, ressalta e evidência que Ele era o Messias que deveria ser crucificado e morrer para perdão de pecados. Estas abordam seu sofrimento, crucificação, morte e detalhes envoltos em sua paixão.

As passagens são claras e falam por si mesmas. Por isso, nos limitaremos a citar a profecia e seu cumprimento como catalogadas pelos autores McDowell, Small, Gilchrist e outros..

O Messias seria traído por alguém que comeria com Ele (Sl. 41:9), cumprimento em Jo. 13:18-30.

O Messias seria traído por 30 moedas de prata (Zc. 11:12), cumprimento Mt. 26:14.

Com o dinheiro da traição do Messias, seria comprado um campo do oleiro (Zc. 11:13), cumprimento Mt. 27:3-8.

As ovelhas do Messias seriam espalhadas (Zc. 13:7), cumprimento Mc. 14:50.

O Messias não protestaria (Is. 53:7, 12), cumprimento Jo. 18:1-11 e Lc. 22:47-53.

As costas do Messias seriam açoitadas (Is. 50:6), cumprimento Mt. 27:26 e Jo. 19:1.<sup>185</sup>

---

<sup>183</sup> McDowell, J. *Evidence That Demands a Verdict*, UK, Alpha, 1993. p. 141-176.

<sup>184</sup> Jadeed, I. *The Cross In The Gospel and The Qur'an*. Texto extraído da internet em 10/09/1999. Answering Islam Homepage e Gilchrist J. *The Lamb Of God*. Também extraído em 10/09/1999. Answering Islam Homepage.

<sup>185</sup> Há outras profecias igualmente importantes e relevantes como: O Messias seria zombado e crucificado (Sl. 22:16-18), cumprimento Mt. 27:39-42. Cuspiriam no Messias (Is. 50:6), cumprimento Mt. 27:30. Dariam ao Messias vinagre para beber (Sl. 69:21), cumprimento Jo. 19:28. O Messias seria desfigurado (Is. 52:14), cumprimento através

O cumprimento de todas estas profecias em seus detalhes demonstram que o Messias passaria por sofrimento que incluiria sua crucificação e morte. A razão disto se dá pelo que foi profetizado em Is. 53, ou seja, o Messias morreria para que houvesse perdão de pecados. Isto também é evidenciado por todo sistema judaico de oferta substitutiva do livro de Levítico, em especial a oferta oferecida no dia de expiação (Lv. 16).

McDowell chega à conclusão, portanto, de que não há como negar que após os açoites, crucificação e sepultamento judaico Jesus estivesse realmente morto como testifica a Bíblia e a história.<sup>186</sup> Sua conclusão também tem o endosso das profecias do Velho Testamento.

---

de todos os fatos quanto a paixão de Jesus. O Messias morreria entre criminosos (Is. 53:9, 12), cumprimento em Mt. 27:38, Mc. 15:27 e Lc. 23:32. As mãos e pés do Messias seriam perfurados (Sl. 22:16 e Zc. 12:10), cumprimento Jo. 19:31-37, através do sistema romano de crucificação. Pessoas tirariam sorte para dividirem as roupas do Messias (Sl. 22:18), cumprimento Jo. 19:23-24, Lc. 23:34 e Mc. 15:24. O Messias não teria seus ossos quebrados (Sl. 22:17), cumprimento Jo. 19:32. O Messias estaria com o rico em seu sepulcro (Is. 53:9), cumprimento Mt. 27:57-60. O Messias ressuscitaria dos mortos (Sl. 16 e Is. 53:11-12), cumprimento Mt. 28, Mc. 16, Lc. 24 e Jo. 20.

## 6. AVALIAÇÃO

Vimos nos capítulos anteriores qual é a posição islâmica e a cristã quanto à crucificação e morte de Jesus. Ficou claro que são antagônicas, pois ou Jesus foi crucificado e morto ou não foi. Ambas as posições se alicerçam em seus livros sagrados, o Alcorão para os muçulmanos, a Bíblia e as evidências históricas para os cristãos. O problema é que estes livros e evidências divergem quanto ao que ocorreu com Jesus.

Neste capítulo faremos uma avaliação de ambas posições quanto à crucificação e morte de Jesus. Começaremos pela islâmica, depois avaliaremos a cristã.

Vimos que para os muçulmanos, o Alcorão em seu ‘status’ de palavra divina revelada, é preservado por Alá sem corrupção humana. Isto é a base para o surgimento da crença islâmica de que Jesus não morreu e nem foi crucificado. Há especificamente neste livro um verso que afirma isto: *quando, na realidade, não o mataram nem o crucificaram....* (Sura 4:157).

Avaliaremos a seguir alguns aspectos da posição islâmica quanto a crucificação e morte de Jesus.

*É crença de um verso só.* Percebemos que há ausência de outras passagens no Alcorão que ensinem ou apoiem esta posição islâmica. Ela depende unicamente de um verso do Alcorão.

Há outros versos, como o Sura 3:55 e 19:33, que fomentam a discussão sobre a morte de Jesus. Parece haver certa tensão até mesmo entre comentaristas muçulmanos, como Hayek e Ali, sobre Jesus já ter morrido ou não. Fica evidenciado que a morte de Jesus não é uma questão tão definida para os eruditos islâmicos. Parece haver incertezas e inseguranças sobre o que pode ter ocorrido com Ele. Mas, no geral crêem que Ele ainda não morreu.

Outras doutrinas islâmicas como a unicidade de Deus e a não divindade de Jesus possuem muito mais evidência no Alcorão.<sup>186</sup> Há falta de embasamento claro no Alcorão sobre Jesus não ter sido morto crucificado, mas substituído. A posição islâmica depende mais de interpretação e explicação das tradições do que do próprio Alcorão.

---

<sup>186</sup> McDowell J. e Gilchrits J. *The Islam Debate*, Here's Life Publishers, Inc, 1983. p. 14-19.

<sup>187</sup> Para unicidade de Deus veja Sura 112; 5:72; 4:48 e 4:171. Para não divindade de Jesus, veja 2:116; 5:119.6:101; 17:111; 2:136; 4:172.21:25; 43:81.



*A crença islâmica na não crucificação e morte de Jesus, requer que haja um substituto para Ele na cruz.* Uma vez que o Islamismo estabeleceu que Jesus não foi nem morto e nem crucificado pelo Sura 4:157, tornou-se necessário esclarecer o que realmente ocorreu com Ele.

Em princípio, parece que o Islamismo precisava explicar porque Jesus não foi crucificado, estabelecendo assim a verdade do Sura 4:157. A explicação surgida foi que houve um substituto para Ele. Não era possível negar o testemunho bíblico e histórico da crucificação. Sendo assim, a crença na substituição pode ser vista como uma maneira de justificar o Sura 4:157 pelo fato de haver tanta evidência à morte e crucificação de Jesus.

*A crença islâmica da substituição também é destituída de clara base alcorânica.* Não só a revelação quanto a não crucificação e morte de Jesus depende só do Sura 4:157. A crença na substituição também depende só deste mesmo verso. Embora essa informação não se encontre em nenhuma outra parte do Alcorão, mesmo assim os muçulmanos são levados a crer e a propagar que Jesus foi substituído por alguém parecido com Ele.

*A crença islâmica da substituição é subjetiva.* A cláusula da substituição *imaginaram apenas tê-lo feito*, que se encontra no Sura 4:157, não afirma de forma direta a idéia de que Jesus foi substituído. Esta cláusula poderia ter afirmado claramente que Jesus foi substituído por alguém, tornado semelhante a Ele. Isto não ocorre ali e nem em outra parte do Alcorão.

Devido à sua subjetividade, a cláusula da substituição poderia ser entendida de outras maneiras. Por exemplo, como a que sugerimos: *pensaram que haviam crucificado e matado a Jesus, porém, era apenas uma visão realística, não houve qualquer tipo de crucificação ou morte, foi apenas uma ilusão coletiva.* Desta maneira se negaria a crucificação e morte de Jesus sem ter de crer que alguém foi feito semelhante a Jesus e crucificado e morto no seu lugar. Vemos assim que a cláusula subjetiva no Sura 4:157 pode facilmente ser entendida de outra maneira. Como há muitas evidências da crucificação e morte de Jesus na cruz, e o Sura 4:157 nega isto, então, precisam explicar e justificar. Desta forma falar que tudo foi aparente cai bem.

*A crença islâmica não tem uma boa teoria de substituição.* Falta uma teoria convincente de substituição. Como já vimos no capítulo 4, há muitas teorias de substituição, mas suas fraquezas e dificuldades as impedem de serem boas opções quanto ao que ocorreu nos últimos momentos da vida de Jesus na terra. Tanto a teoria de que um dos discípulos foi conscientemente o substituto, como a sugestão de que teria sido um inocente desconhecido, ou

um homem mau, fosse ele Judas ou não, ou a idéia de que teria tudo sido invenção dos judeus, como disse Razi, são todas opções sem suficiente evidência. Aparentam mais ser especulações baseadas em tradições não bem fundamentadas.

No capítulo 4 ficou claro que as teorias de substituição possuem muitas dificuldades. Cria-se problema de consciência dos cristãos quanto à substituição, por ter Jesus pedido que um de seus discípulos o substituísse, havendo um voluntário entre eles. Cria-se também problema de consciência dos judeus. Segundo a sugestão de Razi, os judeus fabricaram a idéia de que Jesus havia sido crucificado e morto, após Ele ter sido elevado ao céu. Eles mataram e crucificaram alguém dizendo ser Jesus. Segundo Razi, não se podia mais perceber que aquela pessoa não era Jesus, devido ao desfiguramento provocado pelas aflições. O problema de consciência da substituição de Jesus por parte de cristãos e judeus, é o conflito disto com o final do Sura 4:157. Neste encontra a informação de que houve conjecturas quanto à morte de Jesus, o que leva a necessidade de se admitir falta da consciência dos judeus e cristãos quanto à substituição, como percebeu Tabari. Mas se estavam conscientes, então final do Sura 4:157 não faz sentido.

Quando resolve-se o problema da consciência de judeus e cristãos apresentando-se uma outra opção, torna-se Deus autor da morte de um inocente. Nesta opção, Deus teria permitido que alguém morresse no lugar de Jesus, sendo que poderia ter livrado Jesus com seu poder, sem que aquela pessoa tivesse que ter sido feita parecer com Ele. Esta opção faz Deus autor da morte de um inocente. Define-o também como autor de engano ao permitir que tantos fossem ludibriados sobre o que realmente aconteceu com Jesus. Segundo esta opção, Alá teria esclarecido isto seis séculos depois, com uma revelação dada a Mohammad no Sura 4:157. Nota-se que segundo esta opção, a substituição não ficou clara na ocasião, bem como não houve razão para a mesma, pois Alá poderia ter livrado Jesus de uma outra maneira. Por quê então permitir que um inocente morresse?

Para resolve-se o problema da culpabilidade de Alá, sugere-se que o substituto era um homem mau que deveria morrer. Mesmo assim continua intacto o problema de seu engano, pois Alá ao fazer com que um homem mau como Judas, por exemplo, fosse o substituto, estaria se comportando estranhamente, pois deixava que tantos pensassem que era Jesus o crucificado e morto, quando não era. Não seria isto engano? Por quê tanto segredo por parte de Alá? Se quisesse elevar Jesus ao céu livrando-o da crucificação e morte, que o fizesse, mas porque deixar que tantos pensassem que Jesus foi crucificado e morto, quando na verdade era um substituto,

mesmo que este fosse mau? Como já mencionado, Alá só esclareceu isto com a revelação dada a Mohammad no Sura 4:157, seis séculos depois da suposta crucificação e morte de Jesus.

Soma-se a estas dificuldades as que foram apresentadas por Razi. Entre elas, principalmente o problema causado pela troca de identidade quando Zaid não é Zaid. A Razi preocupava-se com o problema que isto produz, pois se Alá muda a aparência das pessoas, como poderíamos confiar em documentos ou relatos históricos, quando as pessoas poderiam não ser quem pareciam? Razi também ressaltou os problemas como a culpabilidade de Alá e seu engano.

A solução do Evangelho de Barnabé, documento de autor desconhecido, mas dado como sendo da idade média, volta a fazer Deus autor de engano. Esta resolve o problema da culpabilidade de Alá, sugerindo que o substituto era Judas Iscariotes, um homem mau. Mas, entra em conflito com uma antiga tradição que dizia que ele havia cometido suicídio, como vimos no capítulo 4. Soma-se a esta dificuldade do EB outras próprias de um livro que não é autêntico (segundo evidências externas e internas). Várias destas dificuldades foram especificadas no capítulo 4, como seus problemas geográficos, quando afirma estar Jerusalém e Nazaré à beira mar, ou seus problemas históricos, quando coloca fariseus e Elias num mesmo período histórico. Estas e outras dificuldades facilmente provam que o EB é uma farsa.

Não pudemos encontrar entre as teorias de substituição uma boa opção que justifique a crença islâmica da substituição de Jesus. Concluimos que estas não são válidas para esclarecer a informação do Sura 4:157 que nega a crucificação e morte de Jesus.

A teoria do desmaio é a única versão islâmica que procura negar que Jesus não morreu, apesar de ter sido crucificado. Mas esta contraria o Sura 4:157 por diz este que Jesus não foi crucificado.

*A crença islâmica assemelha-se ao Gnosticismo mas não pode apoiar-se neste.* Há semelhança entre a crença islâmica da substituição e a gnóstica. Mas esta não fortalece a posição islâmica, pela dificuldade que gnosticismo apresenta ao Islamismo. O Gnosticismo admite a existência de muitos deuses, contrariando as crenças centrais do Islamismo.<sup>188</sup> No Islamismo, só Alá é Deus segundo Sura 112 e outras passagens. Veja nota 187.

---

<sup>188</sup> Irineus, *Against Heresies, vol i*, The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999). Neste volume Irineu catalogou as várias formas de Gnosticismo com suas muitas variações de crenças sobre o surgimento do universo e dos Aeons, com suas subseqüentes crenças de que a matéria é má e por isso Jesus não poderia ter se encarnado.

O Islamismo também se depararia com uma dificuldade que a crença gnóstica possui. Apesar de que a posição gnóstica é semelhante à islâmica de que houve uma crucificação aparente de Jesus, esta baseava-se na crença de que a matéria é má. O Gnosticismo não apresentou nenhuma prova histórica que comprovasse sua posição. Mas por ensinar que a matéria era má e que Jesus era puro e perfeito, este não poderia ter se encarnado, pois carne é matéria. Por não ter tido um corpo físico, Jesus não poderia ter sido crucificado. Isto era dedução e não comprovação histórica. Portanto, a posição gnóstica não é de nenhum proveito para o Islamismo apoiar sua posição de que Jesus não foi nem crucificado e nem morto.

*A crença islâmica é destituída de apoio dos Pais da Igreja.* A crença islâmica não possui o apoio dos Pais da Igreja, que estavam bem mais próximos dos fatos. Pessoas como Policarpo, Inácio e Irineu falaram e escreveram sobre a crucificação e morte de Jesus. Jamais ensinaram que Jesus foi substituído, que é a posição islâmica.

*A crença islâmica é destituída do testemunho de historiadores não cristãos.* Falta ao Islamismo o testemunho de historiadores não cristãos do primeiro século em diante. Nenhum historiador dos primeiros séculos atestou que Jesus não foi crucificado e nem morreu, ou que foi substituído na cruz. As fontes islâmicas para a negação da crucificação e morte de Jesus são todas pós Mohammad, muito séculos depois de Jesus e longe da terra onde os fatos ocorreram.

*A crença islâmica é destituída de tradições não islâmicas que atestem que Jesus está vivo, por não ter morrido ainda.* As tradições islâmicas que dizem que Jesus está vivo no céu e voltará neste estado também são destituídas de comprovação histórica.

*A crença islâmica apoia-se somente em convicção religiosa.* Por contrariar evidências históricas e testemunhos da época da crucificação, o Islamismo fica somente com a opção de crer na substituição de Jesus como convicção puramente religiosa. Esta é a única maneira de se aceitar a informação do Sura 4:157 sem encontrar problemas históricos ou morais.

Passemos a avaliar a posição cristã.

O entendimento cristão sobre a crucificação e morte de Jesus é que Ele foi crucificado e morto na cruz.

Em princípio a posição cristã corre o mesmo risco que a islâmica, podendo ser mera convicção baseada em um livro tido pelos cristãos como sagrado. Contudo, a posição cristã possui algumas vantagens em relação à islâmica.

*A crença cristã tem ampla base bíblica.* Crer que Jesus foi crucificado e morto não é princípio que se baseie em um único verso da Bíblia. O assunto é amplamente explanado nos Evangelhos e epístolas. Vários capítulos dos Evangelhos abordam os últimos fatos da vida de Jesus. Os Evangelhos Mateus, Marcos, Lucas e João concordam com a seqüência dos fatos. Jesus foi preso, julgado, crucificado, morto e ressurrecto. O apologista muçulmano Ahmed Deedat procura defender a teoria do desmaio utilizando-se dos Evangelhos. Contudo, seus argumentos negam a lógica natural dos fatos narrados e a informação claramente contida nos Evangelhos, de que Jesus foi preso, julgado, falsamente condenado, maltratado, crucificado, morto, sepultado e ressurrecto. Uma mera leitura dos Evangelhos demonstra que é isto o que queriam narrar e registrar, como já vimos no capítulo 5.

A menção da morte e crucificação de Jesus na Bíblia, não se limita somente aos relatos dos últimos momentos de sua vida. O apologeta cristão Josh McDowell mostra que Jesus não estava com medo de morrer. Ele mencionou sua morte e sua crucificação várias vezes. (Na nota 122, página 50, estão mencionadas várias passagens que mostram que Jesus estava consciente do tipo de morte pela qual passaria).

A morte e crucificação de Jesus, com vários detalhes estavam também profetizadas no Velho Testamento (como mencionado nas páginas 69-70).

*A crença cristã possui inúmeras testemunhas.* A crucificação e morte de Jesus foi testemunhada por inúmeros discípulos, judeus, autoridades romanas e historiadores. Estão incluídos como testemunhas os opositores do Evangelho no primeiro século, os judeus, historiadores romanos (que não eram cristãos) e o historiador judeu, Flávio Josefo. Estes testemunharam sobre a crucificação e morte de Jesus, (páginas 60 a 64). Recentemente tem surgido até mesmo evidência da morte e crucificação de Jesus nos rolos do Mar Morto, (64).

A crucificação e morte de Jesus foi confirmada pelos Pais da Igreja como Irineu, Inácio e Policarpo, (páginas 44 a 48).

*A crença cristã tem apoio no modo de sepultamento judaico.* A morte de Jesus é também evidenciada pelo sistema judaico de sepultamento. Este não deixou a Jesus nenhuma possibilidade de ter ser mantido vivo na sepultura. Sua face e corpo foram enrolados em lençóis, juntamente com uma substância à semelhança de cimento. Não havia a possibilidade de continuar respirando na sepultura, (páginas 64-65).

*A crença cristã tem apoio nas medidas de segurança para o túmulo de Jesus.* A possibilidade de Jesus ter sido roubado do túmulo era inexistente. Havia a presença de uma custódia guardando o túmulo, (página 67). Além disto, a pedra era muito pesada, exigindo que muitos fizessem o serviço de rolá-la, (página 66). Estas evidências deixam claro que Jesus não podia ter desmaiado e saído do túmulo sozinho.

Percebemos que o entendimento cristão sobre a crucificação e morte de Jesus é bem mais embasado do que o islâmico. Não deixa de ser convicção religiosa baseada em textos bíblicos, mas tem além disso, base histórica em testemunhas oculares, historiadores não cristãos e mais afirmações dos Pais da Igreja.

Vimos, então, que o entendimento islâmico sobre a crucificação e morte de Jesus não é consistente:

1. Com as testemunhas oculares, discípulos e apóstolos;
2. Com o testemunho dos judeus que na ocasião eram contra o Evangelho;
3. Com o testemunho dos soldados romanos;
4. Com o testemunho dos Pais da Igreja;
5. Com testemunho de historiadores não cristãos;
6. Com o testemunho da Bíblia, livro anterior ao Alcorão em seis séculos;

Além disto a posição islâmica não é bem embasada em seu próprio livro sagrado, o Alcorão e não possui uma boa teoria de substituição.

Concluimos que o entendimento cristão quanto à crucificação e morte de Jesus tem evidências bíblicas e extra bíblicas e é consistente:

1. Com muitas passagens no seu livro sagrado;
2. Com testemunhas oculares cristãs e não cristãs, incluindo discípulos, apóstolos, judeus, soldados e autoridades romanas e historiadores não cristãos;
3. Com a forma judaica de sepultamento na época.

Temos estabelecido, então, que há uma superioridade da posição cristã em termos de evidência histórica e base no texto sagrado quanto à crucificação e morte de Jesus, em relação a islâmica.

## 7. CONCLUSÃO

Tendo-nos proposto definir e avaliar a posição islâmica e a cristã quanto à crucificação e morte de Jesus, fizemo-lo com a intenção de entendê-las com a finalidade de dar aos cristãos brasileiros boas condições para comunicar a verdade cristã sobre a crucificação e morte de Jesus aos muçulmanos.

Procedemos da seguinte maneira: primeiro definimos qual é a posição islâmica, em seguida a cristã e depois fizemos nossa avaliação e demos nossa sugestão de princípios a serem observados na evangelização de muçulmanos.

A posição islâmica foi demonstrada ao longo dos capítulos segundo ao quarto. Definimos, no segundo, a perspectiva islâmica do Alcorão como palavra de Deus, pois é nesse contexto que surgiu a crença de que Jesus não foi nem crucificado e nem morto e sim substituído.

Quanto ao Alcorão como palavra de Deus numa perspectiva islâmica, nos baseamos no que é afirmado por Ahmed Deedat, Sheikh Mahairi, Samir El Hayek, A. Yusuf Ali e outros, de que o Alcorão foi revelado à humanidade por Alá em verdade. Ele fez descer as Tábuas eternas à atmosfera terrestre. De lá, através do anjo Gabriel ao longo de 23 anos o transmitiu a Mohammad. Este o deixou como um legado à humanidade, sem nenhuma interferência humana, e sem ter sido corrompido ou falsificado. Por isso, o que no Alcorão está contido possui, no entendimento dos muçulmanos, autoridade e credibilidade como palavra revelada de Deus, sem corrupção. A fonte e autoria do Alcorão é Alá, que o revelou e o preservou.

Uma vez estabelecido que no entendimento islâmico o Alcorão é a palavra de Deus no segundo capítulo, criamos assim a base para entender qual é a fonte islâmica para a idéia de que a crucificação de Jesus foi somente aparente. Esta fonte é o Alcorão em seu *status* de palavra divina para os muçulmanos. Mais especificamente nos referimos a uma passagem do Alcorão, o Sura 4:157.

A consideração do Sura 4:157 foi feita no capítulo terceiro, pois a partir deste Sura surge, no entendimento islâmico, a idéia de que Jesus não foi crucificado mas, sim, substituído, tendo sido aparentemente crucificado. A existência no Sura 4:157 da cláusula da substituição, (*wa laakin shubbila lahum, assim foi lhes feito parecer,*) dá origem à crença islâmica da substituição. Apesar desta cláusula ser subjetiva, é entendida por muçulmanos como contendo a informação de que Jesus foi substituído. Contudo, o Alcorão não define em nenhuma parte quem foi o substituto dele na cruz. Ficou claro neste capítulo que a posição islâmica não possui outra base alcorânica além do Sura 4:157.

Mostramos também que, uma vez que o Islamismo nega através do Sura 4:157 que Jesus foi crucificado e morto na cruz, que há disputas entre eles quanto a Jesus já ter passado ou não por morte física. Contudo, no geral, vimos que devido ao Sura 4:157 e a influência das tradições aceitas, muçulmanos crêem que Jesus ainda não morreu, vindo a fazê-lo quando voltar.

Consideramos no quarto capítulo as várias teorias islâmicas de substituição. Estas são resultantes da cláusula da substituição existente no Sura 4:157. Ficou claro que não consistem em boas opções ao que ocorreu com Jesus, devido às suas inúmeras dificuldades.

Vimos que as fragilidades das teorias de substituição são as seguintes: 1) Jesus permite que seus discípulos se tornem conscientes de que haveria uma substituição, criando problemas com o Sura 4:157 onde há a informação de que houve conjecturas sobre o que teria ocorrido com ele; 2) Alá transforma alguém à semelhança de Jesus. Porém, neste caso, torna-se injusto, ao levar a morte um inocente; 3) Alá é autor de engano ao fazer muitas pessoas pensarem que Jesus estava sendo crucificado quando não estava; 4) Alá faz a semelhança de Jesus cair sobre um malfeitor. Neste caso, cria-se o problema de identidade, assim como outros expostos por Razi, como visto nas páginas 29-30 deste trabalho; 5) A solução de Razi transfere a culpa do engano que estava sobre Deus para os judeus. Mas, entra em dificuldade com o Sura 4:157 onde está afirmado que houve conjecturas por não estarem cristãos e judeus conscientes de que Jesus havia sido substituído; 6) O Evangelho de Barnabé tem pouco a acrescentar, pois é mais uma teoria de um malfeitor morrendo no lugar de Jesus. Possui todas as dificuldades expostas por Razi. Também possui as dificuldades de um livro não autêntico, segundo as evidências internas e externas. Entre elas a opção segundo o EB é a mais problemática, mesmo que seja a mais popular. Esta teoria apresenta dificuldades próprias de um livro que não é autêntico, segundo evidências internas e externas, contendo sérias dificuldades históricas e geográficas; 7) Com a falta de explicações razoáveis quanto a substituição de Jesus, a teoria do desmaio começa a ser divulgada por centros islâmicos, como o de Durban na África do Sul. Mas não é nem islâmica e nem cristã. Porém não deixa de ser uma saída ao beco em que se encontram as teorias de substituição. Neste caso, presume-se que Jesus foi crucificado mesmo que isto não seja islâmico. A teoria do desmaio tenta minar a posição bíblica de que Jesus morreu crucificado. Não nega a crucificação como fato, uma vez que as teorias de substituição não dão base para isto, mas nega que Jesus tivesse passado por morte física na cruz. Neste caso, Jesus teria sido crucificado, mas não morreu na cruz. Ele teria sobrevivido à crucificação, após ter sido ajudado por seus



seguidores. Assim permaneceu vivo até que Alá o elevou ao céu. Contudo, esta teoria do desmaio é anti-islâmica por contrariar o Sura 4:157. Não fica bem para Deedat, portanto, tentar atacar a morte de Jesus através desta teoria, pois está em contradição com o Sura 4:157.

Ficou claro, então, que as teorias de substituição não consistem em boas explicações sobre o que ocorreu com Jesus em seus últimos momentos de vida, pois possuem muitas dificuldades, sem documentação histórica que as consolidem. Vieram a existir como uma tentativa de explicar como Jesus teria sido substituído, segundo a cláusula da substituição do Sura 4:157, mas possuem muitas dificuldades.

Em contraposição à posição islâmica quanto à crucificação e morte de Jesus, consideramos a posição cristã.

No quinto capítulo explanamos a posição cristã como definida por Josh McDowell, no debate com Ahmed Deedat em Durban RSA em 1981. Na ocasião, ele explanou e demonstrou as evidências bíblicas e extras bíblicas da posição cristã, demonstrando que Jesus de fato morreu crucificado, segundo o testemunho dos discípulos, apóstolos, autoridades romanas, dos judeus e de historiadores não cristãos. Estão incluídos como testemunhas, então, os opositores do Evangelho no primeiro século, os judeus, historiadores romanos (que não eram cristãos) e o historiador judeu Flávio Josefo. Estes testemunharam sobre a crucificação e morte de Jesus, (páginas 60-64). Recentemente tem surgido até mesmo evidência da morte e crucificação de Jesus nos rolos do Mar Morto, (página 64).

Vimos também que a crucificação e morte de Jesus foi confirmada pelos Pais da Igreja como Irineu, Inácio e Policarpo, (páginas 44 a 48).

Além destes testemunhos, vimos que a crença cristã tem apoio no modo de sepultamento judaico. Este não deixaria a Jesus nenhuma possibilidade de ter ser mantido vivo na sepultura. Sua face e corpo foram enrolados em lençóis, juntamente com uma substância semelhante ao cimento. Não havia a possibilidade de continuar respirando na sepultura, (página 64-65).

Vimos, então, como a possibilidade de Jesus ter sido roubado do túmulo era inexistente, devido as medidas de segurança em seu túmulo, a pedido dos judeus. Havia a presença de uma custódia guardando o túmulo, (página 67). Além disto, a pedra era muito pesada, exigindo que muitos fizessem o serviço de rolá-la, (página 66). Estas evidências deixam claro que Jesus não podia ter desmaiado e saído do túmulo sozinho ou ajudado, sem ser notado,

ao mesmo tempo que não teria condições físicas de rolar uma pedra tão pesada, após tanto sofrimento.

Mostramos que McDowell concluí que, segundo as evidências bíblicas e extras bíblicas, dos nove pontos apresentados por ele durante o debate com Ahmed Deedat, e pelo décimo por nós acrescentado, que de fato Jesus foi crucificado e morto na cruz. Pois foi açoitado ao ponto de ter a costa aberta e bem ferida. Em seguida foi perfurado nos braços e pernas, sendo afixado a uma cruz. E nesta posição, teve também seu lado perfurado com uma lança. Em seguida, foi sepultado com 50 quilos de especiarias, totalmente envoltos, presos e grudados ao corpo, inclusive na face, não havendo de forma alguma a possibilidade de respirar, caso ainda estivesse vivo na sepultura. Não haveria igualmente a possibilidade do corpo de Jesus ter sido roubado, pois seu túmulo foi muito bem guardado por uma pesada pedra e por soldados romanos. Além disto, a crucificação e morte de Jesus possui também o endosso das profecias do Velho Testamento e de testemunhas não cristãs.

No sexto capítulo, em nossa avaliação, demonstramos que a posição islâmica tem inconsistências: 1) É destituída de maior embasamento alcorânico. Isto serve para os três aspectos da mesma: tanto para sua negação de que Jesus não foi nem crucificado e nem morto, como para a crença de que Ele teria sido substituído. Estes três aspectos são dependentes de um único verso do Alcorão, o Sura 4:157; 2) É destituída de testemunho histórico; 3) A cláusula da substituição é bem subjetiva; 4) A cláusula da substituição parece ser sido usada para justificar e explicar o Sura 4:157; falta-lhe, porém, embasamento histórico, além de alcorânico; 5) Carece de uma convincente teoria de substituição; 6) Não pode firmar-se no Gnosticismo; 7) Carece de apoio dos Pais da Igreja e 8) Consiste em mera convicção religiosa, sem evidências que a fortaleçam.

Por outro lado, ressaltamos que a posição cristã tem vantagens: 1) Esta bem embasada em seu livro sagrado, a Bíblia; 2) Possui o testemunho dos discípulos e apóstolos de Jesus, dos judeus, soldados e autoridades romanas, de historiadores não cristãos e dos Pais da Igreja; 3) O sepultamento judaico também fortalece a idéia de que Jesus estava morto no túmulo, pois sua característica não permitia a um sepultado respirar e 4) Possui apoio em textos não bíblicos, inclusive em um manuscrito do Mar Morto.

Percebemos que a posição islâmica, mesmo não tendo a intenção de apoiar a cristã, acaba por fim prestando este serviço, devido às fragilidades já mencionadas e consideradas ao longo dos respectivos capítulos.

Uma vez demonstrado que os fatos da crucificação e morte de Jesus estão bem evidenciados, esperamos que cristãos consigam com a ajuda deste material, apresentá-los a muçulmanos.

Esperamos que muçulmanos percebam que o Cristianismo está baseado em evidências e no uso da razão, sendo a opção certa para os que procuram os verdadeiros fatos sobre os últimos momentos de Jesus na terra. Isto é importante, pois somente Jesus “é o caminho, a verdade e a vida” (Jo. 14:6). Sem ele é impossível encontra-se com Deus.

## APÊNDICE

### SUGESTÕES DE COMO APRESENTAR A VERDADE CRISTÃ AOS MUÇULMANOS

Percebemos que a crença de um muçulmano quanto à crucificação e morte de Jesus é baseada em seu livro sagrado, especificamente no Sura 4:157. Mesmo que esta crença apresente dificuldades (como vistas ao longo dos capítulos 2 a 4) ainda é aceita com paixão e convicção pelos muçulmanos. Evangelizá-los, então, é se deparar com pessoas que realmente crêem no que está no Sura 4:157.

Não há no contexto islâmico a ajuda de um fundo cultural católico facilitando a evangelização por ensinar verdades básicas do Cristianismo, como a Trindade, a divindade de Jesus, assim como sua crucificação e morte. Pelo contrário, evangelização neste caso se depara com mentes cauterizadas por informações não bíblicas e sem embasamento, como é o caso da posição islâmica quanto à crucificação e morte de Jesus.

Neste contexto, quero tentar definir como melhor apresentar a verdade cristã sobre o assunto para muçulmanos. O farei sugerindo princípios abaixo.<sup>189</sup>

*Conhecer a posição islâmica.* Estudar e entender bem a posição islâmica sobre a crucificação e morte de Jesus.

*Ter paciência quando lidar como pessoas de fortes convicções não cristãs.* Deve-se estar consciente que muçulmanos, como pessoas de convicção, não deixarão que se termine facilmente a linha de raciocínio ao expor-se a posição cristã. Entendem que esta faz afirmações muito erradas, quando diz que Jesus morreu crucificado. Neste caso, deve-se ter paciência até que se consiga falar, mesmo que demore alguns dias ou meses. Não se ofender caso seja insultado é importante. Desta maneira fica-se com uma porta aberta para o testemunho.

1. *Estar consciente que muçulmanos estão fechados para o Evangelho.* As mentes dos muçulmanos estão cauterizadas pelo ensino islâmico e fechadas para o ensino cristão, segundo a influência do Alcorão e das tradições islâmicas em seus pensamentos.
2. *Demonstrar a fragilidade alcorânica e histórica da posição islâmica, não*

---

<sup>189</sup> Há outros princípios como 1) Lembrar que conversão é obra de Deus. A argumentação sobre um ponto pode ser uma ponte para conversão, mas isto não pode ser feito com um espírito bélico, como se fosse importante ganhar uma discussão, mas fechando uma porta de relacionamento e testemunho cristão. 2) Oração, santidade e bom testemunho cristão são princípios básicos e necessários para qualquer evangelização. Por isso, não foram listados em especial.

*possuindo uma boa teoria de substituição.* Quando necessário e aos poucos, ficando alerta para sentir se está havendo ofensa ou não, mostrar as dificuldades do ensino islâmico quanto à crucificação e morte de Jesus, como demonstrado nos capítulos 2 a 4 e nesta avaliação. Já vimos o quanto a posição islâmica não está bem embasada e possui dificuldades como, a) é crença de um verso só, b) é destituída de tradições não islâmicas que atestem que Jesus está vivo, por ainda não ter morrido por crucificação, c) requer que haja um substituto para Jesus na cruz, a fim de justificar o Sura 4:157 em face das muitas evidências bíblicas e extra bíblicas à crucificação e morte de Jesus, d) é subjetiva, e) é destituída de uma boa teoria de substituição, f) falta-lhe o testemunho e apoio dos Pais da Igreja, que estavam bem mais próximos dos fatos, g) é destituída do testemunho de historiadores não cristãos que a apoiem, h) assemelha-se ao Gnosticismo, mas não pode apoiar-se neste, por ser o Gnosticismo politeísta i) apoia-se somente em convicção religiosa. Através da explanação destes pontos, espera-se mostrar que a posição islâmica não é bem fundamentada em seu próprio livro sagrado, na história e não possui uma boa teoria de substituição.

3. *Demonstrar o quanto a posição cristã está mais alicerçada na Bíblia e na história, gozando de vários testemunhos da sua veracidade.* Através de relacionamentos duradouros e aos poucos, conforme se tem estabelecido condições para diálogo saudável onde há boa interação de idéias, mostrar a relevância da verdade cristã, demonstrando não só sua base bíblica, como extra bíblicas. O subsídio para isto encontra-se no capítulo 5 deste trabalho. Na ocasião vimos os dez fatos que evidenciam que a posição cristã, os quais são: a) Jesus não estava com medo de morrer; b) Jesus não se escondeu para evitar sua morte; c) os judeus não foram culpados da crucificação de Jesus; d) os cristãos são chamados à uma fé inteligente e intelectual; e) a exatidão histórica da Bíblia; f) Cristo foi crucificado; g) Jesus morreu; h) o procedimento judaico de sepultamento e i) o túmulo de Jesus foi totalmente protegido. Somamos a estes um décimo fato, as evidências do cumprimento das profecias. Este nos dá uma boa oportunidade de explicar o propósito da morte de Jesus, pois estava profetizado o tipo de morte do Messias e seu propósito, por exemplo, em Is. 53, como sacrificio de um cordeiro

para remissão de pecados. A idéia é mostrar que a posição cristã é bem alicerçada, na Bíblia e na história, enquanto que a islâmica não é consistente a) com as testemunhas oculares, discípulos e apóstolos, b) com o testemunho dos judeus que na ocasião eram contra o Evangelho, c) com o testemunho dos soldados romanos, d) com o testemunho dos Pais da Igreja, e) com testemunho de historiadores não cristãos, f) com o testemunho da Bíblia, livro anterior ao Alcorão em seis séculos.

Ainda que os princípios acima não sejam os únicos. Entendemos que compõem uma receita básica para a apresentação deste material a muçulmanos.

## BIBLIOGRAFIA

- Ali, A. Yusuf. *The Holy Qur'an*. 4<sup>a</sup>. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International, 1993.
- Abdulaah, M. *What Did Jesus Really Say?* MI, USA, International Media Group, 1996.
- Anderson, M. *The Light and Fragrance of God*. Answering Islam Homepage, 1999.
- Katz, J. *Theory 2*. Answering Islam Homepage, 1999.
- Annaduy, A. H. *O Islã e o Mundo*. São Bernardo, Centro de Divulgação do Islã Para a América Latina. Sem ano de publicação.
- Assamad, A. U. *O Islã e o Cristianismo*. São Bernardo do Campo, Editora Makka, 1991.
- Barcus, J. e Small, K. *The Gospel of Barnabas: Bad News For Muslims And Christians*. Answering Islam Home Page, 1999.
- Bucaille, M. *A Bíblia, O Alcorão e A Ciência*. Trad. Samir El Hayek. São Bernardo, Provo Gráfica Ltda. Sem ano de publicação. Divulgado Pelo Centro de Divulgação do Islã Para a América Latina em São Bernardo do Campo, SP.
- Challita, M. *O Alcorão*. Rio de Janeiro, Associação Cultural Internacional Gibran. Sem ano de publicação.
- El Hayek, S. *O Significado dos Versículos do Alcorão Sagrado*. 1<sup>a</sup> ed.. São Paulo, Marsam Ed. Jornalística, 1994.
- Da Silva, Esequias Soares. *Como Responder às Testemunhas de Jeová*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo, Ed. Candeia, 1995.
- Deedat, A. *Al-Qur'an The Miracle of Miracles*. 4<sup>th</sup> edition. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International, 1997.
- Deedat, A. *Crucifixion or Cruci-Fiction*. 1<sup>st</sup>. Durban, RSA, Islamic Propagation Centre International, Durban, RSA, 1984.
- Fares, M. A. *Islamismo Mandamentos Fundamentais*. MS Indústria Gráfica e Editora Monte Santo Ltda. Sem ano de publicação. Divulgado Pelo Centro de Divulgação do Islã Para a América Latina em São Bernardo do Campo, SP.
- Folheto No. 2*. São Bernardo, Centro de Divulgação do Islã Para a América Latina.
- Gilchrist, J. *The Crucifixion of Christ: A Fact, Not Fiction*. Pretória, RSA, Eternal Life Outreach, 1990.

Gilchrist, J. *The Christian Witness To The Muslim*. Benoni, RSA, Roodepoort Mission Press, 1988.

Grillmeier, A. *Docetism, New Dictionary of Theology*. Leicester, England, Inter - Varsity Press, 1988.

Ignatius, *The Epistle Of Ignatius To The Ephesians*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999).

Ignatius, *The Epistle Of Ignatius To The Philadelphians*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999).

Ignatius, *The Epistle Of Ignatius To The Trallians*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999).

Ignatius, *The Epistle Of Ignatius To The Magnesians*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999).

Ignatius, *The Epistle Of Ignatius To The Smyrnaeans*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999).

Irineu, *Against Heresies*. Book I, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999).

Irineu, *Against Heresies*. Book III, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999).

Jadeed, I. *The Cross In The Gospel and The Qur'an*. Rikon - Switzerland., The Good Way.

Jadeed, I. *The Gospel of Barnabas "A False Testimony"*. Rikon-Switzerland, The Good Way.

Mahairi, S. *O Caminho Para o Islamismo*. 1<sup>a</sup> ed.. São Bernardo, Centro de Divulgação do Islã Para a América Latina, 1977.



- McDowell, J. *Historical Evidences For The Christian Faith*. Harpenden, England, Alpha, 1993.
- McDowell, J. e Gilchrist, J. *The Islam Debate*. Here's Life Publishers, Inc, 1983. Answering Islam Homepage, 1999.
- Nehls, N G. *Christians Answer Muslims*. Bellville, RSA. Evangelical Mission Press, 1988.
- Nehls, N. G e Walter, E. Walter. *Islam As It Sees Itself As Others See it As It Is*. Nairobi, Life Challenge, 1994.
- Polycarp, *The Epistle of Polycarp To The Philippians*, de The Ante-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson (Edinburgh: T&T Clark, sem data; reimpressão. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans publishing company, sem data; reimpr. <http://ccel.wheaton.edu>: Christian Classics Ethereal Library 1999).
- Small, K. E. *Evidence For The Death Of Jesus On The Cross*. 30/05/96. Answering Islam Home Page, 1999.
- Small, K. E. *The Historical Reliability of the Gnostics Gospel Compared To The Canonical Gospels*. 24 April 1996, Answering Islam Home Page, 1999.